

ELDA VASQUES AQUINO

**EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA e os PROCESSOS PRÓPRIOS
DE APRENDIZAGENS: espaços de inter-relação de conhecimentos na
infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na Comunidade Indígena de
Amambai, Amambai - MS.**



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Campo Grande-MS

2012

ELDA VASQUES AQUINO

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E OS PROCESSOS PRÓPRIOS DE APRENDIZAGEM: espaço de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na Comunidade Indígena de Amambai – Amambai-MS.

Dissertação apresentada ao Programa de pós-graduação Mestrado e Doutorado em Educação da Universidade Católica Dom Bosco como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação. Área de concentração: Diversidade Cultural e Educação Indígena. Orientadora: Prof. Dra. Adir Casaro Nascimento



UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO

Campo Grande-MS

2012

EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E OS PROCESSOS PRÓPRIOS DE APRENDIZAGEM: espaço de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na Comunidade Indígena de Amambai – Amambai-MS.

ELDA VASQUES AQUINO

ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO

BANCA EXAMINADORA:

Dr^a Adir Casaro Nascimento (UCDB) - Orientadora

Dr^a Maria Aparecida Bergamaschi- (UFRGS)

Dr. José Licínio Backes – (UCDB)

Ficha catalográfica

Aquino, Elda Vasques

A657e Educação escolar indígena e os processos próprios de aprendizagens: espaços de inter-relação de conhecimentos na infância Guarani/Kaiowá, antes da escola, na comunidade indígena de Amambai, Amambai – MS / Elda Vasques Aquino; orientação, Adir Casaro Nascimento, 2012.
120 f.

Dissertação (mestrado em educação) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2012.

1.Educação indígena 2. Crianças indígenas - Educação 3. Educação multicultural I. Nascimento, Adir Casaro II. Título

CDD – 370.19341

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus pela saúde, força e coragem para prosseguir em frente durante a realização do meu trabalho, passei por momento difícil tanto no estudo e na vida pessoal com minha família.

Agradeço a minha orientadora professora Adir Casaro Nascimento pela orientação e apoio com que acompanhou meu trabalho, pela paciência com que conduziu esse trabalho sempre mediando a minha dificuldade na construção da pesquisa, me ensinando e aconselhando quando me encontrava sem ânimo para continuar, também por ter me cobrado no momento certo.

A todas as pessoas que me acompanharam no decorrer do meu trabalho as quais concederam entrevistas para enriquecer minha pesquisa.

Aos “ñanderu e ñandesy” (rezadores) por seus valorosos conhecimentos e que sem eles não teria chegado ao meu objetivo.

Ao Projeto de Pesquisa-Núcleo Local Observatório de Educação Escolar Indígena/ CAPES/MEC/INEP: FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar indígena, pela bolsa concedida.

Aos professores de Pós-Graduação de Mestrado em Educação Linha 3 – UCDB, que contribuíram para meu crescimento Acadêmico e que souberam indicar vários caminhos, mas com somente uma linha de chegada. Em especial ao professor Brand como era mais conhecido no meio dos povos Guarani/Kaiowá, que sempre conviveu nas grandes assembleias e dando sugestões de como viver mediando o mundo moderno sem esquecer o nossas origens.

E por fim a todos que estiveram ao meu lado e acreditando em mim para contribuir na melhoria da educação escolar indígena.

A minha família, aos meus filhos, ao meu marido e as pessoas que me receberam em suas casa para uma conversa informal.

As crianças Guarani/Kaiowá, a minha comunidade local.

E também ao meu professor Antônio Brand que se foi, mas que me ensinou a seguir em frente, nunca parar no primeiro obstáculo da vida, que me deu muito apoio nessa caminhada.

E aos meus colegas de trabalho na comunidade.

RESUMO

Esta dissertação está inserida na Linha 03: Diversidade Cultural e Educação Escolar Indígena, PPGE/UCDB e faz parte do Projeto de Pesquisa-Núcleo Local (Submetido ao Edital 001/2009-CAPES/SECAD/DEB/INEP - Observatório de Educação Escolar Indígena) FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar indígena. Tem como objetivo principal conhecer melhor a criança Guarani/Kaiowá antes de ir à escola, e observar/descrever como se dão as suas aprendizagens, tendo em vista a compreensão dos seus processos próprios de aprendizagens e as suas interações estabelecidas com o cotidiano e seu entorno. Tendo como objetivos específicos: a) Identificar os espaços onde as crianças aprendem e como aprendem; b) Identificar o processo negociação com outra cultura vivida que faz parte dessa aprendizagem. Essa pesquisa foi realizada na Terra Indígena de Amambai/MS. É uma pesquisa qualitativa pesquisada por mim professora indígena Kaiowá e a produção de dados foi feita por meio da observação das crianças com adultos e com as outras crianças, com os depoimentos dos pais, dos mais velhos, dos “ñanderu e ñandesy” (rezadores) e das lideranças. Os resultados da pesquisa apontam que as crianças que ainda não foram à escola têm seus processos próprios de aprendizagem Guarani/Kaiowá, do seu jeito, têm muito mais facilidade de aprender o conhecimento tradicional, apesar do conhecimento da sociedade, do entorno. Essa aprendizagem vai acontecendo no cotidiano não importando os momentos e nem os lugares. Tudo se torna uma escola de aprender, sempre vai ultrapassando as fronteiras e os entre-lugares e afirmando sua identidade, buscando o seu pertencimento nos lugares adequados, aprendendo a conviver com os dois mundos diferentes, respeitando as diferenças culturais existentes.

Palavras-chaves: Processos próprios de aprendizagem, crianças Guarani/Kaiowá, diferenças culturais.

ABSTRACT

This dissertation is inserted on Line 03: Cultural Diversity and Indigenous Education, PPGE / UCDB and is part of the Research Project - Local Core (Submitted to 001/2009-CAPES/SECAD/DEB/INEP Notice - Observatory of Indigenous Education) INDIGENOUS GUARANI KAIOWÁ TEACHER EDUCATION IN MATO GROSSO DO SUL: relationships between territoriality, their own learning processes and indigenous education. Its main objective is to better understand the child Guarani / Kaiowá before going to school, and observe / describe the how their learning process happen in order to understand their own learning processes and their interactions established with the everyday and its surroundings . The specific objectives are: a) Identify the places where children learn and how they learn b) Identify the negotiation process with the other culture experienced, that makes part of this learning process. This survey was conducted in the Indigenous Land of Amambai / MS. It is a qualitative study researched by me, a Kaiowá teacher. Production data was made through observation of children with adults and with other children, with the testimonies of parents, elders, the ñanderu ñandesy (rezadores) and leaders. The results of the research show that children who have not gone to school yet have their own learning processes Guarani / Kaiowá, their way, find it much easier to learn the traditional knowledge, despite the knowledge of society that is around them. This learning is happening in everyday no matter the time nor the place. Everything becomes a school of learning, always surpassing borders and between-places and asserting their identity, seeking their sense of belonging in the right places, learning to live with the two different worlds, respecting cultural differences.

Keywords: Own learning process, children Guarani / Kaiowá, cultural differences.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Capítulo I	
Contextualização histórica da Reserva Indígena da aldeia Guarani/Kaiowá de Amambai.....	25
Capítulo II	
A criança indígena e a infância Guarani/Kaiowá.....	46
Capítulo III	
Processos próprios de aprendizagem no cotidiano infantil da Aldeia Amambai.....	86
Considerações Finais	105
Referências Bibliográficas	116

LISTA DE FOTOGRAFIAS

01	Idoso plantando.....	30
02	Avô da autora	33
03	Desmatamento na margem do rio.....	40
04	Bebê e a irmã, numa reunião na comunidade.....	47
05	Comemoração de aniversário da criança.....	51
06	Plantação na coletividade.....	54
07	Crianças nos encontros de professores.....	56
08	Paikuara (deus sol).....	60
09	Encontro de professores.....	61
10	Crianças e adultos durante a pesquisa.....	62
11	Crianças, adultos e animais sempre vivendo em harmonia.....	63
12	Criança cozinhando imitação de adulto.....	66
13	Crianças acompanhando os pais na reunião escolar.....	67
14	Criança tomando banho.....	69
15	Crianças andando na rua da cidade.....	71
16	Grupos de crianças sem adultos por perto.....	72
17	Crianças se ajudando no serviço domésticos.....	74
18	Três gerações juntas.....	76
19	Encontro de rezadores.....	77
20	Menino imitando trabalho adulto.....	79
21	Força da mãe natureza.....	80
22	Pais e filhos no campo de futebol.....	82
23	Criança subindo num pé de árvore.....	83
24	Reuniões de orações religiosas.....	88
25	Criança brincando sozinho.....	92
26	Criança e adulto aprendendo juntos.....	93-95
27	Criança imitando adulto.....	97
28	Crianças participando de aniversário diferente.....	99
29	Crianças tomando bebida não indígena.....	101
30	Comemoração de aniversário também em outra comunidade.....	102
31	Meninas cuidando das plantações.....	103
32	Criança vivendo numa casa de alvenaria.....	109
33	Atividade escolar.....	112
34	Aluna e a sua atividade.....	112

LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

FUNASA	Fundação Nacional de Saúde
FUNAI	Fundação Nacional do Índio
SESAI	Secretaria de Saúde Indígena
NEPPI	Núcleo de Estudo e Pesquisas das Populações Indígenas Serviço de Proteção ao Índio
SPI	Serviço de Proteção do Índio
UCDB	Universidade Católica Dom Bosco

INTRODUÇÃO

Faço parte do povo Kaiowá. Nasci e me criei na Terra Indígena de Amambai, onde moro até hoje. Sou casada tenho três filhos, minha família por parte de pai pertence à família extensa pioneira na reserva. Falar de mim e da reserva onde cresci me proporciona muitas recordações da minha família e das pessoas que marcaram a minha caminhada. Eles elas foram exemplos para que eu pudesse construir meu perfil pessoal e ser uma boa profissional. Desde o seio familiar até chegar à vida escolar, tirei muitas lições como mulher indígena e como cidadã, que vão me acompanhar em todas as fases da vida, lembranças que jamais serão apagadas da minha mente, da qual sou grata e tenho muito orgulho, e cultivarei durante minha caminhada de conquistas e fracassos os ensinamentos que recebi quando criança. Da minha comunidade trago dias felizes e de abundância alimentar que a “mãe-natureza” nos proporcionava. Gostava de brincar nos rios, lavava roupa com os adultos, tomava banho em grupo com outras crianças e também ajudava meus pais a plantar, colher na roça. Quando podíamos, coletávamos frutos, caçávamos, pescávamos e brincávamos felizes nos campos, enquanto aprendíamos o que os adultos ensinavam. Meus avós também me aconselhavam e me ensinavam a nunca me desviar do verdadeiro caminho que me conduzirá à “Terra Sem Males” (yvy marane’y).

Como meus pais são Kaiowá, vivíamos mudando de aldeia para aldeia, sem restrições para nos deslocarmos à outra aldeia. Com prazer, fazíamos as mudanças de cavalo e a pé, não tínhamos noções de distâncias, vivíamos caminhando. Nas idas e vindas para outras aldeias gostávamos de apreciar as lindas paisagens, cheias de boas vindas aos viajantes que passava por elas. Moramos por algum tempo na aldeia de Caarapó e, depois de muitas andanças, conseguimos um lugar na reserva de Amambai,

lugar onde a minha família resolveu fincar raízes para criar os filhos e onde moramos até hoje.

Fiz o primário na Escola da Missão Caiuá de Caarapó e terminei na Escola da Aldeia de Amambai. Naquele tempo era uma extensão da escola rural, chamada João Rodrigues. A minha aprendizagem sempre se deu pela memorização, sem entender direito o que lia, porque as leituras eram em Português. Lembro que a primeira palavra que consegui ler foi MA-CA-CO, sem saber o que era isso. Muito tempo depois fui entender que era um animal que vivia no mato e que conhecia desde pequena como KA'I. Se fosse ler na minha língua, o guarani, com certeza entenderia com mais facilidade.

Continuei minha vida escolar na via de memorização: “não compreendia quase nada”, só achava lindas as palavras pronunciadas por mim e o meu professor se orgulhava disso, por eu estar lendo. Até os números tão fáceis de contar eu não entendia: só memorizava. Lembro como se fosse hoje: ele me mandou fazer os números de zero a cem. Tentei fazer, mas não consegui escrever nem o número um não sabia! Então ele me deu umas palmadas de régua. Chorei muito; não entendia o porquê da palmada e, mesmo assim, minha mãe me obrigava ir à escola. Hoje reflito sobre tudo isso e percebo que aquela escola estava matando a minha língua materna, um dos elementos fundamentais para manter viva e intacta a minha identidade preciosa que possuo. Nesse sentido tenho dó das crianças que vão da aldeia para a cidade estudar. Não sei quem tem culpa nisso, mas o fato é que elas estão se matando etnicamente. Há aquelas que têm habilidade para aprender com mais facilidade, porém tem aquelas que sofrem na sala de aula, nem entendem o que a professora está falando, muito menos os conteúdos trabalhados em cada disciplina.

Reprovei na quarta série por ter desenhado flores na parede da escola com uma folha da mesma flor, por achar bonito, a escrita verde e vermelho, isso aconteceu na aula de uma professora não indígena, que era muito severa. Tudo tinha que ser perfeito para ela: não podíamos desobedecer, tínhamos que cumprir suas ordens em tudo; estar enfileirados na entrada e na saída da sala de aula. Para mim isso era horrível. Não me acostumei, mas fui me adaptando devagar e no fundo da minha alma queria ser muito livre como um passarinho queria aprender brincando. Nessa época, vi colegas da minha sala passar pela mesma situação, serem repreendidos em tudo pela professora. Alguns pais achavam o máximo os filhos serem castigados para aprender; eles mesmos davam

ordens para que os professores castigassem os filhos caso não obedecessem. Eles não tinham noção do mal que estavam causando aos seus filhos e, ao mesmo tempo, que estavam ajudando a assassinar a sua cultura e sua língua.

Atuei como professora desde 1999: primeiro como alfabetizadora, que deveria ser na língua materna, mas acabei alfabetizando em Português. Foi o início de um sofrimento sem fim para as crianças que tinha outra realidade e processos próprios de aprender dentro dos contextos Guarani/Kaiowá. Alguns alunos conseguiam se alfabetizar e outros não. Outros desistiram porque a escola estava se tornando espaço de desaprendizagem, adequada ao modelo não indígena e não para atender a necessidade dos Guarani/Kaiowá.

Como não tinha formação acadêmica na área era chamada de professora leiga, mas como Kaiowá tinha formação específica tradicional, que recebi durante minha infância dos meus pais e dos meus conselheiros espirituais, para quando me tornasse adulta, com objetivo de desenvolver meu conhecimento como mulher, mãe, educadora e líder espiritual. Esse conhecimento foi sendo ampliado cada vez mais e me levou a refletir sobre muitas perguntas que pairam sobre minha cabeça e que nem no Ensino Superior consegui tirar.

A minha formação acadêmica para professora foi no Magistério, Curso Normal Médio (Proformação), através de um Projeto de Formação de Professores em Exercício em Dourados, curso de férias. Depois me formei em Pedagogia na FIAMA (Faculdade Integrada de Amambai). Sou do povo que requer um trabalho específico e diferenciado; por isso, sempre me interessei pelo conhecimento que me daria possibilidade de desenvolver um trabalho que atendesse a necessidade do meu povo e da minha comunidade. Esforço-me a cada dia, o máximo possível, para alcançar meu objetivo, da importância da valorização e manutenção da língua materna, apesar das terríveis violências e do massacre, de luta pela sobrevivência, frente aos quinhentos anos de colonização e imposição de outra língua e outra cultura para a comunidade indígena, mesmo assim estamos resistindo.

Tenho por experiência os cinco anos que lecionei como professora das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e mais cinco anos como coordenadora na Escola Municipal Pólo Indígena Mbo'eroiy Guarani/Kaiowá, situada na aldeia Amambai, Amambai-MS. Passei como professora, as mesmas dificuldades, os mesmos problemas que enfrentei quando era aluna.

São muitas as perguntas em minha cabeça sobre o ensino-aprendizagem das crianças Guarani/Kaiowá, que incluem conhecimentos e sabedorias: que ensinamentos estão sendo transmitidos pela família? Pela comunidade? Pelos mais velhos? Pelos “ñanderu e ñandesy” (líderes religiosos)? E, finalmente, pela escola? Como interagir a educação indígena com a educação escolar sistematizada? Em minhas experiências vividas como mulher indígena Kaiowá e educadora, que vai mediando os problemas e avanços do dia a dia, observei que estava diante de crianças-adultas (aquelas que já têm noções dos valores e princípios de um Guarani/Kaiowá), que luta pela sua sobrevivência e de sua família, como em minha observação: muitas pessoas não indígenas podem ver que as crianças que estão pedindo algo para comer na rua são miseráveis, ou esta atitude até pode ser chamada de exploração do trabalho infantil. Mas as crianças estão tentando sobreviver, no contexto onde se encontram de perda de suas terras tradicionais. Se estivessem lá poderiam estar livremente caçando ou coletando; mas isso lhes foi tirado. Por essa razão elas tentam sobreviver, juntamente com suas famílias, no meio urbano, convivendo com os mais diversos atravessamentos de culturas, consequentes discriminações e marginalização que o povo indígena enfrenta no contexto atual. São obrigados a exercer o direito de serem crianças-adultas, sujeitos com larga experiência de vida e de seus aprendizados, de acordo com as liberdades permitidas.

Percebi uma criança de dois anos que, quando o pai chegou em casa, sem ninguém lhe dar ordem ou pedir, a criança vai em busca de objetos que o pai vai precisar. Naquele momento o menino foi buscar o par de chinelos que o pai usará. Isso me assustou: como ele sabia que o pai iria usar aquele objeto? Em outra ocasião, observei que uma menina de três anos, quando percebeu que a mãe estava chegando em casa, correu e preparou tereré¹ para a mãe tomar, do jeito que um adulto ou a criança mais velha faria. Em ambos os casos, não estavam imitando, porque ninguém estava fazendo trabalho igual. Nesse trabalho momentâneo, a criança já tem noção de como ajudar os adultos. A meu ver, isso já está dentro do seu conhecimento. Vai agindo juntamente com as sabedorias, de acordo com o que Deus preparou antes do seu nascimento.

As crianças são livres para experimentar os conhecimentos adquiridos, dentro das possibilidades do desenvolvimento e de sabedoria que lhes foram ensinados desde

¹ Tereré: uma bebida gelada, de origem guarani, servida na guampa ou copo e tomada com o auxílio de uma bomba, tipo bomba de chimarrão.

muito cedo, a de não parar diante de situações-problema, por mais difíceis que sejam. As crianças-adultas não perderam o jeito de ser crianças: continuam atentos a sua volta, são alegres, brincalhonas e, ao mesmo tempo, se tornam mais maduros e aprendem o que um adulto faz -por meio da imitação.

Somente a pesquisa pode me proporcionar um entendimento e compreensão mais elevada sobre o tema que estou desenvolvendo no Programa de Pós-Graduação de Mestrado e Doutorado da Universidade Católica Dom Bosco – UCDB. Essa pesquisa tem me ajudado a ressignificar os pré-conceitos que tive. Não tive nenhuma formação específica, mas a minha curiosidade sobre as crianças que não foram à escola, os pequenos Guarani/Kaiowá, me proporcionou continuar com o projeto, que irá atender a necessidade da minha comunidade e das crianças, buscando compreender como estão acontecendo os processos próprios de aprendizagem dos pequeninos dentro da aldeia e no entorno dela.

A presente pesquisa tem como tema a Educação Escolar Indígena e os Processos Próprios de Aprendizagem das crianças Guarani/Kaiowá, antes da escola, na reserva indígena de Amambai, Amambai-MS. Tendo por objetivo principal conhecer melhor a criança Guarani/Kaiowá antes de ir à escola, e observar/descrever como se dão as suas aprendizagens, tendo em vista a compreensão dos seus processos próprios de aprendizagens e as suas interações estabelecidas com o cotidiano e seu entorno. Tem como objetivos específicos: a) Identificar as representações conceituais de crianças, nas quais manifestam o que aprendem e como aprendem cotidianamente; b) Identificar o espaço de fronteiras no processo de negociação com outra cultura do entorno que fazem parte dos processos próprios de aprendizagem das crianças.

É uma pesquisa etnográfica por apresentar a prática da observação, da descrição das dinâmicas interativas e comunicativas como uma das mais relevantes técnicas feitas por mim durante o desenvolvimento deste trabalho. Assim, ao avaliar possíveis soluções para os problemas e impasses identificados, devem-se levar em conta as evidências da observação e das descrições dos elementos cruciais na atividade etnográfica. Observar e descrever o meu próprio jeito de ser e da minha comunidade a qual convivemos diariamente sem perceber as várias transformações que acontecem me levou a ter outro e novo olhar para a pesquisa etnográfica, fui percebendo que as comunidades indígena e principalmente meu povo estão sim se adequando as mudanças sem esquecer suas raízes e seu jeito de ser. Vivi uma experiência diferente que como

pesquisadora tinha que ter olhar de academia e ao mesmo tempo sendo eu a própria investigada, que me abriu concepção que tinha que atravessar para outro lado da fronteira, trazendo o Eu sempre, uma inter-relação que não se pode separar, se negocia.

Após a análise da pesquisa é necessária uma rever a renegociação dos momentos atuais com os espaços de fronteira para reescrever as intervenções culturais que tem que ser renovadas a cada passo, sem esquecer as raízes do passado. Com esse resultado espero que haja um avanço na valorização de aprendizagem diferenciada com as crianças, para que possa sair do estranhamento que lhe foi posto. Aqueles que chegam com um jeito diferente na escola, apesar de saberem muitas coisas, são tratados como se não soubessem nada da vida e nem da vivência que já aprenderam, de acordo com sua necessidade na família.

Os principais referenciais teóricos que me auxiliaram na discussão foram: Bauman (2001), Bhabha (2003, 2007), Bergamaschi (2011), Brand (1993, 1998, 2007), Canclini (2008), Cohn (2002), Barth (2000), Hall (2009, 2006), Landa (2011), Nascimento (2002, 2011) Nunes (2002, 2005), Pereira (2009), Tassinari (2001), Lopez da Silva (2001).

A dissertação está organizada assim:

No primeiro capítulo, à contextualização histórica da comunidade Guarani/Kaiowá da reserva indígena de Amambai, mostrando como foi o povoamento do local, com alguns depoimentos dos idosos da época.

No segundo capítulo uma reflexão sobre a infância da criança Guarani/Kaiowá de Amambai, de como são vistos os seus processos próprios de aprendizagem, para entender o universo em que está inserido.

No terceiro e último capítulo, procuro relatar através de depoimentos de várias pessoas, as observações feitas por meio de fotos, relatórios e desenhos infantis, que reuni durante o desenvolvimento da pesquisa.

Nas considerações finais foram analisados os resultados da pesquisa de campo, as discussões com os teóricos me oportunizaram um diálogo mais profundo com o tema proposto e conclui que as crianças que aprendem com seus processos próprios de aprendizagem têm muito mais facilidade de aprender em diversas interações dos meios, mantendo com orgulho o conhecimento tradicional passado de gerações em gerações juntamente com o conhecimento da sociedade do entorno.

Essa pesquisa está inserida no Projeto de Pesquisa-Núcleo Local (Submetido ao Edital 001/2009-CAPES/SECAD/DEB/INEP - Observatório de Educação Escolar Indígena) FORMAÇÃO DE PROFESSORES INDÍGENAS GUARANI E KAIOWÁ EM MATO GROSSO DO SUL: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar indígena. Os procedimentos metodológicos estão fundamentados nos Estudos Culturais e na Pedagogia. A produção de dados tem como sustentação a pesquisa bibliográfica, entrevistas e fotos das crianças em vários momentos, com ênfase para observação etnográfica de crianças em movimentos, com depoimentos dos pais, dos mais velhos, dos ñanderu e ñandesy (rezadores) e das lideranças.

O resultado dessa pesquisa que vai abrindo caminho de novas descobertas sobre os pré-conceitos construídos ao longo do tempo pela sociedade não indígena, que incluem uma prévia sobre os conhecimentos de aprendizado das crianças Guarani/Kaiowá nessa caminhada de muitos desafios que se entrelaçam com culturas híbridas². Queremos reconstruir esses novos conceitos a partir de nossas próprias concepções por caminho diferentes em coletividade.

Preciso ter uma compreensão mais ampla sobre o que é Processos Próprios de Aprendizagem Guarani/Kaiowá e como esse processo pode ajudar a melhorar a comunidade onde convivo, e este estar sempre ciente de lutar por sua autoafirmação de identidades, que está atravessada pela várias dimensões dos saberes da sociedade envolvente e a partir daí construir um amanhã melhor através do universo infantil.

Através da pesquisa etnográfica, conduzi meu trabalho na comunidade Guarani/Kaiowá onde moro, fazendo observações e registros fotográficos das crianças brincando, caminhando nas trilhas, nadando no rio, participando dos rituais festivos e sagrados e das festas comemorativas, estabelecendo uma estreita relação com outras crianças e adultos, os meus entrevistados foram pessoas que estão morando e os que fazem parte do meu contexto na aldeia que pesquisei, portanto são os detentores da sabedoria Guarani/Kaiowá. As crianças foram observadas por mim em vários contextos do cotidiano e em diferentes atividades, onde os espaços de fronteiras estão articulados com espaços de transição, uma ponte de ligação entre múltiplas identidades e resistência cultural, para construir um mundo Guarani/Kaiowá essencialmente autônomo, sem ter

² Para Canclini: “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas, discretas, que existiam de formas separadas, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (1997, p.19).

que depender dos outros para viver. As contradições e os conflitos existentes na cultura Guarani/Kaiowá são discutidos a partir de novos conceitos apreendidos nas relações com o entorno e com a sociedade não indígena. As crianças Guarani/Kaiowá aprendem desde pequenos a estabelecer as inter-relações com os diferentes espaços e com diferentes pessoas.

As crianças vão construindo conhecimentos que o ajudarão em sua totalidade e sabedoria nunca fragmentados. Deus assim os enviou e preparou para missão aqui na terra, um ensino espiritual completo de acordo com sua missão, relacionando-a esse conhecimento com o modo de ser e de viver na sua família e na comunidade, tornando as crianças aptas a viver a sua vida e sua cultura. Assim, o pensar, o fazer e o viver estão ligados para assegurar às crianças segurança na capacidade de poder permanecer longe da mãe ou até de sua família, fazendo novas experiências, sem manifestar inseguranças, medo ou choro mesmo que esteja sozinho. Esse processo próprio do cotidiano permite que cada criança se desenvolva de acordo com o seu ritmo e capacidade, vai construindo o princípio Guarani/Kaiowá do seu jeito.

A luta pela afirmação da identidade começa desde pequeno, tendo consciência dos valores e mantendo-os valores para serem cidadãos indígenas, aprendendo a negociar com as mudanças do mundo. Com essas constantes mudanças e reconstrução de novas aprendizagens que vão aparecendo no mundo infantil, bem como no mundo adulto, será possível voltar a desvendar os mistérios da cosmologia e da espiritualidade sagrada que quase foram esquecidas, mas que estão de volta com o fortalecimento e valorização da educação tradicional.

Fomos marcados por uma contínua confusão de identidades pessoal, social, cultural e econômico às vezes não sabemos quem somos, estamos atropelados pela massiva informação da sociedade envolvente. Onde a sociedade quis nos confundir para arrancar por completo as nossas raízes que nos sustentam e pudesse se perder no tempo, mas mesmo assim sempre estaremos firme na cultura herdada pelos nossos antepassados. Conseguimos cruzar os vários caminhos com muita consciência sabendo que nunca ninguém vai acabar com a cultura do povo Guarani/Kaiowá.

Mesmo com todas essas mudanças e novas negociações da modernidade, o povo indígena não deixou de lado o “ñandereko” (jeito de viver); as comunidades indígenas estão ressignificando o conceito da vivência a cada dia por estarem

convivendo com as duas culturas, não deixaram a modernidade acabar com suas tradições o jeito de viver. Para Bauman (2001):

A modernidade significa muitas coisas, e sua chegada e avanço podem ser aferidos utilizando-se marcadores diferentes. Uma característica da vida moderna e de seu moderno entorno se impõe, no entanto, talvez como a “diferença que faz diferença; como o atributo crucial que todas as demais características seguem. Esse atributo é a relação cambiante entre espaço e tempo....Na modernidade, o tempo tem história, tem historia por causa de sua capacidade de sua carga, perpetuamente em expansão- o alongamento dos trechos do espaço que unidade de tempo permitem “passar”, “atravessar”, “cobrir” – ou conquistar (BAUMAN, 2001, p. 15-16)

A transição desse universo tradicional dos Guarani/Kaiowá para o mundo em constante “transformação” é bastante desastrosa. Trata-se realmente de um mundo muito misterioso e difícil de entender. O tempo irá fazer as pessoas entender os rápidos avanços ocorridos na história da humanidade, que vem com muitos significados entrelaçados no espaço e no tempo. As pessoas precisam aprender a ressignificar e construir conceitos no cotidiano em busca de novos horizontes para poder compreender os diferentes jeitos de viver na comunidade e na sociedade do entorno, que vão se transformando numa velocidade muito rápida.

As crianças Guarani/Kaiowá sujeitos da minha pesquisa que tem como subsídios principais durante o desenvolvimento deste trabalho estão construídos em dois pilares de conhecimento importante: “o conhecimento tradicional e conhecimento científico”, que caminham junto para o bem da comunidade indígena, por isso não posso deixar de entendê-las, nem negar a presença do outro, no momento atual em que vivemos. Nosso povo se encontra atravessado de diversas informações da tecnologia dominante; é preciso caminhar com os dois conhecimentos, para ver em que direções tomar para a discussão entre eles sem negar a presença do Outro (SKLIAR, 2002) que está atravessado numa fronteira desconhecida e escorregadia pelo “novo” e “além” (BHABHA, 2007), onde estes estão sempre com barreiras que dificultam a relação com o outro. Nosso povo precisa discutir entre as comunidades as trocas necessárias, fazendo entrosamento de espaço de ambivalência.

As crianças ao transitar entre os problemas atuais e convivendo com as diferentes situações a criança Guarani/Kaiowá já cresce com a mentalidade adulta, teve

a sua preparação desde o ventre materno para viver essas situações. Tendo essa preparação tudo se torna mais fácil, até mesmo enfrentar e atravessar as fronteiras e alcançar os objetivos Guarani/Kaiowá “de chegar à terra sem males”, onde existe fartura esperando. Por isso as crianças têm uma facilidade enorme de aprender o que lhe é ensinado todo dia.

Por isso que digo que é preciso conhecer o mundo das crianças e de onde elas estão inseridas, entender o mundo de sua maneira, construir e reconstruir significados reais para si e para o universo que as rodeia com muitas interpretações. Isso significa, segundo a tradição Guarani/Kaiowá, que as crianças podem adentrar ao mundo espiritual e social sem nenhuma restrição e assim chegar a um novo sistema simbólico, com uma nova ressignificação de vida cultural da comunidade local e do entorno do povo Guarani/Kaiowá.

O mundo das crianças indígenas é cheio de surpresas agradáveis e também desagradáveis, uma estruturação de conceitos constantemente imprescindível, nunca acabada, o momento atual requer um novo sentido para sujeitos modernos que estão vivendo a modernidade. Como uma boa Kaiowá “não quero deixar de ser o que sou, mas também não quero me apropriar da cultura do outro para ser o que não sou e nunca seria por completo para acompanhar o mundo moderno”, e discutir o tema com os autores dos Estudos Culturais foi bastante relevante. Consegui entender mais um pouco sobre as mudanças que está acontecendo na nossa comunidade, são consequências de muitas vivências nas relações de ambiguidade entre a comunidade e a sociedade, vão surgindo novos jeitos de viver e conviver e nesse movimento as crianças também vão trazendo para si os que está fora do mundo Guarani/Kaiowá, como uma cultura nova, apreendendo o viver do Outro para seu mundo, sabendo transitar constantemente na ponte de muitas fronteiras diferentes, onde acontece muitas mudanças.

Por isso me pergunto sobre como manter as identidades Guarani/Kaiowá juntamente com os processos próprios de aprendizagens das crianças, segundo a sua cultura, sendo que o processo da globalização vai se transformando muito rápido e vai moldando as pessoas através das tecnologias dos meios, que estão chegando na comunidade, que muitas vezes faz uma confusão na mentalidade das crianças e também nos adultos, estranhamento total a princípio, mas ao pouco os indígenas foram se apropriando disso. Para isso é importante ter conhecimento profundo sobre o passado para compreender o momento atual em que se vive.

Ao analisar a minha cultura que quase foi apagada que alguns fizeram questão disso, de que pudéssemos esquecê-la totalmente, mas que não conseguiram e estamos mantendo, fomos deixando de lados os conhecimentos tradicionais que hoje lamentamos por isso, que perdemos os melhores conhecimentos com nossos anciões, eles são detentores de sabedoria e conhecimento, bibliotecas vivas Guarani/Kaiowá estão morrendo e os seus conhecimentos estão sendo enterrados com eles, porque muitas vezes os conhecimentos que eles tem não podem ser repassado para qualquer um, ou talvez, por ter outra religião na comunidade, as crianças ou jovens são frequentadores e segundo a tradição cristão não podem praticar as duas culturas ao mesmo tempo.

Existem também certas regras no mundo espiritual dos “ñanderu” que somente pessoas certas podem levar adiante o “ñengara” (cânticos sagrados) para dar continuidade nas rezas e rituais o “yvyra’ija” – (pessoas escolhidos pelo deus pra manter a tradição, se no caso o rezador vier a faltar). Quando pesquisei pude perceber isso na fala de alguns “ñandesy e ñanderu”, dos mais velhos e pessoas que entendem o mundo sobre as divindades espirituais. As pessoas escolhidas para este cargo são muito reservadas - só falam o necessário, nunca contam tudo o que sabem. Por isso muitos conhecimentos vão se perdendo no meio do caminho e nos devemos respeitá-la isso. Hoje, na minha comunidade, algumas famílias dos “ñanderu e ñandesy” já pensam em vender os conhecimentos, a família transformam em mercadorias coisas nunca visto na comunidade, houve mudança radicais, não queremos que isto continue acontecendo. Percebi essa realidade dentro do contexto da comunidade onde vivo. Por isso, preocupo-me em preparar as crianças para enxergar o mundo com outra mentalidade, tentando escrever sua história para o mundo conhecer.

Por isso os jovens atualmente estão mais conscientes de suas responsabilidades coletivas, as tarefas que cada um tem dentro de sua comunidade. Estão discutindo e negociando com os mais velhos e com os líderes religiosos sobre o seu pertencimento, sobre a importância de manter vivo o “ñandereko” (nosso jeito de viver). Vejo resultados positivos. Aos poucos as crianças e os jovens estão voltando a valorizar e se interessando novamente pelas práticas culturais do seu entorno e dos costumes religiosos Guarani/Kaiowá. À medida que vão crescendo estão tendo noção do quanto é importante a manutenção viva das identidades indígenas, ter muito orgulho e não vergonha quando são questionados sobre sua origem. Adquirem com facilidade os

conhecimentos sagrados, de acordo com a missão aqui na terra, aqueles que já são predestinados a isso, são preparados pelo “ñanderu” e “ñandesy” muito antes de sua chegada ao mundo, através de rituais preparados para essa ocasião.

A grande revolução prevalece na criança, daqueles que ainda não foram desestruturados e alienados pelo conhecimento do mundo moderno e pelo sistema educacional dos europeus. Quando visitei as famílias extensas que moram longe do centro da aldeia, estas crianças estavam felizes, brincando, correndo e até dançando o “guachiré”(dança festiva) dos Guarani/Kaiowá, sem nenhum adulto por perto. Eram mais ou menos seis crianças em grupo; percebi que eles não tinham vergonha, faziam isso naturalmente. Isso são processos próprios de aprendizagem dos Guarani/Kaiowá que iniciam a valorização da cultura desde cedo, estão sempre negociando o espaço de fronteiras para atravessar a ponte de sobrevivência cultural e social.

Os ensinamentos que as crianças receberam na família têm que servir de base de sustentar a ambivalência³ entre as duas culturas, que ora complica a compreensão, mas que abre novo horizonte para que a pessoas não venha se desviar do caminho sagrado que deus preparou para trilhar, mesmo que o progresso do mundo moderno atinja a comunidade indígena ou mude as concepções da humanidade a tradição Guarani/Kaiowá possa sempre estar presente ao transitar pelo caminho de espinhos que o conduzirá a travessia do “além” das fronteiras, isso significa habitar um espaço de intermediário - viver em articulações com espaço de trânsito que buscam aprender de acordo com suas culturas.

Se tratando das crianças indígenas Guarani/Kaiowá da Reserva de Amambai, que tem um trabalho voltado para manutenção e valorização das raízes, por sermos vizinhos das áreas urbanas, muita se instalou nesse meio e houve mudanças, mas, mesmo assim, o valioso conhecimento tradicional permanece firme. No passado, não muito distante, nos negado pelo sistema educacional, mas que hoje servirá para auxiliar na prática de compreender melhor a valorização da cultura e sabedoria Guarani/Kaiowá que guiará o caminho de cada criança e adulto enquanto vivermos nesse universo de muitas culturas, onde as crianças estão trilhando com facilidade o passado-presente. Isso é confirmado por uma professora Kaiowá:

A criança começa a andar, a falar e é aconselhado, sem violência ela aprende por imitação, a respeitar os mais velhos, o sagrado,

³ Ambivalência: possibilidade de conferir objeto uma ou mais categorias. (BAUMANN, 1999, p.9).

relacionado muito com a natureza. A idade mínima para ingressar na escola seria de oito anos, separar muito cedo da família... toda aprendizagem da família não vai preservar a danças, rezas.... Para as crianças serem felizes: ter liberdades e participar de todos os eventos indígenas porque em todos esses momentos estão sendo vistos pelo Pai Nhanderu (NASCIMENTO, 2011, p.23).

Podemos dizer que cada povo tem sua forma tradicional de ensinar os outros, é variado de acordo com o seu grupo étnico que define seus objetivos de vida desde sua gestação, cada grupo tem seu jeito de educar e cuidar de suas crianças e também das pessoas do entorno, de acordo com seus princípios da divindade e moral recebidos dos “ñanderu”.

Esses conhecimentos que avivam em várias situações do contexto a sabedoria Guarani/Kaiowá aparecem nas diversas maneiras do cotidiano diário, nas brincadeiras, nas imitações do trabalho adulto, nas festas comemorativas e religiosas, nas idas para a cidade, nas roças, no cuidado dos irmãos mais velhos com os pequenos, nas rodas de tereré com os amigos, nas conversas informais quando há visitas das parentelas, nas conversas informais das lideranças, nas reuniões cotidianas dos conselheiros, dos mais velhos para com os jovens e crianças, nos trabalhos artesanais tradicionais, nas pinturas corporais e em desenhos, nas técnicas variadas de ensinar a caçar e a pescar, andar nas matas, correr nas trilhas, subir nas árvores, nadar nos rios, plantar e colher na roça ajudando os adultos nos afazeres, aprendendo a se comunicar com os fenômenos da natureza, principalmente com o “paikuara” (deus sol) e com a terra-mãe (ñandesy guasu).

Todos nós precisamos ter uma boa relação com a mãe-natureza. Trata-se de uma atitude de respeito no sentido espiritual, com os filhos para que estes possam ser constantemente abençoados enquanto estiverem viajando aqui na terra. A terra não pertence ao homem, mas é o homem que pertence à terra; que quando for voltar ao seu deus, este corpo terá que voltar para sua origem, fertilizando-o para a sobrevivência dos que ficarão aqui ainda em busca de sua terra sem males. O povo indígena está consciente de sua missão, tanto em vida como também depois da morte. Sempre tiveram uma boa relação com a espiritualidade e com a divindade que está sempre olhando lá de cima, cuidando do seu povo. Estamos conscientes dos conhecimentos enraizados na mente dos Guarani/Kaiowá, de geração em geração, há muitos séculos.

Ao analisar a comunidade Guarani/Kaiowá vejo que as novas gerações sabem interagir com muita facilidade com a modernidade que está crescendo no meio das crianças e jovens. Quando se trata de tecnologia eles sabem manusear muito bem, no caso de celulares, ao acessar a internet de qualquer aparelho e muitas outras, que todos nos apropriamos para o uso cotidiano, que não fazia parte da nossa cultura. Mas hoje já faz parte de nossa cultura, mesmo que pareça impossível se adaptar ou negociar o presente momento da cultura, não podemos ignorar ao progresso da globalização que vive do nosso lado. Mas de uma coisa temos certeza: nunca poderemos nos calar diante das dificuldades e daqueles que possa estragar nossa mente. Precisamos lutar para compreender as negociações tornando a tragédia da história indígena contada pelo Outro em uma história de constante mudança que serviu de intercâmbio para que possamos viver o hoje. E nesse contexto histórico que as crianças também têm sua história, presentes no dia a dia na comunidade ou no entorno dela, que agora podemos contar a história das crianças pela própria comunidade e da sua importância a sociedade.

Desenvolvi minha pesquisa na reserva Amambai que está localizada no município de Amambai-MS, a cinco quilômetros da cidade, cortando a reserva pela Rodovia Amambai-Ponta Porã no Cone-Sul, com quatrocentos quilômetros de distância da Capital, possui mais duas aldeias no município: Jaguari e Limão Verde, as três aldeias, incluindo a reserva Amambai e Limão Verde, ficam mais próximos da cidade, enquanto a aldeia Jaguari fica a sessenta quilômetros.

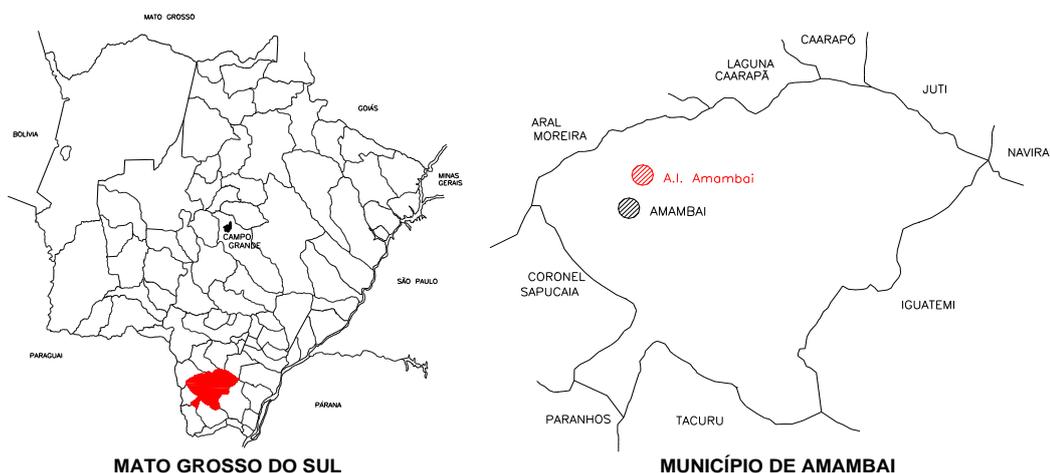
Cada aldeia tem sua liderança própria, que antigamente tinha o nome de “mburuvicha guasu” (grande líder); hoje a nomenclatura mudou para “capitão” a organização política passou por novas mudanças e essa nova organização com um só líder maior, juntamente com as lideranças e os conselheiros locais, tentam resolver problemas cotidianos para uma convivência mais tranquila. Eles são os representantes políticos da comunidade; assim, passam a falar em nome do seu povo que está sob sua responsabilidade. Essa nova interação de liderança atual não é diferente de como se viviam antigamente. Mas hoje, para ser uma liderança atuante, são necessárias muitas discussões e negociações e renegociações o viver de hoje com as pessoas do entorno e de quem está fora da comunidade, de como agir sem ferir os princípios Guarani/Kaiowá, entre os quais viveram passivamente com os outros povos.

CAPÍTULO I

Contextualização histórica da aldeia Guarani/Kaiowá de Amambai.

A reserva Indígena de Amambai está localizada no município de Amambai/MS, é uma das primeiras e mais antigas da região e foi demarcada pelo SPI (Serviço de Proteção ao Índio) em 1915, antigamente era conhecido por nome de Posto Indígena Benjamim Constant. Quando foi criada muito Guarani e Kaiowá viviam nas redondezas, trabalhando nas fazendas. Outro em aldeias dispersa pela região, que foram sendo gradativamente desarticuladas pela expansão das frentes de ocupação agropastoril. A sua população tradicional recolhida para o interior da recém reservas-criada e demarcadas como espaço destinado somente aos indígenas. Veja o mapa a seguir:

Mapa de localização da aldeia Amambai



Fonte: www.neppi.org

A reserva de Amambai foi criada em 1915 pelo Decreto número 404, em 10 de setembro de 1915, SPI com uma área de 3.600 hectares e homologada em 30 de outubro de 1991, sua localização está na rodovia MS-386 Amambai-Ponta Porã, no Cone-Sul de Mato Grosso do Sul, divisa com o Paraguai, cidade de Coronel Sapucaia com uma

distância de cinco quilômetros da cidade de Amambai, numa região de relevo levemente ondulado. Podemos ver com clareza, através de documento da época, que a reserva demarcada sofreu uma enorme redução, de 3.600 ficando para a atual delimitação que é a de 2.429.

O município de Amambai foi oficialmente criado em 28 de setembro de 1948, com várias nomenclaturas até chegar na denominação atual. A história conta que em 1913, Coronel Valêncio de Brum enviou ao governo do Estado, uma petição que solicitava a reserva da área Nhu-Verá, para a formação de um núcleo, onde está instalada a sede da prefeitura hoje, e a qual lhe foi concedido, essa atividade se estendeu desde as margens do Rio Paraná, Amambai, Paranhos, Coronel Sapucaia, Iguatemi, Tacuru, Mundo Novo, Sete Quedas, Antônio João e Ponta Porã, no sul do Estado. Dessa maneira a reserva também tinha sido criada para população Guarani/Kaiowá. A atual população indígena de Amambai conta 7.268 indígenas, distribuídas 1.648 famílias (dados da FUNASA, 2010).

O objetivo do governo era criar as reservas e juntar os índios que viviam espalhados em vários lugares e arredores da mesma região para liberar as terras aos fazendeiros e praticar agricultura e criar gado. Por esse motivo os índios foram levados para área reservada. Muitos índios não queriam ir para esse local e insistiam em permanecer trabalhando nas redondezas porque os índios consideravam e respeitavam seus territórios tradicionais por entender que os espíritos dos antepassados protegem o seu Tekoha (território). Sabe-se que até aquela época antes do esparramos dos parentes não havia fronteiras nem limites. Nas primeiras décadas do século vinte poucas famílias Guarani e Kaiowá viviam no espaço reservado, que apresentava áreas de terra próprias para a agricultura, com solos férteis, matas produtivas com áreas de cerrado e campo. Todas elas eram utilizadas para as práticas produtivas dos Guarani/Kaiowá, segundo seus usos e costumes.

Atualmente a maioria dos Kaiowá está vivendo em muitos municípios e regiões do Cone-Sul, tais como: Amambai, Caarapó, Coronel Sapucaia, Aral Moreira, Antônio João, Tacuru, Laguna Carapã. Nas demais regiões a maioria da população é Guarani. Temos também o Guarani/Kaiowá, a mistura de duas etnias no casamento, que no começo não era vista com bons olhos entre as duas etnias, mas ao poucos os indígenas foram absorvendo como um nascimento de mais uma etnia.

Mesmo passando pelos mais dolorosos massacres durante os quinhentos e onze anos de sofrimento, este passado sofrido não foi suficiente para exterminar a cultura os povos indígenas, o jeito de ser o “ñandereko añetetekua” (nosso jeito de ser verdadeiro). Este continuava sendo praticado com muita força pelo “ñanderu e ñandesy” em seus “tekoha” (nossa comunidade, lugar onde vivemos). Para esse conhecimento não morrer ou não se perder, precisava ser praticado o conhecimento mesmo escondido dos colonizadores. Foi nessa época que os governantes acharam por bem agrupar os Guarani/Kaiowá em alguns lugares, e por isso foram criadas as reservas, onde foram amontoados e privados do direito de usufruir dos bens que a natureza oferecia em abundância. Conforme o relato do Prof. Brand (1998, p.22) sobre o território (ñande retã) tradicional desse povo, era muito extenso e se estendia:

Ao norte até os rios Apa e Dourados e, ao sul, até a serra de Maracaju e os afluentes do rio Jejuí, chegando a uma extensão leste-oeste de aproximadamente 100km, em ambos os lados a serra de Amambai, abrangendo uma extensão de fronteira com o Paraguai, especialmente área tendo como característica matas e córregos (BRAND, 1998, p.22).

Isso prova que o território do Guarani e Kaiowá era muito amplo no passado, mas no momento atual em que vivemos é apenas uma porção de terra cercada, que o governo cedeu ao Guarani/Kaiowá para compensar, por ter tirado sua terra, suas vidas e os seus costumes. Podemos dizer que os Guarani/Kaiowá viviam e vivem até hoje espalhados em quase todo o território brasileiro, bem como no Paraguai, na Argentina, no Uruguai e na Bolívia, e são conhecidos como Povo Guarani, Grande Povo, que ultrapassa as fronteiras, com seus costumes e o seu jeito de viver. Dividem-se em três grandes grupos: Guarani Ñandeva, Guarani Kaiowá e o Guarani Mbyá. Na prática, os Kaiowá não aceitam ser chamados de Guarani-Kaiowá, porque existem várias características que o diferenciam um do outro, principalmente os preconceitos existentes entre eles, no nome de “Tembekúá” (nome pejorativo dado ao kaiowá pelo povo guarani, “lábios furados” que é pejorativo de acordo com a sua pronúncia e dependem de quem a pronuncia). A língua predominante é o Guarani, com algumas variações entre eles. Atualmente, praticamos a língua “jopara” (mistura), com muitos empréstimos linguísticos.

O território tradicional dos Guarani/Kaiowá localiza-se ao sul de Mato Grosso do Sul, ocupando uma ampla extensão de terra entre o rio Apa, Serra de Maracaju, Rio

Brilhante, Ivinhema, Paraná, Iguatemi e também a fronteira com o Paraguai. Por isso, há imensa diversidade étnica, cultural e linguística no país, estima-se que são faladas por volta de 180 línguas. Sabe-se que os estudos com essas populações têm aumentado nos últimos anos, possibilitando maior conhecimento das diversas etnias existentes.

Esse confinamento trouxe sérias consequências como: doenças, superpopulação, morte, fome, miséria, desestrutura familiar, perda de sua cultura e língua, além de muitas outras mortes, de acordos com os mais velhos. Os conhecimentos tradicionais ficaram mais difíceis de ser praticados, porque os espíritos que fortalecem os rituais sagrados ficaram no lugar onde a maioria praticava por muito tempo os seus rituais. Quando a FUNAI juntou todas as famílias em um único lugar, tudo mudou! E as crianças são as que mais sofreram nesse cercamento. Foram privadas e reduzidas de seus espaços de aprendizado, pois eles nunca tiveram limites nem fronteiras para passear eram livres como pássaros.

Os Guarani/Kaiowá costumavam se agrupar em áreas de matas e beira de rios, tendo em vista que isso facilitava a alimentação, como a caça e pesca para sustentar suas famílias. Era dessa forma que retiravam seus sustentos como meios de sobrevivência, sempre guiados por Deus “paikuara”. Os Kaiowá gostavam de acampar ao longo dos córregos em pequenos grupos integrados por uma família ou mais, com quem mantinham fortes relações de parentesco, tendo como chefe sempre os mais velhos, por ter anos de experiências da vida, o “tekoharuvicha” (grande líderes) ou o “ñanderu” líder religioso, que estão a serviços dos deuses e que vão ensinar o melhor jeito de viver, tanto na sociedade quanto na vida espiritual, caminhando com o povo em busca da Terra Sem Males.

Costumes bastante diferentes da comunidade Guarani/Kaiowá a sociedade envolvente inseriu no meio dos povos indígenas culturas diferente e diversificadas, e isto foi moldando o jeito de ser e viver destes povos para pudesse dizimá-los com mais facilidade os Guarani/Kaiowá, mas que graças ao Deus “Tupã” não deixou essa tradição morrer e hoje continua a renascer com uma vitalidade bastante fortificada para momento atual. O que fica explícito na fala de algumas lideranças do Movimento Indígena Aty Guasu (Grande Assembleia):

Quiseram nos destruir, mataram nossos avôs, nossas lideranças que lutaram pelo seu povo, muito sangue foi derramado, tomaram nossas terras, se apossaram do nosso remédios, acusam nós Guarani/Kaiowá

de invasores de terras, sendo que eles são os verdadeiros assassinos que matam sem piedade o povo que luta pela sua resistências.⁴

É nessa grande luta étnica que estamos sempre dando gritos pela sobrevivência, apesar de estarmos sempre confinados em pequenas áreas reservadas para vivermos. A nossa guerra não cessou, a resistência continua pela falta de terra, mas está sendo difícil sair do papel a nossas reivindicações. Isso aconteceu devido à presença do não indígena que estava à procura da riqueza existente na região.

Para tomar posse das riquezas que os Guarani/Kaiowá possuíam, precisavam confinar estes povos, longe dessas terras férteis. Aldeia ou comunidade como é chamada hoje, aquilo que foi doado para os indígenas se tornaram espaços sagrados para continuidade dos seus modos de ser, de manter sua tradição viva. Os espíritos dos antepassados lhe darão força e coragem para seguir em frente com os ensinamentos recebidos do Deus “Tupã”. A terra dá força, é como se ela pedisse para termo calmo, quando mexemos nela.

Na foto 01 a seguir um idoso ñanderu Mário Martins está plantando uma semente de uma árvore no lugar cedido para reflorestamento, simbolizando a importância da relação entre o homem planta e terra, onde não havia mais plantação e as sombras não existiam. Para ele, sem esses elementos, não há vida para constituir uma família, que deixará aos seus filhos e netos como herança para a comunidade. Ele me disse que os seus netos, ou seja, as crianças em geral terão que cuidar dessa planta que será uma grande árvore, que crescerá e ficará nesse lugar quando ele se for, com certeza com muitos frutos dará e sombra para aquele que queira descansar em sua sombra e também para crianças brincar com ele.

⁴ Ñanderu Guarani, 79 anos.

Foto 01 – Idoso plantando



Fonte: Aquino, 2009. Aldeia Amambai

Atualmente, os espaços das aldeias estão passando por processos de reconstrução, onde a comunidade está tendo dificuldade para morar. Os ambientes estão se tornando superpopulosos, não tendo lugar nem mais para as famílias morar perto um do outro, que umas das características moradias Guarani/Kaiowá. Há muitas reivindicações sobre as terras tradicionais, para que se possam reconstruir os modos de viver e onde cada um possa ter seu espaço de sobrevivência. Desde o momento que o governo resolveu criar, delimitar os espaços dos povos Guarani/Kaiowá no município de Amambai para o ajuntamento em determinado lugar, de cercar de onde pudesse privar e controlar esse povo, o sofrimento começou ser novamente espalhados como praga e para os SPI era vantagem ter o poder em suas mãos e por isso foi criada a Reserva Indígena Amambai, para a família que estivesse morando ou trabalhando nas fazendas fosse trazidos para o confinamento que perduram até hoje.

Foi nesse momento que a população Guarani/Kaiowá passou por diversas mudanças, consequência da transformação radical de seu ambiente por causa da

ocupação massiva de seu território tradicional o que significou gigantesca ampliação do contato com a sociedade envolvente nas últimas décadas. Podemos dizer que os avanços significativos para os exploradores da expansão econômica sobre o território tradicional Guarani e Kaiowá no sul do Estado se deu, na maior parte, pela ação da Companhia Mate Laranjeira, Thomas Mate-Laranjeira, em 1.882, conseguiu, por intermédio do Barão de Maracajú, uma concessão do Governo Imperial, para exploração da erva-mate, conseguindo o monopólio. Pode-se dizer que houve momentos de difícil transição, pelos quais os Guarani/Kaiowá passaram até serem “confinados” (BRAND, 2007):

Primeiro, com a instalação da Companhia Mate Laranjeira em áreas tradicionais por volta de 1880, os indígenas passaram a trabalhar para a Companhia como ervateiros à serviço de empreiteiros paraguaios e correntinos, mantendo-se dessa forma dentro de suas áreas tradicionais. Brand (2007, p. 2)

É o que afirma em uma conversa que tive com uma senhora bem idosa que viveu nesse momento tão difícil no chamado ajuntamento dos Guarani/Kaiowá nas reservas:

Ore ndorohoseirõ jepe umi mbaíry kuéra ore gueraha namarra higuái, ndorojusei ramo ardeia pyahupe governo kuéra oipe’a haguepe avape guará, oivape oñapyti ha omombo mombo mba’eryrype, oreguereko vaikuepe ko va’ekue, upeicha roju, orembyaty aty ko’ape roiko haguape anga peve, heta ore rey’ikuéra omano, ojuka chupekuera umi mba’íry ndaija’ei ava kuérare, heta ñamoi omano avei, ndovyai ou haguepe, ñandejara ogueraha chupekuera pono oiko hasyve ko yvyári, roiko hasyko va’ekueko, hasype ko rojepokua’a va’ekue ko tekohaguasurape, (Kuña orekova 89, roy).

Tradução: Mesmo que a gente não quisesse ir para o lugar indicado, os não índios nos levava à força, não perguntava nada. Algumas pessoas eles só iam jogando no carro para levar os indígenas, para sermos ajuntados num mesmo lugar e onde pudesse viver todos juntos. Eles não conheciam nosso jeito de ser e viver eu acho que eles pensava que como a gente é índio todos tem morar juntos. Por isso, muitos parentes e idosos morreram de desgosto para não ver o sofrimento. Assim deus o levou para morar no céu, aliviando sua dor de não viver mais na sua terra tradicional. Outros fugiam para fazenda pedir socorro e outro corria mata adentro se esconder. Era muito triste, mas conseguimos adaptar nesse novo território.⁵

⁵ Idosa de 89 anos, moradora muito antiga na comunidade, da família extensa, que conhece bem o jeito de viver dos mais jovens.

Pude perceber na fala dela que foram momentos muitos dolorosos e tristes para quem viveu naquele tempo. Todos eles estavam acostumados a viver do jeito que quisesse; as famílias extensas eram as que mantinham o poder de decisão. Quando o SPI juntou as famílias, era um novo processo de confinamento, um jeito que os índios não estavam acostumados a viver. E para piorar, os Guarani/Kaiowá tiveram que se submeter ao trabalho da Companhia Mate Laranjeira. Por isso aparece a presença dos indígenas nos ervais juntamente com os paraguaios. Os índios trabalhavam com suas famílias nos ervais para ganhar mais e sustentar as famílias. Quando não dava certo, estes procuravam outro patrão, mas nem sempre o patrão antigo deixava sair. Eram aprisionados por dívida e como o Guarani/Kaiowá nunca foram de ficar presos, por isso fugiam dos patrões, por não suportarem tamanha crueldade, que também não era nada fácil, tendo em vista que os “Gatos”⁶, como eram conhecidos na época, mandavam capturar ou matar aquele que fugisse do trabalho com toda família.

Eram muito cruéis com todos os trabalhadores indígena ou paraguaio, todos eram iguais perante o gato, um trabalho escravo sem saída. Lembro que, quando criança, meu avô João Aquino contava essa triste realidade que ele tinha passado:

Trabalhar nos ervais era assim, muito sofrimento tinha que levantar duas ou três horas da madrugada pra seguir trilha que levasse para poder chegar ao serviço às quatro horas, pra poder render serviço, não podíamos demorar as vezes nem comíamos direitos, se não fosse acordar e levantar o capataz que cuidava dos trabalhadores chamava duas vezes e se não acordar levantava a tarimba pra derrubar no chão, chutando ou batendo nas pessoas era desumanos, isso não era vida para quem estava trabalhando nessa nova vida de escravidão, se achasse ruim metia bala e matava ali mesmo, ninguém podia fazer ou falar nada. Isso que era problema. A gente não podia abandonar porque precisava trabalhar, com isso aprendi muitas coisas. Acho que por um lado foi bom e por outro foi ruim, mas aprendi a viver daquele jeito e estou vivo pra contar minha historia a vocês. Por isso, nunca parem no primeiro obstáculo da vida, quando vocês crescerem, lutem e não desanime pra ver seus netos contarem história como eu estou contando a vocês, seja perseverante e tem que saber lutar pelos seus direitos de viver”.

Em muitos momentos dessas tristes realidade que vivi foi um aprendizado que jamais esquecerei e os meus netos também saberá dessa história.

⁶ Empreiteiro que recruta os índios nas aldeias para o trabalho fora das aldeias. No começo desta atividade eram os não-índios que faziam este recrutamento, hoje já existem indígenas que fazem este trabalho.

Foto 02: avô da autora, João Aquino, 103 anos



Fonte: Arquivos do Centro de Documentação Teko Arandu, NEPPI, 2005

Nunca esqueci essa história tão triste e dolorosa pela qual meu avô passou. E assim continuo a escrever a minha história, que ele começou no passado. Desestruturando totalmente o jeito de ser e de viver dos Guarani/Kaiowá, agora os colonizadores da vez foram os ervateiros. Por essa razão as reservas tinham que ser criadas, para compensar o que lhes fora tirado, tomando conta do espaço que era nosso, tentando acabar com nosso jeito de viver, tentando apagar o jeito tradicional do indígena. Muitos foram mortos pelos próprios grupos que ficavam a favor dos não índios. Outros, os mais idosos, morreram de desgosto, porque não se habituaram a viver daquele jeito, no cercado. Então, Deus teve pena e levou-os para viver junto.

Assim, foi desarticulado o jeito de viver dos Guarani/Kaiowá que foram se sujeitando à exploração da mão-de-obra pelos senhores das grandes fazendas. Tinham aqueles que não queriam e fugiam ou então procuravam as fazendas para se refugiar e assim começaram a trabalhar nas fazendas que os acolhiam como forma de agradecimento. Mais tarde os índios se deram conta de que precisava sair dessa vida

escravizados na qual foi submetidos e por isso fugiam do lugar que se encontravam, ou tinham que ir para as reservas demarcadas como espaço destinado aos indígenas Guarani/Kaiowá, para não incomodar os não índios. Eles não aceitaram essa decisão até porque estavam acostumados a viver naquele lugar e quando tinham vontade mudavam de lugar, onde os espíritos dos ancestrais os acompanhavam, protegiam e davam forças para vencer as lutas. Para eles não existiam e não existem fronteiras, porque “Paikuará” (deus sol) deu espaço suficiente para todos morarem e ocuparem por onde dava vontade, mas como as regras da sociedade não-índia são diferentes, que tivemos que nos ajustar aos moldes da sociedade envolvente. A explicação de Barth (2000) deixa claro, essa realidade a qual vivenciamos na comunidade a cada dia, independente de ser o povo a qual pertence e afirma:

Há relações sociais estáveis, persistindo e frequentemente vitais que não apenas atravessam essas fronteiras como também muitas vezes baseiam-se precisamente na existência de status étnicos dicotomizados. Dito de outro modo, as distinções étnicas não dependem da ausência de interação e aceitação sociais mas, ao contrário, são frequentemente a própria base sobre a qual sistemas sociais abrangentes são construídos (BARTH, 2000, p.26).

Dessa maneira estava formado o cercamento de área chamada reservas indígena para Guarani/Kaiowá na região, onde se vive e prevalece até o dia de hoje. Era fácil encontrar lugar para morar naquela época, porque se acostumava morar longe um do outro e só as famílias costumava morar perto um do outro. As famílias escolhiam lugar para morar onde a terra pudesse ser mais produtiva, espaço que servia para sustentar os Guarani/Kaiowá, com sua plantação, tinha que ser de acordo com seus costumes seu jeito de ser o “ñanderekotee” (o jeito específico de ser Guarani/Kaiowá). Esses eram lugares apropriados para morar e cultivar plantação, onde a terra dava fertilidade. Tinha que ter córrego ou rio que dava de beber aos seus filhos. Isso facilitava nossa sobrevivência em como plantar e também ser auxiliado pela natureza, Foi neste espaço que minha família procurou moradia, num espaço bom para morar, onde pudéssemos crescer com maior tranquilidade e onde, ainda, vive em grande parte a minha família. Hoje o solo não é mais tão produtivo como antigamente, sempre precisa de reparos e com algumas tecnologias que estão presentes fazendo parte dos trabalhadores da roça, chegando na comunidade. Eu não vivo mais com minha família nesse espaço que cresci, por ter conseguido outro lugar, mas continuo morando na mesma aldeia. Mesmo depois de casada, nunca deixaria esse local de crescimento. São

lugares que amo muito e nunca abandonaria o lugar. São lugares que me incentivam a levar adiante o desenvolvimento de minha pesquisa. Me trás muitas recordações boas e também ruins, porque quando era criança podia brincar tomar banho de rio, e muitas outras coisas maravilhosas que fazia e triste porque hoje não podemos fazer isso. A população não tem espaço nem para plantar, nem para crianças brincar ou nadar. Nesse espaço cada família tinha o seu pedaço de terra o qual podiam escolher para viver com a permissão dos líderes locais (capitão, assim denominado atualmente) que autorizavam a sua instalação para viver no espaço cedido.

Atualmente, não se vê mais isso. Tudo mudou, as famílias precisam comprar pedaço de terra para morar e também, dependendo do lugar escolhido, alguns conseguem espaço suficiente até para plantar. O modo de plantação tradicional predominava até pouco tempo atrás, pois não tinha maquinários na aldeia e os Guarani/Kaiowá preparavam suas roças respeitando a cultura de plantio, a época certa de preparar a terra, plantio e a colheita. As famílias tinham suas roças e plantavam de acordo com a sua necessidade. Isso lhes proporcionava cuidar da natureza com muita sabedoria, de plantar e colher tradicionalmente, do jeito Guarani/Kaiowá que aprendiam com as pessoas do entorno. Aquele que detinha conhecimento sobre as técnicas de plantar e aprendiam também com os “ñanderu”, como fazer a plantação diversos, como: a mandioca e milho, batata doce, arroz, cana de açúcar, mamão, amendoim, banana e os frutos que fazem parte do dia a dia, etc. Por isso as famílias tinham alimentos para o ano inteiro e, também, guardavam para plantar no ano seguinte. Colhiam alimentos para seu usufruto e em parte dividiam com seu parentes e com quem lhe ajudou na roça. Eram muito solidários entre si, o que hoje não se vê. O mais interessante nisso tudo é que as famílias não passavam necessidade como hoje, não dependiam de cesta básica.

Desde essa época o sofrimento dos Guarani/Kaiowá foi se tornando cada vez mais complicado na comunidade, por não poder praticar seu jeito de viver. Os Guarani/Kaiowá não estavam acostumados à chamada fronteira (espaço), delimitado para não ultrapassar nas terras vizinhas. Era um mundo estranho, mas que precisava ser encarado para poder viver. Não posso esquecer-me de falar da situação da época em que os homens não precisavam se ausentar da aldeia para trabalho a fim de sustentar sua família. Com a nova mudança de trabalho para os Guarani/Kaiowá, eles precisavam sair longe deixando sua família na comunidade se ausentando por vários dias, isso foi

modificado por causa da necessidade que os Guarani/Kaiowá enfrentavam, precisava trabalhar para sobreviver.

Por isso, tinham que procurar trabalho, que era conhecido como “changa”, que quer dizer: trabalho remunerado que existia ao redor da aldeia. Trabalhavam por diária, ao final do dia recebiam o pagamento. Na época, tinha muitos serviços fora da aldeia. Realizam tarefas como capinar milharal, plantar soja, mandiocal, roçado para pastagem. Quando era época chegavam a disputar por trabalhadores. Tinha muito movimento na aldeia, trator e caminhão que transportava indígenas para as lavouras. Quando o serviço era mais longe, os indígenas acampavam no local de trabalho, mas quando terminasse o serviço em seguida retornava para a aldeia. Faziam isso enquanto aguardavam produção das roças; totalmente diferente da vida, ou seja, do costume tradicional. Um “entre-lugares”⁷ que estávamos chegando, mas que não sabíamos em que situações iam nos encontrar, confundindo a maneira de sobreviver do indígena Guarani/Kaiowá. E agora onde encontrar trabalho e como fazer para sustentar a família? Na aquela época era fácil porque nas redondezas da reserva, tinha serviço para índios e também para os paraguaios. Naquela época, todas as famílias da comunidade se conheciam bem e não tinham desavenças entre elas. As famílias viviam em harmonia e frequentemente participavam das festas religiosas e festivas batismo, reza, reunião . Muitos homens não estavam acostumados a trabalhar fora da comunidade foram obrigado a exercer novo jeito de trabalho, os tradicionais que se submetem, aproveitavam o tempo livre para trabalhar na roça, cuidar dos filhos, dar conselhos na madrugada na beira do fogo, onde os ensinamentos era repassados. A educação indígena, a participação na vida comunitária e solidária. Todos sabiam a época certo, de se plantar, tinham data certa para semear, porque sempre havia o batismo das primeiras colheitas, essas eram comemoradas com grande festa tradicional. A primeira colheita do milho era especial: o milho é o alimento sagrado o pai de todas as sementes (temity marangatu = semente sagrada).

Os Guarani/Kaiowá tinham um modo de plantar diferente dos não-índios: semeavam as sementes em dupla, o milho e feijão de corda (avati ha kumandá) na mesma cova, assim cresciam e colhiam-se os dois ao mesmo tempo. O sarakua(pedaço de madeira pontuda que se fazia cova para plantações de sementes) era um dos

⁷ Entre-lugares: Terreno para elaboração de estratégias de subjetivação-singular ou coletiva – que dão início a novos signos de identidades e postos inovadores de colaboração e contestação, no ato de definir a própria ideia de sociedade (BHABHA, 2007, p.20).

instrumentos que fazia parte cotidianamente. Era usado para plantar. As mulheres também não ficavam de fora: faziam a sua parte, levavam todos os dias seus produtos até a cidade para vender ou trocar por outros produtos. Trocava por pucheiro⁸, sabão, óleo, macarrão, que agora os alimentos tradicionais estavam sendo substituídos pelos industrializados. Uma troca de cultura alimentar que agora fazem parte do contexto atual. Lopes da Silva (2010):

Mas com o avanço da civilização e o aumento da população começaram a haver mudanças dentro da aldeia. Depois que a Funai começou a atuar nas aldeias o panorama mudou, pois o órgão chegou apresentando o seu projeto e muitos índios se iludiram com isso. Mas a principal mudança aconteceu depois que a FUNAI levou máquinas agrícolas e sementes para as famílias, desde aquele momento a aldeia ficou dependente do órgão governamental, não conseguiram mais plantar suas roças por que um trator não dava conta de gradear todas as terras na época certa e a semente sempre chegava atrasada. Outro fator que dificultou foi que as famílias passaram a criar muita intriga por causa do trator. Então, a maioria das famílias não conseguiu mais plantar suas roças no modo tradicional (LOPES DA SILVA, 2010, p.10).

O que isso tem a ver com o povo indígena? Como eles não conseguiam se adequar às novas tecnologias da modernidade, os exploradores iam dispensando a mão de obra dos índios que não lhes servia para trabalho. Ao pesquisar com os mais velhos na comunidade, onde desenvolvo minha pesquisa, conversei com várias pessoas da comunidade e obtive muitas informações importantes, que me ajudaram a entender e compreender a vivência dessas crianças, como o aprender acontecem cada momento e lugar sem se perceber desde muito pequeno. Em uma das visitas estive conversando com uma mãe Kaiowá de 65 anos, que vive no modo tradicional:

Em primeiro lugar perguntei a ela como ela estava vendo as crianças de hoje, ela me falou que ta triste com a situação que vive, ou melhor com a vida que ta levando, antigamente tinha roça e eu só trabalha na roça, e ensinava meu filho a se interessar por ela mostrava o quanto era importante manter a tradição ou sei la como vocês jovem chama hoje de cultura, de como ele é o elo de ligação para vida futura melhorar ou piorar,

Perguntei o porquê disso, então ela me falou que: “Sem essa ligação com a terra não podemos chegar a lugar nenhum, a terra e o caminho que nos conduzirá a

⁸ Pucheiro: Osso com pouca carne, comida típica do Paraguai, que os índios aprendeu a saborear ,muita barato.

terra sem males, pra isso precisamos cultivar ou seja usar ela para que possamos ser forte”⁹.

Então nós fomos conversando enquanto ela me levava pra sua roça segurava em sua mão a sua enxada e facão uma das ferramentas úteis para quem trabalha com a terra, ela ainda me mostrou sua linda plantação de milho recém nascido e ainda me disse que:

Antigamente tudo era mais fácil, quem plantava sua roça, já tava tranquila tinha o sustento pra viver, se dedicava somente à trabalhar na roça dia a dia, não como hoje que o dia a dia das pessoas foram mudando não pra melhor mas do jeito que o mundo quer e com certeza não é o que “paikuara” quer, quando se planta tem que cuidar, não adianta você plantar e deixar o mato tomar conta. A gente gosta de ver a nossa roça limpo de arrancar mandioca no limpo, não no meio da sujeira. Os cuidados começam desde a preparação do equipamento da roça, tem que saber fazer o cabo da enxada, da foice e do machado, isso tento ensinar aos meus netos, mas tá difícil deles se interessar porque hoje tem tanta modernidade que atrapalha nossa vida e nosso costume. (mãe, Kaiowá)

Isso me fez lembrar minha família, quando meus irmãos e eu íamos pra roça limpar e dava realmente gosto de colher no limpo o que se plantou, e a gente brincava e se divertia enquanto trabalhávamos. Não era obrigação, aprendíamos a fazer os trabalhos domésticos ou de roça, fazíamos no nosso ritmo, sem controle de alguém por perto. Foram ensinamentos que me lembro como se fosse hoje e tento repassar a todas as crianças com quem convivo diariamente. Achava incrível: ninguém desobedecia aos pais, não precisava ninguém dar ordem para ser obedecido, se fazia com prazer. Uma das técnicas de plantio que aprendi foi que cada semente tem sua época certa, de acordo com as fases da lua e estação de tempo, e se esperava passar a geada para fazer a semeadura. Isso aprendíamos com o avô materno e com os demais sábios indígenas. Mas logo em seguida ele se converteu para uma igreja pentecostal; aí ele já falava mais de Deus, falava muito pouco sobre o jeito de viver Guarani/Kaiowá, porque quando criança já tinha nos ensinado tudo que devíamos aprender para viver. Mesmo assim ainda falava de como nos comportar diante de situação diversa, continuava ensinando e dando conselhos a qual tenho guardado comigo até hoje. Tenho muita saudade do meu avô, meu grande professor na escola da vida. Com ele aprendi muitas coisas e os conselhos que me ensinou guardo comigo até e levarei até o final da minha vida.

⁹ Mãe Kaiowá , 65 anos.

As duras realidades que enfrentamos a cada dia pelo avanço da modernidade que chega invadindo ao nosso cotidiano, tentando nos moldar para outras situações estão tentando nos desarticular do nosso jeito de viver e pensar sobre o mundo em que estamos mas, precisamos definir e manter com força e vigor agindo com muita sabedoria todos os desafios enfrentados com nova política da vida que as tradições do outro mundo nos impuseram: que a principal dela é a desestruturação causada pela diminuição dos territórios tradicionais e pelo avanço da modernidade, tudo isso trouxeram muitas desacertos e dependências para o povo Guarani/Kaiowá que se encontra sem muitas perspectivas de vida. As políticas assistencialistas dos governos mal intencionados se tornaram armadilhas perigosas para o povo Guarani/Kaiowá.

Em pouco tempo tudo se transformou, a maior parte das famílias vive do trabalho assalariado dos homens que vão para as usinas de álcool. As comunidades estão cada vez mais aumentando sua população, e aí encontra um novo e velho problema: sem espaço para plantar e viver, o governo Federal e o Estadual fazem a doação de cestas básicas para “amenizar” os problemas que a comunidade enfrenta no dia a dia, o que impactou ainda mais a mudança do jeito de ser do viver dos Guarani/Kaiowá. que, aos poucos, vai esquecendo suas verdadeiras identidades. Mas não queremos isso: a comunidade precisa achar uma saída, e ficar independente, que os indígenas sabem fazer muito bem.

Por isso que digo que os projetos concebidos pelos governos são mera negação de identidade. Na nova caminhada de discussões estão as condições de políticas públicas que não está se tendo uma relação de encontro com a necessidade real dos Guarani/Kaiowá e por precisa retornar a tradição cultural para tomar caminhos que levarão o povo a tomar certas medidas com urgência para resolver os problemas a curto e longo prazo, não podemos viver somente lembrando o passado que causou muitos danos para população indígena depois de uma triste realidade de confinamento, a qual fomos obrigados a aceitar.

Mas estamos ressurgindo com as raízes mais fortes para vencer os obstáculos das muitas fronteiras que estão no espaço que precisam ser vencidas para a reconstrução de uma nova realidade para o mundo de incertezas e cheios de armadilhas nas suas transformações massiva de tecnologias diário, que a sociedade transforma seres humanos em mercadorias, colocando etiquetas naquilo que dá mais lucros, e esse jeito e essa cultura nos não queremos para o nosso povo, nem para a nova geração que vem aí,

queremos nos adequar para levar conosco o jeito guarani e o jeito kaiowá, enquanto o mundo for mundo, essa tradição tem que continuar.

Quando olho essa paisagem sem vida fico triste de como vai ser a herança que vamos deixar para gerações futuras, uma terra seca? Onde nada será produzido? Como as crianças sobreviverão a essa catástrofe mundial? Se ainda pudéssemos viver como no passado, quando esgotasse o bem de determinados lugares tínhamos condições de mudar o dia e a hora que queríamos, mas sabemos que jamais, voltará a ser como antes. Estamos cheios de cercas que nos separam como sempre a terra mais judiada do povo Guarani/Kaiowá.

Foto 03 - desmatamentos na margem do rio.



Fonte: Aquino, 2010.

A foto 03 acima mostra a judiação que a terra sofre pela ganância dos homens que querem enriquecer. Quando o povo indígena foi retirado de sua terra tradicional para as reservas de confinamento deixaram as terras em boas condições, os fazendeiros se apropriam das terras, retiraram todo o nutriente, deixando-a bem escassa, para depois devolver aos indígenas. Quando os Guarani/Kaiowá voltam a adquirir a terra

tradicional, encontram o local infértil, sem nenhuma vida e mesmo assim não querem devolver, e ainda somos chamados de invasores de terra.

E os rastros deixados pelos colonizadores são bem visíveis, espaços de terra sem vida que deixam tristes nosso pai “Paikuara”, por ver a terra tão escassa para os seus filhos e é assim também que se encontra o jeito de ser no cotidiano. Quiseram apagar, mas não conseguiram, o nosso “ñandereko” ficou num campo vazio sem nenhum bioma que possa alegrar a vida da natureza e dos seus moradores. O horizonte do Guarani/Kaiowá se tornou tão embaçado que está difícil de encontrar uma luz brilhante que pode iluminar as fronteiras do nosso caminhar. O conhecimento e a sabedoria tradicional é a linha que o conduzirá para chegar ao nosso destino, a terra sem males.

Os Guarani/Kaiowá estão cansados de viver sem ter uma terra suficiente para sua sobrevivência, um espaço onde poderá se fundir o novo e o além para viver mutuamente. Vivemos e convivemos atualmente no momento de grandes impasses, como o aumento das violências interna e externas, problemas ambientais causados pela ganância do ser humano que acumula para os bens materiais, dificuldade na produção de alimentos por a terra não possuir os nutrientes básicos, desnutrição causada pela modernidade, uma doença estranha que traz morte para os nossos pequenos guerreiros, uma nova doença que convive no meio no maior silêncio. Como atacar esse bicho que assusta tanta gente? São problemas consequência de confinamentos desastrosos. O que o professor Brand (1993) em sua pesquisa relata:

No contexto atual, a reza e a dança rituais têm certamente mais a função de manter a coesão interna e são fator importante de afirmação da identidade, frentes aos perigos da desintegração, representados pela presença da sociedade envolvente (o não guarani) e por isto mesmo desempenham papel fundamental na estratégia de resistência destes índios hoje (BRAND, 1993, p.109).

Atualmente, os movimentos indígenas estão cada vez mais se fortalecendo para continuar sua luta cultural pelo direito a terra e de manter viva a tradição e sabedoria tradicional, reverter o quadro tão terrível e miserável que a situação atual os colocou diante da sociedade envolvente.

Essa situação engloba vários aspectos - cultural social e econômico - e que estes sirvam para que a comunidade possa refletir sobre o viver no mundo moderno, que vão muito rapidamente acontecendo as conquistas básicas no mundo

Guarani/Kaiowá, principalmente quando se trata da reorganização social da política indígena, com os movimentos parceiros que estão sempre na luta pelos direitos indígenas, sempre na luta pela demarcação das terras tradicionais que um dia lhe foram roubadas brutalmente.

O povo Guarani/Kaiowá nunca vai esquecer o seu objetivo principal que é a busca pela sua autonomia, sem esquecer os fundamentos básicos de conhecimentos que embasam a vida indígena, que valorizam e respeitam a diferença e a diversidade cultural, mantendo sempre o respeito pela sua divindade e a dignidade como sujeito de valores e princípios que deve manter no meio da comunidade e com a interação da política da sociedade envolvente.

As pessoas ficaram dependentes do governo até para fazer seu plantio. Parecia que tudo era ligado à instituição. Os Guarani/Kaiowá perderam o jeito de viver independente, porque a maioria não estava preparada; esperava que os governos trouxessem mantimentos para continuarem plantando suas roças, mas aos poucos, fomos sendo novamente escravos e sendo mal vistos pela sociedade envolvente. Hoje percebo que a maioria dos homens vai para as usinas em busca de ganhar dinheiro. Lá eles trabalham como escravos, mas acham que está tudo bem. A mão de obra tinha prazo e data para terminar; os donos das fazendas foram mecanizando suas lavouras e, como consequência, os homens foram perdendo seus espaços de trabalho que na aldeia não tem emprego, somente nas fazendas das redondezas. Isso aconteceu por muito tempo até que um dia tudo acabou se tornando tudo mais difícil para os homens que tinha que viver a cultura do não índio e para sobreviver tinha que se submeter a várias incompreensões, por serem totalmente diferentes os trabalhos que fazia em sua comunidade.

Instituição chamada escola chegou quando os opressores dos povos indígenas chegaram a nossa Terra, e a partir daí passou por várias fases de mudanças, e por várias organizações que “cuidava” dos povos indígenas, até chegar ao dia de hoje, de se ter uma política voltada para a educação escolar indígena, pelo menos é isso que diz na teoria.

A escola se instalou sem pedir licença na comunidade indígena, na época era para destruição da cultura Guarani/Kaiowá, mas no mundo atual em que vivemos precisamos dele para ter uma mediação entre o mundo dos não indígenas e o mundo indígena, ferramenta indispensável para transitá-lo na ponte do conhecimento e

sabedoria, entre as fronteiras sem escolher o lado direito ou o lado esquerdo, mas sim ir além dessa tradição para saber lutar sempre pelo direito de viver e sobreviver no mundo moderno.

Por isso esse tema precisa de uma discussão ampla para construir uma educação de qualidade e suficiente para atender a necessidade dos Guarani/Kaiowá e se auto afirmar a identidade indígena em aspecto cultural, social, econômica, étnica e política, num processo em busca por uma autonomia de ressignificações de fortalecimento na conquista de ideais que o guiará a encontrar um novo caminho que possa melhorar a vida como cidadão brasileiro consciente de seus direitos e também deveres.

Onde este caminho é um grande desafio a ser superado para entrar no além da educação sistematizada para uma educação diferenciada intercultural e bilíngue.

No Estado de Mato Grosso do Sul a educação escolar indígena começa a andar, graças a um movimento que começou por volta de 1970, até então nas escolas se cumpria as regras das elites governante, toda decisão partia deles. A língua materna dos Guarani/Kaiowá na época quase foi extinta, ninguém podia falar, uma dura realidade que os povos indígenas frequentavam e mesmo assim conseguiram manter viva sua língua mesmo na maior opressão, graças aos “ñanderu e ñandesy” que estavam ligados com nosso deus, para não se esquecer de apaziguar o sofrimento dos seus filhos.

A comunidade Guarani/Kaiowá da aldeia Amambai, Amambai-MS, anteriormente, era atendida pela escola da FUNAI e mais tarde pela Missão Caiuá Presbiteriana. A esse processo modelo de educação escolar estava atribuído a uma pedagogia repressiva, totalmente autoritária preparando as crianças para uma realidade que não se vive na comunidade Guarani/Kaiowá, conteúdo desconectada da vivência das crianças e dos adultos, a partir de então começa o movimento de luta por reivindicações, da educação escolar indígena que tem por objetivo de ter um espaço de preparar a criança para transitar entre os dois mundos e entender o universo em constante transformação.

A escola Municipal Pólo Indígena MBO'EROY Guarani Kaiowá, foi criada pela Lei Municipal nº 1.293, de 14 de Novembro de 1990, atendendo a reivindicação da comunidade local e alterada pelas leis nº 1.508/98 de 28.05.98, 1517/98 de 29.06.98 e 1711/02 de 29.11.2002 com o Decreto Municipal nº 246/03 de 11 de junho de 2003. A

escola é específica e visa atender a comunidade Guarani/Kaiowá desde a Educação Infantil crianças de 5 a nos e Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, possui extensões na mesma localidade, com denominações das salas de aula em Guarani/Kaiowá e em Português as suas tradução:

- Mbo'erenda Jeguaka Marangatu - Sala Coroa Sagrada – Sede.

Localizadas no Posto Indígena (centro da aldeia) e as demais é sala extensiva, que estão relacionadas abaixo:

- Mbo'erenda Pãy Javyterã - Povo do Centro da Terra – Sertão,
- Mbo'erenda Ipy endy - Panduí,
- Mbo'erenda Patrimônio Kaiowá – Patrimônio Kaiowá,
- Mbo'erenda Mitã Katupyry - Criança Inteligente.

É administrada pelas próprias pessoas da comunidade, entre os quais estão os professores, direção, coordenação, secretários, vigias, serventes, merendeiras e inspetores de alunos são indígenas, criadas com intuito de atender a necessidade e solucionar os problemas herdadas da educação europeia desenvolvem seus projetos em prol de uma educação engajada de renascer com conteúdos esquecidos pelo sistema de ensino, que quer construir o Projeto Político Pedagógico a gerir sua autonomia e se auto valorizar a sua identidade quase perdida, por causa dessa instituição escolar e agora essa mesma instituição levará o povo indígena a encontrar o caminho de volta para a Terra Sem Males.

Logo então os Guarani/Kaiowá se sentiram na obrigação de adotar a escola como umas das ferramentas necessárias que ensinará a mediar entre o indígena e o não indígena de como viver em liberdade e usando a mesma arma que nesse século estão dizimando nosso povo.

Como a população da aldeia Amambai está aumentando cada vez mais a sua população, a demanda pela escola também aumenta. Por isso, a reivindicação para os órgãos públicos sobre a ampliação e construção de mais escola na aldeia é viável, por isso a prefeitura está construindo mais duas escolas, que é mantida pela Prefeitura Municipal e Secretaria de Educação do município, porque a comunidade assim decidiu.

Na parte de saúde indígena a comunidade possui dois postos de saúde administrados pela “SESAI” a partir de 2012, em parceria com o município.

O principal problema atual é a falta de terra por estarmos vivendo num espaços muitos delimitados da reserva que tornam nosso transitar em grandes desafios. Sem esse espaço sagrada não há vida na terra, e nem podemos continuar a viver e sobreviver, e sem ela a nossa cultura e nossa tradição se enfraquecerão.

CAPÍTULO II

A Criança Indígena e a Infância Guarani/Kaiowá

Com esta pesquisa busco refletir sobre processos próprios de aprendizagem de crianças que ainda se mantêm no modo tradicional Guarani/Kaiowá e como é o trânsito entre essas fronteiras, nos entre - lugares (BHABHA, 2007) como parte do nosso cotidiano híbrido como povos indígenas. Como é ser criança na comunidade, diante de todas as informações que vão chegando. Como compreender a infância Guarani/Kaiowá e os seus modos de aprendizagem.

Por muitos anos, os povos indígenas foram vítimas de genocídio, sofrimentos e exploração, o que causou grande revolta, situações que atingiram também as crianças. Como podem ser chamados de heróis aqueles que quase dizimaram por completo a população indígena, incluindo as crianças? De tão cruéis não são dignos de serem chamados de seres humanos. As crianças fazem parte do contexto cotidiano da comunidade indígena e por isso são conhecidos como seres pensantes e reprodutores de conhecimentos através de vários momentos e observações. Assim possuem diversas trajetórias de vida, cheios de idas e vindas que vão mostrando caminhos de muitas surpresas. São seres que sempre estarão pensando em ser um verdadeiro Guarani/Kaiowá, que manterão o desenvolvimento étnico e cultural com muita força e farão prevalecer sujeitos que estão no intuito de auto-afirmação de sua identidade, mesmo hibridizada, que em determinados momentos e lugares estará atravessada por diferentes momentos de mudanças importantes que abrem caminhos ambivalentes, retornando sempre a visão de “des-construir” e “re-construir” a história nesse mundo contemporâneo, que sempre teve sua fundamentação na cultura européia do colonizador.

Esse atravessamento de concepções imbricadas pelas diferenças do contexto cultural em que vivemos, deve ser uma re-análise constante de conceitos, para estruturar os espaços para nova geração que são as crianças e os jovens, em busca de uma autonomia que possa lhes garantir o modo de sobreviver e viver seguro como um Ser diferente, na auto-afirmação de identidade, sem negar o Outro e o presente moderno¹⁰ que embarçam os conhecimentos adquiridos durante as várias gerações que nos antecederam.

Como aqui no momento é a criança guarani kaiowá que é o centro de nossa investigação é necessário que saibamos qual é o seu contexto atualmente. Elas fazem parte da vida cotidiana dos adultos? A foto 04 abaixo mostra que as crianças estão sempre ao redor dos adultos, foi tirada numa reunião de família, o bebê e o irmão maior estão juntos. Quando não tiver adulto por perto essa menina fará o papel de mãe com toda a responsabilidade de um adulto. Isso esclarece que mesmo convivendo com não indígenas, não deixamos de praticar nossa tradição, no fundo valorizamos da junção de duas culturas, não deixa fora o aprendizado do cotidiano e aproveita para si o que encontrar no entorno de sua vida diária, ou seja, mesmo apreendendo a cultura de fora não perderam seu jeito tradicional, somente foram negociando as mudanças sem esquecer da sua maneira de ser:

Foto 04: bebê e a irmã, numa reunião de adulto.



Fonte: Aquino, 2010, Amambai

¹⁰ Estou chamando de moderno tudo aquilo que é próprio do mundo não indígena, aquilo que veio com a chamada civilização com o processo colonizador.

Uma menina que não se descuida de um bebê que está no carrinho, que é costume do Outro, mas que os índios se apropriaram por causa da necessidade de hoje. Vemos que as diferenças da criança sabem conviver com os dois mundos (HALL, 2009), mesmo tendo a aparência moderna, Guarani/Kaiowá, ainda preserva o cuidar dos outros, elemento fundamental para dizer que ele continuará a viver e sobreviver na multiculturalidade, onde as muitas culturas caminham juntas. O jeito de ser da criança continua presente “o pequeno cuidando do outro menor”, vai aprendendo a cuidar um do outro desde muito cedo.

Precisamos entender a diferença que existe entre a educação escolar indígena e educação indígena. A primeira é uma educação que veio com os colonizadores há muito tempo, forçando os índios se integrar à nação da sociedade nacional, pensando que estavam educando-os para serem “gente”, sem respeitar o jeito tradicional de ser de cada povo.

Enquanto que a educação indígena é produzida na oralidade, vai acontecendo em todos os momentos da vida. Os conhecimentos são transmitidos pelos mais velhos e até pelas outras crianças com quem convivem, seja na família ou com os parentes que estão no entorno. A educação a vida vai acontecendo no dia a dia e em vários locais: seja na beira do fogo, da madrugada, no amanhecer, quando os conselhos de nossos avós tinha mais sucesso, porque nosso deus usava a boca deles para repreender os espíritos da desobediência. A educação nunca acontecia na ponta do lápis ou no papel; os indígenas não conheciam os desenhos esquisitos que chamamos de letras, que atrapalham o desenvolvimento do conhecimento tradicional.

No momento atual esse conceito mudou um pouco, pois as transformações que ocorrem no mundo também atingiram a comunidade tradicional. Antigamente, as mães tinham uma proteção constante, cuidavam dos seus filhos com maior carinho e amor, que incluía sua alimentação e adornava com pinturas que caracterizavam cada fase de sua idade.

Não havia criança abandonada entre os indígenas porque estes não conheciam a prática de atribuir os estranhos a educação dos seus filhos. Essa divisão quem trouxe no meio do povo indígena foram os colonizadores, de acordo com os ensinamentos dos jesuítas. Antes as crianças eram criadas pela tribo, sem serem entregues aos outros para

serem educados; só viviam com a proteção especial dos pais e dos pajés líderes espiritual. Hoje estamos atravessando por vários caminhos tortuosos que nos levam a adquirir mudanças, com novas concepções. As crianças vão recebendo a educação de acordo com a sua fase de vida. Adquirem conhecimento próprio do cotidiano e daqueles com quem convivem à sua volta:

Os espaços das aldeias sempre se tornam lugar de valorização da cultura, onde as crianças têm papel fundamental de transitar na reorganização da política de auto-afirmação de identidade, por isso as crianças aprendem a identificar facilmente os espaços vividos como lugar de constante aprendizagem, feito pelos mais velhos¹¹.

Os espaços de aprendizagem são aqueles vividos a cada momento, dentro de sua realidade, de acordo a sua especificidade. Cada oportunidade é única para melhorar nosso conhecimento e ampliar a sabedoria que está quase adormecido. Temos que superar os processos de colonização tão ambiciosos que dizimaram e fragmentaram o conhecimento tradicional dos povos indígenas, tentando confundir os significados de novas identidades que estão surgindo. Tinham que se sujeitar ao sistema da história atual, da política, da representação do indivíduo, da homogeneização da diferença . Aqui vemos a preocupação de Hall (2009) para com a sociedade que vai sendo transformada constantemente.

Também a comunidade indígena vai seguindo essa trajetória. Isso não quer dizer que a comunidade deva parar no tempo; ela precisa seguir em frente, mas de acordo com sua realidade. Nesse processo de mudança que é preciso resistir ao que vem de fora, que pode prejudicar o pensar de indígena, mantendo a sua maneira de ser, de acordo com seu “ñandereko” (jeito de viver), sempre voltada para a sobrevivência e como seria a manutenção da auto-afirmação de identidade cultural neste século.

Todos esses aspectos constituem fases de um processamento de análise cultural e social, que vai muito além de simples entrosamento, tentando descrever o processo de deslocamento das estruturas tradicionais ocorrido nas sociedades/comunidade modernas, assim como o descentramento dos quadros de referências que ligam o indivíduo ao seu mundo social e cultural, que agora procura um atravessamento no além das fronteiras de cercamento ou fusão de mudanças radicais que prejudicaram o outro. Onde as crianças estariam nesse cenário? Por muito tempo as crianças foram

¹¹ ÑANDESY, Guaraní, 89 anos

coadjuvantes na história do povo indígena; pouco se falava dessa existência e nem mesmo os pesquisadores faziam pesquisa sobre eles.

Isso significa que a criança precisa de vários espaços para desenvolver sua capacidade intelectual, que a possibilita a compreensão das práticas e os ensinamentos a ela atribuídos desde que nasce assumindo seu papel principal como o lugar que a sociedade lhe reserva, em diferentes momentos da história. Mudar o lugar na sociedade requer reconhecer a criança como uma pessoa humana plena, em fase especial de desenvolvimento, que procura ter uma infância saudável, com direito à proteção da sociedade e não a sua indiferença ou subjugação bárbara que muitas vezes vemos acontecer.

As crianças têm seu processo de aprendizagem e socialização através da seiva da “mãe-terra”, que os alimentará para ingerir a grande sabedoria tradicional. Elas fazem parte do contexto da comunidade, alegram a vida dos adultos. O que seria da comunidade se não existissem as crianças? Lembro-me de um fato que ouvi quando adolescente da minha avó: que a mulher que não tivesse filho não é digna de viver, ela se torna amarga e imprestável. Na época achei muito forte a qualidade que se dava a essas mulheres. Era raro ver uma mulher estéril. Hoje percebo que ela estava certa: conheço duas mulheres sem filhos que me parecem tristes, sem vida, muita infelicidade nelas. Para a minha avó isto é castigo, por não ter cumprido a missão para a comunidade. Dependendo de onde a criança está inserida ela aprende a interagir com as pessoas do entorno, seja com a criança indígena ou não-indígena, o que a foto 05 mostra abaixo.

Foto 05: Comemoração de aniversário da criança.



Foto: Aquino, 2010.

Esse aprender vai acontecendo à medida que a criança vai assumindo o papel de querer compreender a educação indígena, repassada de geração para geração. E o que é ser criança neste século tão hibridizado, como é viver o além da fronteira?

Como as crianças e os adultos interagem entre si? Como compreender o que é ser criança Guarani/Kaiowá? Como transitar com tanta realidade familiar diversa vivida pelas crianças de hoje (há crianças que vivem com os avós; outras com uma segunda família; ou aquele que vive como “guacho” , ou seja, são crianças órfãs acolhidas por outras famílias da comunidade); criança que é uma mistura de raça. São situações que não existiam, mas hoje faz parte da nossa realidade. E como conviver com essa ambiguidade atravessado no espaço em que se busca alternativa para poder sobreviver nesse mundo tão cheio de tantas surpresas que vai acontecendo cada dia, com aprendizado múltiplo marcado com muitos vieses e significados para cada fase da vida. Canclini (2008) conclui sobre a incerteza da época:

A crise conjunta da modernidade e das tradições, de sua combinação histórica, conduz a uma problemática (não uma etapa) pós-moderna, no sentido de que o moderno se fragmenta e se mistura com o que

não é, é afirmado e discutido ao mesmo tempo. Em um campo e em outro desacredita-se que a cultura siga um processo ascendentes ou que certos modos de pintar, simbolizar ou refletir sejam superiores...reinventar muitas vezes as hierarquias para renovar a distinção entre os grupos. Todos reformulam seus capitais simbólicos em meio a cruzamentos e intercâmbios..., nesta época em que historia se move em muitas direção toda conclusão está atravessada pela incerteza (CANCLINI, 2008, p. 353-354).

Assim, este tempo de incerteza nos leva a refletir sobre toda a historia que vivemos as muitas direções apontadas e que, muitas delas, escaparam. Os conhecimentos dos antepassados, por exemplo, são a cada dia renovado, refinado para o bem da comunidade Guarani/Kaiowá. As crianças representam a continuidade do que está sendo passado de geração em geração.

Elas aprendem os conhecimentos culturais de dentro e de fora da comunidade, estabelecendo relações com a realidade e cumprindo suas obrigações sociais praticadas na comunidade, na família e com vizinhos próximos. No mundo moderno, essa aproximação lhes garante o viver bem entre os seus parentes e entre eles, dividindo tudo entre si. O modo tradicional de viver permeava o dividir tudo, principalmente a alimentação da caça, da pesca, e os alimentos que forem coletados na roça. Antigamente, a partilha era da caça e da pesca e, nos dias atuais, fazem isso com o que é consumido no cotidiano, exatamente como no passado não tão distante. Nossos avós dividiam a caça, a pesca e os frutos coletados entre os parentes, ou entre as famílias extensas, para ninguém passar fome. Se alguém tinha o que comer todos na aldeia se fartavam e só se passava necessidade quando ninguém não tinha nada para oferecer.

Éramos muitos unidos; hoje isso também se perdeu um pouco, um valor que precisa ser resgatado através das crianças, ainda é bem mais visível entre os Kaiowá:

Faço isso porque aprendi dos meus pais, desde pequena minha mãe me ensinou a dividir com o outro aquilo que deus me deu, porque ele conhece todos nós e sabe exatamente quem ta ganhando mais que o outro, não podem só o vizinho ter bastante alimento enquanto que o outro ta morrendo por fome. Se eu tenho, o outro também tem que comer o que eu comer porque e meu vizinho é também meu parente. Se eu não tiver nada, o meu vizinho também não terá nada. E assim que eu aprendi e ensino ao meu filho e filha. Deus se agrada com quem faz isso¹².

¹² Mãe, de 8 filhos, tradicional

Por isso, é preciso lembrar que nem todas as famílias Guarani/Kaiowá fazem isso. A divisão pra mim ficou mais visível entre os Kaiowá nas conversas que tive durante a pesquisa, as mulheres falaram de forma tão triste de saber que hoje a partilha entre no coletivo está se perdendo, culpa do sistema capitalista que ensina a não dividir, mas enriquecer. Cada um tem que cuidar de si. Isso o Guarani/Kaiowá foi também absorvendo para si essa cultura estranha. Entre o Guarani isso é muito raro de acontecer, apesar de convivermos juntos não faziam isso no cotidiano. Alguns fazem à partilha outros não, mas no momento atual tanto o Guarani e o Kaiowá parece que esqueceram.

Parece pelo que percebo que, sem notar, os adultos estão fazendo, preservando a herança deixada por nossos avós, conhecimento que nos foi deixado e que, sem perceber, continuamos fazendo. Os vizinhos em quase todos os casos são da mesma família. Quando os filhos casam e constroem sua casa aos arredores do espaço cedido pelos pais, sem perceber acaba tornando aos poucos uma família extensa novamente. Mas, nem todos os que moram perto do outro são da mesma família. Assim a criança e o adolescente vão aprendendo a cumprir suas obrigações sociais, participando ativamente de todas as ações.

Dessa forma fui compreendendo como que é importante o ensino da manutenção e valorização da cultura tradicional Guarani/Kaiowá. Mesmo vivendo de diferentes formas e tendo concepções diversas e sendo obrigado a seguir as normas que regem a sociedade envolvente na qual estamos inserido, requer muita atenção, medições e seriedade para enfrentar os problemas que vão surgindo à medida que vão sendo ressignificados e reconstruídos os pré-conceitos que foram surgindo nas concepções da sociedade envolvente de acordo com a necessidade vivenciada, que por ora estão em discussão a sua reconstrução para que este sirva de ponte que possamos fazer dela uma travessia de locomoção nos dois mundo: a da comunidade indígena e não indígena, que não podemos ignorar o Outro e também Nós mesmos que estamos convivendo e dividindo o mundo diferente a nossa volta .

Foto 06: plantação na coletividade



Fonte: Aquino, 2009.

Através da cultura tradicional podemos perceber claramente como é organização do Guarani/Kaiowá. Como é importante o seu desenvolvimento e o seu ensinamento no sistema da sociedade civil e na comunidade indígena. Cada um tem sua obrigação a cumprir. Eles se respeitam entre si, valorizam os costumes, mantêm os laços familiares bastante unidos, são muito forte, todos tem os seus afazeres.

Aos poucos foram acontecendo mudanças no jeito de viver das pessoas que foram ressignificando os hábitos tradicionais. Até as crianças foram mudando suas rotinas dentro da comunidade. Começaram a invasão das tecnologias do mundo moderno nas aldeias com eles foram chegando as outras instituições como as: igrejas, escolas, postos de saúde, e outros modos de vida dentro da comunidade. A partir daí começaram as novas ressignificações que foram esquecendo sua vida cotidiana deixa e o jeito tradicional de educar as crianças. Atualmente os conceitos de hibridização e a interculturalidade estão em discussões, dando novos significados ao seu costume, à cultura, a tradição mostrando suas preocupações em transmitir conhecimentos mediante a aprendizagem de prática cotidiano que vão sendo entrelaçada com a fronteira do além e nos entre – lugares com intuito de enfrentar uma nova realidade para o momento presente. Estão sempre em transição com a outra cultura que faz parte de sua vivência no cotidiano. Hall (2009) afirma que:

A tradição é um elemento vital da cultura, mas ela tem pouco a ver com a mera persistência das velhas formas. Está muito relacionada às formas de associação e articulação dos elementos. Esses arranjos em uma cultura nacional-popular não possuem uma posição fixa ou determinada, e certamente nenhum significado que possa ser arrastado, por assim dizer, no fluxo da “tradição” histórica, de forma inalterável. Os elementos da “tradição” não só podem ser reorganizados para se articular a diferentes práticas e posições e adquirir um novo significado e relevância (HALL, 2008, p. 243).

Desde muito cedo, a família prepara seus filhos para a vida adulta. Isso vai acontecendo desde o primeiro momento do surgimento da vida: se inicia no ventre materno e perpassa a vida terrena, quer dizer o ensinamento dura até depois da morte. A mãe e a família vão se preparando para receber e este o ensinará a ser uma pessoa de responsabilidade que mais tarde quando se tornar adulto vai gerar o novo Ser que irá ser o protetor dos filhos da terra.

São seres com muita responsabilidade e importantes na vida dos outros seres, preparando - as para ter uma inovação moderna que possa responder o ser criança no meio dos adultos. São criaturas que estão sendo modeladas cultural e socialmente para a prática social da sociedade envolvente, juntamente com a comunidade indígena local, com competências que valorizem a transmissão e reprodução cultural da humanidade.

O povo indígena Guarani/Kaiowá nunca separa a criança por fases, como faz a sociedade do entorno, e sempre uma preparação para enfrentar a vida adulta. A família tem o dever de lhe preparar para essa missão terrena, mesmo com toda responsabilidade que eles vão assumindo desde muito cedo, nunca deixará de ser criança. Sempre serão vistos como seres pequenos que estão aptos a conviver no meio dos adultos. Por isso os jovens, quando se casam, continuam a viver com seus pais, por estarem aprendendo o ensinamento que lhe mostrará a sua vida com responsabilidade. Este está se preparando para assumir a responsabilidade com sua futura família e com a comunidade, sempre seguindo os ensinamentos, estas crianças ou estes jovens estarão levando adiante o que estes guardadores de conhecimentos lhes ensinaram durante a sua convivência terrena, enquanto os prepara para assumir seu lugar como uma pessoa com muitas diversidades. Veja a foto:

Foto 07: crianças nos encontros de professores.



Fonte: Aquino, 2011.

As crianças são seres em constante transformação e desenvolvimento, que buscam um entrelaçamento nas fronteiras, nos entre - lugares, que vão ressignificando conceitos em diversos contextos socioculturais, onde a criança será capaz de apreender essas diferenças. Essa educação é traduzida através do artigo de Daniel Munduruku:

A educação tradicional entre os povos indígena se preocupa com esta tríplice necessidade do corpo, da mente e do espírito. É uma preocupação que entende o corpo como algo preñado de necessidade para poder se manter vivo. Esta visão de educação é sustentada pela ideia de que cada ser humano precisa viver intensamente seu momento... Ela sabe que nada será se não viver plenamente seu ser infantil. Nada será porque já é. Não precisa esperar crescer para ser alguém. Para ela é apresentado o desafio de viver plenamente seu ser infantil para que depois, quando estiver vivendo outra fase da vida, não se sinta vazia (MUNDURUKU, 2009, p. 2).

Essa necessidade atualmente está fazendo falta para algumas crianças, porque às vezes a família não dá importância, mas ela precisa ser mantida para as fases a seguir, enquanto formos viajantes aqui na terra. Vivemos na modernidade, onde muitos já desviaram a sua atenção para outro caminho, mas há ainda os que guardam e mantêm viva sua chama da tradição valorosa. Muitos foram e estão voltando aos seus espíritos

de luta na sua tradição tradicional. Temos vários modelos que integraram os indígenas para outra religião, por exemplo, a religião cristã e católica que influenciou ao cruzar fronteiras proibidas para os índios. Há também aqueles que são misturados e fizeram opção de não manter essa tradição. Veremos dois depoimentos:

Eu não mantenho esse costume por opção não sou evangélica e não quero, só isso, porque do jeito que estou vivendo e educando meu filho, ta bom, não quero que eles sejam atrasados, se ensinar eles a ser como foi meu avó com certeza eles não se misturará com os não - índios e eu não quero que isso aconteça, quero que eles seja os não - índios falar bem o português e se misturar com todo mundo, e o desejo do pai dele que é misturado paraguaio e guarani¹³.

Sou evangélica e por isso faço possível pra ficar longe disso, minha família desaprova meu comportamento, mas sou adulta e sei o que faço ou deixo de fazer, sou índia guarani/kaiowá, tenho quatro filhos e todos eles são da igreja que frequento e sou feliz, meu marido também acha que isso vai ser melhor a gente afastar as crianças dos costumes que eu e ele vivíamos quando criança. Essa coisa é do diabo não presta tem que ficar esquecido, pelo menos o que nós achamos. Por isso, minha família é contra, não importa , mas o que importa é o jeito que educamos nossos filhos e naquilo que cremos no Deus vivo que a cada dia cuida de nós e do mundo¹⁴.

O choque cultural de dois mundos diferente que transformou o jeito de ser dos Guarani/Kaiowá, a qual não estava preparada para enfrentar tão cedo esse desafio no coletivo, um estranhamento difícil para o nosso povo e que nos depoimentos acima ficam claros o que Canclini e Bauman comentam em seus livros. Percebi que esses teóricos conheciam vários caminhos que levam o ser humano a se conhecer e manter, apesar de tudo, a hibridizar suas identidades.

Por isso digo que as crianças precisam aprender como viver entre os dois mundos e, a partir daí, superar as fronteiras da vida e encarar com facilidade o transitar na reorganização do seu espaço de mediar dois mundos tão diferentes.

Historicamente, a educação das crianças era responsabilidade das mães, mas quando começam a ficar maior são separados por sexo: os meninos são educados pelo pai, avô, tio, e outros homens; as meninas são educadas pelas mulheres. Atualmente, os homens já não deixam todas as tarefas para as mulheres. Vou citar o que presenciei

¹³ Mãe Kaiowá, 53 anos.

¹⁴ Mãe evangélica, 45 anos.

durante uma entrevista na casa de uma “ñandesy”¹⁵, vó de uma criança quatro anos de idade, que acompanhava a vó em tudo.

Quando a mãe entrava na casa para fazer sua reza, ele já ia atrás dela. Sabia exatamente o que a mãe ia precisar para fazer tal coisa. Então eu perguntei a ela porque o menino se interessava tanto pelo que ela fazia. Ela me disse que deus lhe deu o dom de aprender o que os outros irmãos não se interessavam em aprender. Até o “ñembo’e” (Nesse caso, o menino está sendo escolhido para ser um líder dessa família. espécie de cânticos sagrados) ele sabia. Perguntei ao menino porque ele se interessava; ele me disse que era bom e gostoso observar a mãe fazer aquilo que vai ajudar para o bem dos outros. Disse-me que queria ser igual a mãe quando fosse adulto, fazer aquilo que a mãe fazia aos outros. Era uma criança kaiowá, por isso pude perceber o quanto é importante para aquele menino seguir os passos da mãe, mantendo o costume e a tradição praticada por ela, enquanto que os outros irmãos não queriam entender. Dois deles frequentam a igreja (protestante) e ele era o irmão caçula e tinha muito interesse em manter vivo aquilo que a mãe não obrigava ele a fazer, mas que fazia porque Paikuara (deus sol) já tinha dado o dom do espírito sagrado que ele estava desenvolvendo através do espírito da mãe.

Quando a mãe não estiver mais aqui, ele será o guia e manterá sua tradição até que um outro seja escolhido pela família. Percebi que a mulher tem papel fundamental na vida dos filhos e também para sua comunidade, educando os futuros adultos para que estes se tornem adultos criativos, seres inteligentes, ajudando a preservar ao lado do pai aquilo que é a educação tradicional. A família estruturada é a base para evitar os conflitos gerados. Numa época não muito distante a mulher, além de educar seus filhos, também cuidava da plantação, do plantio de roça; algumas construía até casas. Eu mesma já plantei, limpei e colhi na roça aquilo que conseguia plantar, enquanto meu marido estava na usina.

Ajudava na organização da aldeia e nas discussões para o direcionamento da política interna, a qual Landa se refere (2011):

Reconhece, entretanto que as categorias de idade e gênero são perpassadas por componentes biológicos, mas que não são somente estes que determinam a compreensão que cada grupo humano possui para estas categorias. Por serem construções sociais, há que se desvendar o seu significado na comunidade estudada e compreender a

¹⁵ Maria, 85 anos.

importância de cada segmento etário no conjunto da formação social. (LANDA, 2011, p. 50)

Nessa sociedade, na organização das tarefas por ocasião do plantio, a mulher era peça fundamental na participação dos trabalhos, juntamente com as crianças, ajudando os homens nos afazeres sempre que podia. Para trabalhar na roça existiam regras porque as mulheres e as plantas tinham suas exigências, que deviam ser respeitadas de acordo com as fases da lua. Dependendo da planta, não era qualquer um que podia entrar no meio da roça, principalmente quando a mulher estava menstruada. A mandioca, que até hoje é um dos alimentos principais dos índios, tinha época certa de plantar e limpar. Se estiver grande, não pode entrar no meio senão estraga; se mexer muito no pé, ela não dá raiz. Mais curioso é que cada um tem um dom para o cultivo de determinada planta. Conhecimentos que aprendi durante a caminhada da minha infância com meus avôs e com meus pais vão fazendo parte da história, tanto no particular, quanto na comunidade, contribuindo com a construção de afirmação de sua identidade. Isso acontece porque o deus Tupã envia as crianças ao mundo com a missão de continuidade. Em muitas culturas, a criança é vista como ser que precisa ser moldado, como se fosse um papel em branco. Para os Guarani/Kaiowá a concepção é bastante diferente. Por meio das crianças, deus manda sua benção para a Terra.

Os Guarani/Kaiowá acreditam que as crianças são criaturas divinas e que, através delas, deus vive entre nós. São criaturas divinas que livram as pessoas das maldades e preparam caminhos livres para passar por elas. É o que explica uma Kaiowá de 86 anos:

Ñanderu ha Ñandesy kuéra umiva ñanderekorã mbo'eva apyrey oguereko iñarandu há'ekuéra ñanderekorã hendivekuéra, umi mbo'epyrã PAIKUARA ombo'e ha ome'e va 'ekue chupekuéra ombo'ekua'a haguã yvypora kuerape iñe'emarangatu rupi, há'ekuera niko ndahesa kyairy, ha hete poti upeagui ñandejara rembiguáiro oiko ha'ekuéra, yvyári upe'agui kuñakuéra tekoteve ome'e petei mitã jepe yvyari oiko puku hagua, péicha vointe ñandejára he'iakue¹⁶.

Tradução: Os Ñanderu e Ñandesy ensinam o que devemos aprender para viver, ter uma vida feliz até a morte, aprendem com deus Paikuara (deus sol), eles são pessoas sagradas para dar conselhos e ensinar as crianças que serão adultos no futuro.

¹⁶ Kaiowá, idosa, mãe e avó de várias crianças).

As crianças são construtoras de caminhos que levam deus, mesmo sendo diferente o caminhar, por meio da sabedoria dos Ñanderu que protegia e continua protegendo seus filhos. Por causa desses elementos tão importantes, que os colonizadores não conseguiram acabar, nem matar as raízes que ficaram enterradas na terra, Paikuara o alimentava para manter sempre vivo o jeito de Ser.

Foto 08: Paikuara (deus sol).



Foto: Aquino, 2009

O céu era o limite de toda sabedoria. Deus Paikuara olhava feliz os seus filhos na terra e se orgulhava de ensinar aquele povo o caminho verdadeiro do “tupã”. Esse conceito ninguém lhe tiraria, mesmo que os invasores quisessem apagar da memória, porque o brilho do “paikuara” estaria sempre na mente de cada um, seja ele adulto ou criança. As crianças são participantes ativas em todas as atividades na aldeia. Estão sempre dividindo espaço com os adultos a cada momento, seja no cotidiano, nos momentos festivos ou nas festas sagradas, as crianças sempre tiveram esse privilégio na comunidade indígena independente de etnias, isso nunca muda, essas presenças consideradas inocentes, sagrados e protetores dos adultos a toda momento se faz presentes no meio dos adultos, também em outras ocasiões como em reuniões dos professores, nos Aty Guasu, nos encontros presenciais de cursos, nas diversas reuniões e discussões dos problemas na aldeia e também fora dela.

Foto 09: encontro de professores.



Fonte: 2010, Aty Guasu

Podemos dizer que as crianças estão presentes em todos os lugares, não importa os momentos e espaços. Cada um tem sua própria cultura, tradições e maneiras de ensinar e educar, são mediadores de dois mundos diferentes que causa um mal estar para os Guarani/Kaiowá, mas que terão que respeitar as diversidade existente no mundo em que vivemos e que a cada dia está em desenvolvimento na sociedade seja ela indígena ou não. Por isso a minha observação vai se entrelaçando com as ideias de vários autores. Percebi que estava diante de adultos-crianças, cheios de características do que será no futuro, se for ensinado pelo “paikuara”, um ser que está à procura de inovações para os problemas impostos. Dessa forma, as crianças, desde muito pequenas, têm a oportunidade de estabelecer relações com diferentes espaços e diferentes pessoas, que lhes ensinam como continuar a levar adiante a luta dos parentes heróis que já se foram, mas que mantiveram esperança no futuro por uma terra sem males, onde os pequeninos vão continuar com a bandeira de “guerra” erguida e fortificada, para manter o seu jeito de ser e ter a sua maneira de viver, porque enquanto tiver um índio vivo, estarão prosseguindo a luta de sobrevivência.

A cultura Guarani/Kaiowá vem sofrendo modificações e precisa ser dinâmica aos novos desafios que que enfrentamos, tem que ser um articulador entre a comunidade indígena e a sociedade envolventes, valorizando os conhecimentos locais e universais que são norteadores dos sujeitos homem, assim aprendemos a ser pessoas possuidores de sabedoria que entrelaçam e interagem com o mundo social, político e econômico que está em constante mudanças nesse processo de desenvolvimento e significativos para que estes mostrasse um novo caminho para os adultos e para as crianças modificar e transformar sua capacidade de autodesenvolvimento para uma construção de uma nova forma de inter-relação com o processo histórico e jeito de viver atualmente.

Foto 10: crianças e adultos durante a pesquisa



Fonte: Aquino, 2011, Pirakuá-Bela Vista.

Para isso é preciso ensinar o “jheko mbo’e” (jeito de ensinar Guarani/Kaiowá), bem como entender o mundo onde elas estão inseridas, entender como os processos próprios de aprendizagem estão acontecendo e que precisa ser entendido pelos pesquisadores, o que é ser criança? Como vivem? O que é infância para os povos indígenas? Muitos e variados são os conceitos formados, de acordo com as especificidades de cada povo. Todos têm concepções diferentes de compreender a infância. Por exemplo, para os Guarani/Kaiowá, começa desde o casamento, que não deve ser parente, não ser da mesma família. Se tiver essa união deus castigará esse mal

horrível. Quando forem nascer os filhos terão alguma deficiência e não serão aceitos pela família ou até mesmo pela comunidade. Esta será uma família marcada pela maldição do divino, de algo que aconteceu comigo uns tempos atrás. Meu filho mais novo pegou uma infecção *no dedo direito* e acabou perdendo o dedinho. Algumas pessoas me falaram que era castigo de deus por alguma razão, alguma coisa que eu ou pai dele que não agradou a deus resolveu nos punir dessa maneira. Eu acredito nisso, porque desde criança fui aconselhada pelos meus avós sobre essa advertência, não sei o que fiz; mas sei que deus me alertou sobre algum erro que cometi.

A família precisa estar consciente sobre as atitudes que vão tomar com o pequeno, para que possam estar preparadas a enfrentar e superar as dificuldade da vida que enfrentará a medida que for crescendo e que as consequências não seja tão dolorosa e drásticas que não possa servir para amadurecer cada momento, e, assim, ter uma infância feliz, sem nenhum problema futuramente. Sabendo se que as crianças nasceram para superar as dificuldades que mais tarde vão enfrentar, assim o deus o determinou antes mesmo de fecundar, eles vão encontrar aventuras e risco, culturas e pessoas diferentes, portanto com isso vão adquirindo um novo conceito de mundo vivido através das trocas de experiências que lhe mostrará caminho para sua autonomia, isso acontece no dia a dia dos Guarani/Kaiowá, aqui temos exemplo de uma família do cotidiano:

Foto 11: crianças, adulto e animais sempre em harmonia.



Fonte: Aquino, 2009, Aldeia Takuara-Juti.

Como a criança é vista pela própria família, quando estão ali juntos na roda de tereré, na hora de repartir a comida, nas conversas do dia a dia, na ida para pescar, quando acompanha as mães no rio para lavar as roupas, na busca de lenha em fazendas vizinhas, ajudando as famílias nos afazeres domésticos? As crianças estão em volta dos adultos em todos os momentos e vão aprendendo por imitação e, muitas vezes, também vão praticando por si mesmas.

A preparação dos alimentos também requer uma ritualização. As meninas Guarani/Kaiowá eram preparadas para isso, o que é muito diferente do dia de hoje, principalmente nas passagens de todas as fases da vida. As crianças vão vivendo e se expressando dentro dos limites que são próprios do cotidiano, que na percepção do adulto pode não ter significado, mas é aí que estão construindo a amplitude de aprendizagem. É através do adulto que estão dividindo espaço entre o mundo criança e o mundo adulto, trocando experiências em vários processos que entrelaçam o conhecimento com o ciclo de vida do indivíduo, que não termina nem com a morte. O que Nunes afirma em seu texto (2002):

Entre um momento e outro do ciclo de vida do indivíduo existe um processo de transformação que tão pouco acaba quando chega a morte. Esse processo transcorre numa alquimia de olhares, fazeres, descobertas, emoções, que se cumpre em meio a constrangimento biológico, socioculturais e espirituais. Cada etapa, ainda que interligadas as demais, tem traços próprios e cumpre-se em si mesmo. Pode acontecer algumas etapas se destaquem mais do que outras, mais isto lhes confere maior importância ao considerarmos o processo como um todo integrado. A criança é um ser social tanto quanto qualquer adolescente, adulto ou velho. E a nossa habitual perspectiva “adultocêntrica”, que incide sobre as crianças da nossa própria sociedade, e que estende as demais, que não permitem perceber isso. Realmente, e a sociabilidade da criança está por desvendar por conhecer, e apenas por esse motivo não é considerada como plena. (NUNES, 2002, 276).

A criança está sempre na perspectiva de ser colaborador dos adultos. Não podemos ignorar sua existência no mundo cheio de transformações, em todos os aspectos é através dela que chegam ao conhecimento dos adultos a sabedoria dos ancestrais místicos para a comunidade indígena e até para a sociedade.

Vemos na foto a seguir uma menina de quatro anos preparando, através de brincadeira, seu alimento, imitando a sua mãe. Observei que todas as meninas dessa idade fazem a mesma coisa em suas brincadeiras. São momentos que estão imitando

uma mulher adulta, se preparando para levar uma vida a qual lhe foi preparada desde o ventre materno. Hoje posso dizer que a menina que mudou seu jeito de ser, aprendem desde cedo a jogar bola juntamente com os meninos, brincadeira que para os pais mais antigos não poderia acontecer, todas as meninas deveriam continuar mantendo o que “Paikuara” lhe ensinou aos pais.

Como estamos vivendo em um mundo de ligações entre a sociedade indígena e não indígena, que o povo Guarani/Kaiowá aprendeu desse costume de fora que faz parte do cotidiano, não podemos dizer que é errado. Todos os momentos e lugares que aprendem a viver de acordo com o que lhe é ensinado as crianças de acordo com sua missão terrena, assim cada ser está aprendendo a se cuidar e cuidar dos outros que estão em seu redor. Por isso que a educação é pensada na forma coletiva, com a esperança de alcançar um mundo melhor, com realidade e ponto de vistas diferentes, conceitos centrada em dois mundos na qual vivemos e fazemos parte, e precisamos conhecê-las atravessando a ponte da fronteira sem andar por elas.

A comparação entre a educação escolar indígena e a educação indígena é muito visível, a oralidade que perpassa de geração a geração é valorizado somente no mundo indígena, essa situação precisa ser vista com outra visão, enquanto que a educação escolar indígena são medidas colocada no papel pra quem quer ver, isso desvaloriza a educação indígena, a comunidade Guarani/Kaiowá não aceita esse dilema. Nosso jeito de ter uma educação de qualidade é aprender sempre e em diversos lugares, não importando onde, eis a foto:

Foto 12: crianças cozinhando imitação de adulto.



Fonte: Aquino . 2011.

Algumas tarefas cabiam especificamente às mulheres, e é exatamente o que essa menina está fazendo: imitando uma mulher adulta na preparação dos seus alimentos. Sabiam muitas comidas, mas isto exigia muito trabalho, como ralar o milho para fazer a chipa de todos os tipos: chipa guasu, mbaipy (mingau de milho). O mesmo acontece com a mandioca, preparada de várias maneiras, assada (pirekai), mandio mimo'i (mandioca cozida). A cana de açúcar e a batata também são apresentadas em várias formas, muito apreciadas no preparo do kaguy ou chicha. Este era comida típica preparada com o milho. Sua alimentação variava entre muitos produtos da roça, frutas; comiam mandioca assada (pirekai), milho verde assado (avati mbichy,), batata doce assado (jety mbichy), cana de açúcar (takware'e), abóbora (andai), mamão, banana (pakova), amendoim (manduvi) de vários tipos, feijão de corda (kumanda), arroz, feijão, avati pororo (milho pipoca). Essas são algumas comidas tradicionais que eram preparadas especialmente para as crianças.

Observando uma criança de dois anos nos afazeres domésticos, com a mãe insistindo muito para ajudá-la, querendo imitar o mesmo trabalho que a mãe, ela não

queria que ela fizesse, mas ela insistia para fazer. Podemos afirmar que as crianças são sujeitos sociais e agentes de mudança, não apenas reproduzem o que aprendem dos “ñanderu e ñandesy”, mas também aprendem com seus grupos ou pares do mesmo cotidiano ou de outra comunidade, sempre em busca de atualizar seus conhecimentos. Percebemos que a criança sempre faz parte do mundo adulto, sem ela os adultos não existiriam, está sempre no cotidiano da comunidade e do entorno, na companhia do adultos, ou até mesmo sem a presença dos mais velhos, estão sempre a aprender todo dia aquilo que o encaminhará a certeza do caminho de conhecimento para enfrentar os desafios da vida que os espera no futuro. Muitas vezes são elas próprias que elaboram um novo conceito de viver e sobre o cosmovisão que precisa decifrá-lo à medida que for conhecendo a vida do mundo de sujeitos diversificados.

Foto 13: crianças acompanhando os pais na reunião escolar.



Fonte: Aquino, 2009.

As crianças sempre estão acompanhando os pais em cada momento da vida social, cultural e econômica, e em todos os lugares e espaços de andanças, mesmo que o mundo moderno lhe inseriu modos e culturas diferentes na vivência do Guarani/Kaiowá onde a globalização produziu culturas hibridizadas fazendo confusão no seu modo de ser e mesmo assim as nossas raízes continuaram intactas, um pouco escondida, mas

sustentada para progredir com mais força e vigor na modernidade para sermos reconhecida como sujeitos que persistem em manter o Ñandereko (jeito de viver). Por isso os Guarani/Kaiowá buscam constantemente uma solução de intercâmbio cultural, e ela está nas crianças e adolescentes que estão aprendendo muito rapidamente o modo de ser da sociedade envolvente e comunidade indígena. Os Guarani/Kaiowá estão superando as barreiras que os impedem de ultrapassar a fronteira. E através das crianças que essa transição vai acontecendo a cada momento, esses conhecimentos vão acontecendo na família, na comunidade e na sociedade e com as pessoas do entorno.

No cotidiano dos processos próprios de aprendizagem das crianças que vão aparecendo os verdadeiros lutadores Guarani/Kaiowá, um povo verdadeiramente engajado na luta de se manter como sujeitos que nunca vão esquecer e apagar de suas memórias seus objetivos de ensinar as crianças e nunca deixar de serem o que são, para que possam sentir orgulho de suas culturas. Os pais são os que têm maior responsabilidade pela educação dos filhos e precisa ensinar o jeito tradicional e também falar do mundo moderno que tomou conta de toda sociedade e comunidade. As crianças precisam passar por rituais para ter rumo, ou seja, para que o caminho seja aberto ao conhecimento da vida fazendo uma ponte na fronteira, que precisa estar relacionado entre si, para abrir caminhos para entender os entre-lugares, pontuando as negociações das diferenças existentes na modernidade para indígenas e não-indígenas, ressignificando aquilo que parecia impossível ser transformado. Podem construir conhecimentos não fragmentados, de acordo com a sabedoria possível, relacionados com o modo de ser e de viver de acordo com a sua cultura, tornando-se aptas para a sobrevivência e para a vida.

As novas mudanças mudaram até o jeito de ser do Guarani/Kaiowá e, como o líquido, que não tem forma e nem modelo, os conhecimentos vão sendo fundidos e transformando a concepção das pessoas e também das crianças. Como diz Bauman (2001, p.13): “nenhum molde foi quebrado sem que fosse substituído por outro”. O molde posto à comunidade indígena devia ter sido uma troca de experiências entre as duas culturas, e não um transtorno de cultura, nunca poderia ter sido uma sobreposição a outra não poderia ser um melhor que o outro, mas um se completando de forma agradável, uma aceitação sem discriminar. Podemos atravessar essa fronteira sem empecilho, quando são bem trabalhados os conceitos dos processos de aprendizagem das crianças.

Aqui na foto um menino aprendeu a trocar o rio que corre abertamente pela água da torneira que chega a nossa casa pela bomba, um jeito que os não índios encontraram para que tivéssemos na concepções deles, de beber água limpa. Nesse dia estava bem quente; depois que ele cansou de brincar, foi tomar banho. Parece que ele já tem noção de gente adulta. Preste atenção na foto, como disse, mesmo que mudem os hábitos tradicionais, dentro de cada sujeito existe o que deus “paikuara” ensinou antes de vir para terra. Ele aprendeu que água faz parte do cotidiano dele. O corpo dele no dia de calor precisa se refrescar conversar com a água. Um menino de dois anos fazer isso é uma experiência nova pra mim. Conseguiu ressignificar o conceito de tomar banho do rio para o banho na torneira. Dessa forma, a re-construção de um novo jeito de ser são definidos no cotidianamente através da necessidade encontradas, os indígenas cada vez vai reinventando, ressignificando o “ñandereko” se adaptando as condições e as transformações que o mundo moderno traz, mas nunca vão esquecer as raízes de seus antepassados e continuará mantendo firme seus instrumentos de um bom Guarani/Kaiowá.

Foto 14: criança tomando banho.



Fonte: Aquino. Amambai. 2012.

Assim as tradições sempre estarão sendo ressignificadas atravessando as fronteiras para um intercâmbio de sabedoria e conhecimento Guarani/Kaiowá com a sociedade envolvente. Percebo que as crianças pequenas são muito inteligentes, aprendem realmente observando os adultos e depois elas inventam, vão além da imitação. As crianças do entorno da comunidade também ensinam os pequenos Guarani/Kaiowá como conviver fora da comunidade. Por morarmos perto da cidade muitas crianças acompanham seus pais ou avôs na ida para fazer compra, a pé ou de carro quando os donos dos mercados lhes levam para receber suas aposentadoria ou até mesmo vão sozinho. Percebo isso todos os dias na minha comunidade e no caso dessa foto dois menino circulando na rua sem ninguém acompanhá-los, idade entre cinco e sete anos sabendo transitar com muita responsabilidade para não se machucar, as crianças aprenderem desde cedo que uma criança maior preciso cuidar do outro menor que esta em sua companhia, independente se parentes de sangue ou parentes étnico.

Aqui isso fica bem explícito que não deixa dúvida sobre esse conceito que venho tratando na pesquisa. A preparação dessas crianças começa cedo, a família, os mais velhos, os ñanderu e ñandesy e até as lideranças o orienta para os pequenos saber viver e cuidar um do outro quando se encontrarem sozinho, sem a presença de adulto já sabem como agir em cada momento oportuno.

Foto 15: crianças andando na rua da cidade.



Fonte: Aquino, 2012, Amambai.

No caso desses meninos eles não terão dificuldade de se relacionar com os outros do entorno, seja indígena ou não indígena. Em outra ocasião percebi que ele estava assistindo a uma cena emocionante de novela, e se sentiu como se fosse ele vendo o outro chorar. Sem entender ou falar o português direito perguntei por que chorava e ele me apontou e me fez entender que a briga era entre a mãe. Surpreendi-me porque era exatamente o que estava acontecendo. Percebi que os “ñanderu e ñandesy” falam, é realidade. As crianças são seres que estão em constantes transformações, porque desenvolvem suas particularidades e vão aprendendo no coletivo. Seus conhecimentos e sabedoria que trazem conseguem fazer entender o seu papel que é importante desde que nascem. Segundo a Pesquisa do Observatório da Educação Escolar Indígena:

A criança indígena tem um papel muito importante dentro de sua sociedade particular. Reconhecer isto é assumir que ela é um ser completo em suas atribuições, é um ser ativo na construção das relações em que se engaja, sendo parte integrante da sociedade, participante e construtora de cultura. (Projeto de pesquisa Observatório da Educação Escolar Indígena, 2009, p.52)

As crianças Guarani/Kaiowá sempre tiveram papel importante na vida dos adultos, isso porque apesar da comunidade ter sofrido muito em sua organização sobre vários aspectos, continua educando as suas crianças de acordo com seu princípio, seu modo de ser específico, no qual estão incluídos os conhecimentos e entendimento profundos sobre animais, matas, remédios, espaços geográficos da comunidade atual e passado, famílias, festas tradicionais e comemorativas, criação de mundo na visão do mito sagrados, rios, crenças tradicional e religiosos de agora (crente de igreja protestante), respeitos aos mais velhos, os rituais de cada idade e fase. Esses conhecimentos o encaminham a se tornar sujeito mediador entre os dois mundos vividos a cada dia a ser um reconstrutor de novos significados para a vida futura. As crianças precisam ser compreendidas como pessoas que estão em constante reconstrução, vivem fases de liberdade total preparando-se para atravessar o espaço de fronteiras, numa relação que vão sendo estabelecido no entorno e cotidiano de cada povo.

Foto 16: grupos de crianças sem adulto por perto.



Fonte: Aquino. 2009.

A comunidade Guarani/Kaiowá sofre com as consequências da nova realidade. Muitos estão quase perdidos nesse espaço e tempo, uns querendo negar a sua identidade

e outros querendo assimilar o que perderam, resgatando a identidade perdida. Essa fusão de identidades, consequência do atravessamento das religiões, políticas, sociais, incluindo a chamada cidadania, cria incertezas com relação àquilo que está acontecendo no momento atual comparando com o passado. A comunidade Guarani/Kaiowá não pode esquecer o passado onde está a sua sabedoria e os conhecimentos sagrados que direcionam sua vida e nem adquirir o presente sem questioná-la o desenvolvimento acelerado do mundo.

Os processos em construção levam as pessoas a atravessar fronteiras, e muitas vezes a persistir nas transformações que o mundo moderno impõe. BAUMAN (2001), declara que:

A tarefa dos indivíduos livres era usar sua nova liberdade para encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar. São esses padrões, códigos e regras a que podíamos selecionar como pontos estáveis de orientação e pelos quais podíamos nos deixar depois guiar; que está cada vez em falta (BAUMAN, 2001, p. 15).

Tal realidade requer uma ampla discussão na sociedade como um todo, não esquecendo as diferenças existentes, das especificidades de cada povo, onde também será assegurada às crianças a capacidade de permanecer longe da mãe ou de um adulto desde muito pequeno. Essa separação já vem sendo ensinada de um jeito que minimize o sofrimento quando houver o desligamento da família com as crianças. As crianças não ficarão desamparadas, afetivamente ou socialmente quando for se separar da sua família, seja ela quando forem casar ou seus pais vierem a faltar. Saberão em que isso faz parte do ciclo da vida e as crianças já foram preparadas para tal fim. Deus será o guia desse sujeito o qual continuará a ensinar a ser persistente no mundo tradicional Guarani/Kaiowá. Isso fará com o sujeito não esqueça suas raízes e esse possa transitar sem dificuldade no mundo moderno. Precisa ter domínio e mediar o conhecimento indígena e não indígena e nunca esquecer que o espírito de coletividade sempre fez do Guarani/Kaiowá um bom guerreiro e manter a união que faz a força de poder continuar a viver sempre.

Esses conhecimentos nos levarão a encontrar caminho que os nossos antepassados procuraram e que partiram sem alcançar, a busca pela terra sem males a tão almejada por nosso povo.

Vejam a foto da criança de um ano e nove meses ajudando outra criança maior a terminar seu serviço doméstico, lavando uma moto que via sempre o irmão fazer isso em muitas vezes segundo a mãe ele ajudava o irmão mais velho a fazer isso e hoje não porque razão, a mãe dizendo, pegou o copo e falou para irmã ajudar ele a lavar essa moto e que ele está fazendo no começo ele pediu ajuda, mas depois ele disse que não é para ninguém ajudar, e o que está fazendo pegando água da caixa d'água e jogando na moto e esfregando com uma bucha e perguntando para mim se está limpo e dependendo da minha resposta voltava a lavar, e eu estava observando e era exatamente o que o menino fazia. Essa moto é meio de transporte de sua família, o menino aprendeu do seu jeito a cuidar de forma coletiva do que da família já tem noção daquilo que lhe pertence, aprendeu do seu jeito que as crianças precisam ajudar um ao outro, a menina um pouco maior que ele também está de olho cuidando dele de longe para que nada venha lhe acontecer. Isso prova que a criança Guarani/Kaiowá gosta de estar e ajudar na coletividade, está no que é ser criança, nunca deixa o outro trabalhar sozinho, gosta de imitar e aproveitar a sua imitação como um novo aprendizado que precisa ser colocado em prática, sabe direitinho sua obrigação de união e solidariedade.

Foto 17: crianças se ajudando no serviço doméstico.



Fonte: Aquino, 2012

Esse menino está colocando em prática aquilo que aprendeu na convivência com o adulto. O processo da construção de aprendizagem está sendo colocado em prática. A criança aprende tudo o que vê e tem facilidade de compreender os ensinamentos adquiridos, nas várias fases da vida, permitindo que a cada criança tenha o seu momento, ritmo, adequação e possa constituir o seu jeito, através da sua maneira de ver o mundo que o rodeia, construindo dimensões humanas mediadas pelo meio e por suas características pessoais.

Os adultos precisam entender o mundo em que as crianças estão inseridas, precisam conhecer o universo infantil. Ele é bastante amplo em que a reconstrução do espaço de aprendizagem é resultado de uma relação de aperfeiçoamento e aprender e apreender sempre. Portanto, é nessa fase de ser criança que se aprende a condição de escolha entre a ambiguidade vivida e a diferenciar o mundo indígena do não indígena e a partir daí construir significados das coisas importantes que estão no entorno e de onde a criança está inserida. Segundo Cohn, 2002:

Marcada pela ambiguidade da própria condição, a criança pode escolher entre os dois mundos. O vínculo da criança ao mundo humano – até o momento em que rompe com o outro mundo, aquele em que adquire a fala e aprender a andar – é enfatizado pela ornamentação e nomenclatura, e define as práticas maternas que devem dar à criança vontade de permanecer; quando a criança adquire a autonomia alimentar e ganha acesso a linguagem, o vínculo com o mundo humano é estabelecido por completo (COHN, 2002, p. 223)

Com isso, elas têm muita facilidade de apreender e conviver com os dois mundos, numa relação de ambiguidade, tendo um enfrentamento sábio com os processos do contexto. Silva (2000) declara que cada povo tem seu jeito de aprender tradicionalmente, sem ninguém lhe dizer que tem que ser assim ou daquele jeito é melhor, desde que a criança começa a ser gerada desde o ventre da mãe, ela já está sendo preparada para cumprir sua missão estabelecida por deus aqui na terra.

Foto 18: Três gerações juntas.



Foto: Aquino, 2009.

Desde o seu nascimento vai adquirindo os conhecimentos que necessita para viver com a família, com os parentes e com a comunidade e consigo mesmo, inventando e reinventando, de acordo com a sua sabedoria e inteligência. As mães ensinam as meninas a fazer os afazeres domésticos, enquanto os pais ensinam os meninos a caçar, pescar, andar de canoa, época certa de plantar e colher frutos que a natureza oferece e a colheita do que plantou. Aprendem a conhecer e respeitar o meio ambiente, preservando os rios, as matas, as florestas, os fenômenos da natureza. Quando aparecem as dificuldades de aprendizagem, os adultos estão sempre por perto para ajudá-los. Nunca deixam a criança sozinha, vivem sempre na companhia do adulto ou dos irmãos mais velhos, que tem obrigação de cuidá-la enquanto os pais estão ausentes. A responsabilidade maior fica para os “ñanderu e ñandesy”, líderes religiosos, que preparam a vida espiritual conduzindo ao caminho que os levará para encontrar a Terra Sem Males. Tanto a criança quanto o adulto estão em constante aprendizado. Eles fazem troca de experiências entre si. Não tem privações, precisam de liberdade e autonomia para ir aprendendo à sua maneira, experimentando e participando do dia a dia, sem, ou muitas vezes, procurando resolver seus conflitos.

Refletindo sobre as atividades exercidas na comunidade, os indígenas fazem suas articulações e processos de aprendizagem e responsabilidades para a vida adulta. Iniciam muito cedo e os adultos estão sempre presentes, ensinando às crianças e os jovens a sabedoria recebida de “tupã”. Os “ñanderu” estão sempre presentes nos

movimentos festivos ou nos rituais para abençoar a comunidade, pedindo a proteção de deus.

Foto 19: Encontro de rezadores.



Fonte: Aquino, Caarapó, 2010.

No grupo de parentesco ou na comunidade e nos grupos com os outros “ñanderu” e “ñandesy” e nas comunidades que as crianças vão aprendendo e também ensinam os outros o jeito de ser de cada pessoa. Segundo Nascimento (2012, p.37), no grupo familiar ou de parentelas, as crianças ensinam e aprendem entre si: a andar, a reconhecer as plantas do entorno, a reconhecer e dominar o espaço da aldeia, entre outros. Meninas e meninos têm suas tarefas diferentes uns dos outros, apesar de aprenderem juntos, também ensinando o que lhes interessa como, por exemplo, a organização social, política, econômica e cultural de cada povo. A sabedoria Guarani/Kaiowá ensina que todo lugar se torna espaço de aprendizagem, a que não se esgota, ele precisa ser reconstruído para novo conhecimento. Reconhecer que todas as pessoas, adultos ou crianças, precisam conhecer o seu entorno, para um atravessar as fronteiras que as separam os dois mundos diferentes, que leva a fazer escolha na modernidade presente.

Precisamos de dominação daquilo que os antepassados nos deixaram o espaço espiritual, social, econômico, político e o jeito de viver na atualidade na aldeia entre os quais estão os costumes, as crenças, as tradições e muito mais, que precisam de ressignificação e reconstrução de novos conceitos para a atualidade em que vivemos. Sabemos que os prejuízos advindo da perda da floresta, dos rios e principalmente da terra vai muito além do componente econômico. Para o guarani a floresta com seus componentes naturais são sagrados, onde se aprende a conversar com deus Tupã,(deus). Domesticar a floresta com seus perigos era a oportunidade que tinham os homens para a comunicação o elo entre o mundo espiritual é as floresta com os animais e com os espíritos da floresta permitia-lhes desenvolver sua rica vida espiritual. Tudo isto foi perdido com a tal modernidade, que forçou o povo Guarani/Kaiowá a se ressignificar, pois com essa perda também se foi mudando o jeito de viver da comunidade indígena, os saberes a ela relacionados e a prática da convivência com as plantas e os animais.

Para isso se os ñanderu foram ensinando a repensar do modo de vida (jeikoha) para poder dar seus ensinamentos sem deixar de ser o que é e o que serão no futuro. O modo de aprender era cotidianamente na família, nas festas religiosas, como nas danças e rezas ou nas festas comemorativas, na ida para igreja, na espera mútua de cesta básica, maioria das mulheres aguarda para recebê-la, onde se encontra com diferentes pessoas, que vão dando ensinamentos de como sobreviver e aproveitar o agora. É na infância que se aprende de tudo o que está acontecendo ao redor, em seu ambiente e sempre explorando o modo de construção de novos conceitos que vão sendo reformulados.

Respeitar os outros e todos os que vivem e convivem no entorno é colocado em prática muito cedo, aquilo que aprendeu com os mais velhos e até com os “ñanderu” processos de muitos significados. As crianças Guarani/Kaiowá estão inventando e até imitando todos os dias as suas maneiras de viver tranquilo no mundo adulto, aqui na foto um menino Kaiowá dois anos imitando um adulto de mudar a água de uma garrafa a outra de coca-cola. Eu estava observando ele fazer aquilo. A mãe do menino me falou que viu o pai dele fazer, há dois dias atrás e agora ele está imitando, encontrou duas garrafas de refrigerantes no terreiro de sua casa e foi encher de água uma das garrafas e a mesma água colocava na outra garrafa e olhava atentamente se a água ia se diminuindo do outro quando derramava no chão e fazia assim sucessivamente e sozinho sem um adulto lhe orientar, uma aprendizagem prática do cotidiano da criança Guarani/Kaiowá

que acontecem diariamente sem nenhuma dificuldade e sem restrições dos pais, sabem se virar como adulto:

Foto 20: menino imitando trabalho adulto.



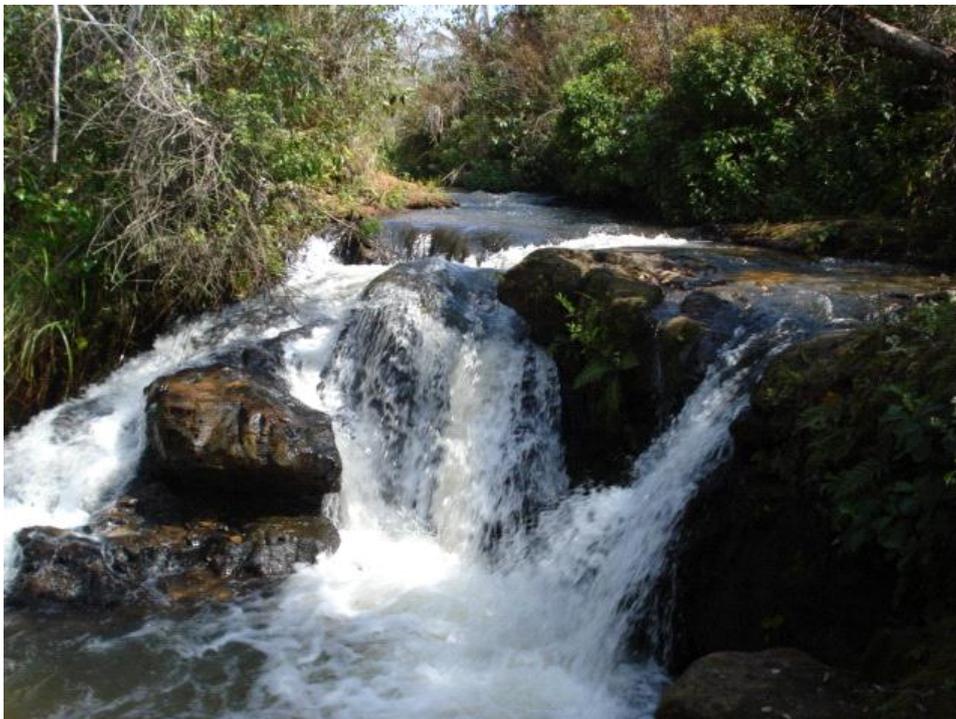
Fonte, Aquino 2011.

Manter a identidade, mesmo que foi sufocada por tantas imposições, percebemos que ainda temos tanta a refletir sobre o que se transforma no hoje que nos servirá de base no amanhã para podermos continuar sermos o que somos sem esquecer as raízes, é um desafio grande que precisamos encarar, pois segundo Bhabha (2007):

A articulação social da diferença, da perspectiva da minoria é uma negociação complexa, em andamento, que procura conferir autoridade aos hibridismo que emergem em momentos de transformação histórica...ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida” ..., realinhar as fronteiras habituais entre o público e o privado, o alto e o baixo, assim como desafiar as expectativas normativas de desenvolvimento e progresso (BHABHA, 2007, p. 21).

É através dessas diferenças de articulação de identidade Guarani/Kaiowá que está em reconstrução, precisa estar negociando os momentos do passado com o presente, seja em coletivo ou particular, que vai sendo elaborado, pela humanidade possa buscar resistência e referência para continuar a viver, mesmo que estes nova hibridização lhe pareça estranho, mas aos poucos vão se relacionando os novos horizontes e as novas fronteiras que vão abrindo caminho a caminhada para terra sem males. Vai surgindo necessidade em diferentes momentos e as novas identidades atravessadas e sendo mediadas pelas culturas do Outro. É necessário se acostumar com os novos conceitos surgidos uma época em que as incertezas, as desconstruções e o consumismo estão dominando a humanidade, o que não é diferente para a comunidade Guaran/Kaiowá, que somos parte desse mundo e estamos nele inseridos, negociando a cada momento. O que não pode acontecer é esquecermos nossas raízes. O jeito de se viver (jeikoha tee): as pinturas corporais, as técnicas de caças dos animais, pescar, como andar nas matas e até comunicar-se com os fenômenos da natureza, principalmente com a Terra que é a primeira “mãe” nossa força e a natureza vem da natureza com todos seus fenômenos, a imagem abaixo e exemplo disso.

Foto 21: força da mãe-natureza



Fonte: Aquino, 2010, Rio Amambai.

Sem essa natureza “Mãe”, não se existiria, não seria possível viver. É ela que dá o sustento para vida toda e também recebe seus filhos de braços abertos quando voltam pra ela. A natureza sempre está pronta a oferecer ao mundo um descanso tranquilo. Quando Bhabha (2007) comenta do “novo” e do “além”, deixando nascer a esperança de que não podemos temê-lo, para partir para o outro mundo cheio de alegria:

O além não é nem um novo horizonte, nem um abandono do passado..., encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferenças e identidades, passado e presente interior e exterior, inclusão e exclusão (BHABHA, 2007, p. 19).

Os Guarani/Kaiowá têm como essência de vida, a caminhada da busca pela Terra Sem Males que significa em língua guarani "guata marangatu yvy marane'ype ñe'guahe haguã" (caminhada em busca da terra sem males). Eis a fala de um ñanderu Guarani/Kaiowá¹⁷ “é preciso ensinar ao povo, através das crianças, que o caminhar para essa Terra requer muito conhecimento espiritual para achar o caminho certo, que conduzirá seus parentes a chegar sem muito empecilho, os filhos estão encarregados dessa missão”.

O fortalecimento espiritual é um meio de sobrevivência, sem dúvida mesmo que o caminho seja cheio de espinhos e pedras, mas o desejo de continuar a jornada nessa busca é muito mais forte e a consciência certa de que um dia alcançará os seus maiores objetivos. As concepções das crianças Guarani/Kaiowá não são tão pura, nem um conceito pronto e acabado. A cada momento, ele precisa ser reconstruído e adequado a cada realidade.

¹⁷ Mário Vilhalva, morador antigo da aldeia Amambai.

Foto 22: pais e filhos no campo de futebol



Fonte: Aquino, 2012, Amambai.

Na foto acima as crianças estão acompanhando os pais no jogo de futebol, que até pouco tempo era proibido pelos mais velhos, principalmente para as mulheres de participar desse lazer. À medida que foram sendo transformados pela modernidade, foram se adequando e adaptando ao propósito do mundo moderno sem deixar para trás o ñandereko. Hoje é normal as meninas participarem dessas brincadeiras. É preciso reconstruir um novo conceito de efetivação do sistema, que abre e possibilita relações constantes de aprendizagem de conhecimentos e sabedorias, pois o aprender dos pequenos também vai se transformando em algo sistematizado em ciência. Aos poucos, o conhecimento tradicional vai sofrendo modificações na fronteira de terras desabitadas ou rumo ao desconhecido e se transformando em ciência a todos os momentos. Sempre estarão no caminho da reinvenção, para que seja útil e, para que, na prática, se torne sempre novos desafios que vão aparecendo e tendo resultado nessa caminhada da vida.

Os desafios sempre estarão na reconstrução do ensinar aquilo se aprendeu na educação indígena compatível em cada povo, apesar de ser caminho diferente. Com regras imposta pela sociedade envolvente, uma valorização eficiente do conhecimento

tradicional nas palavras sagradas dos antepassados. Para desvendar os mistérios do aprendizado das crianças é preciso prestar atenção às brincadeiras que praticam no cotidiano. É um momento de conhecer e reconhecer-se, tendo os momentos de transmissão e recepção próprios, veja a foto:

Foto 23: crianças brincando num pé de árvore.



Fonte: Aquino, 2011

As crianças Guarani/Kaiowá integram o mundo adulto por meio da imitação e da participação: aprendem brincando e fazendo miniaturas do mundo adulto, sem nenhuma restrição à participação nas atividades diárias. Se uma mãe estiver lavando roupa ou louça ela o imita, estando junto do adulto ou não, elas não serão repreendidas. Na foto, onde uma menina está pendurada no galho, na verdade são duas crianças. Por questão de espaço, coloquei apenas uma, mas são duas crianças pequenas, uma de cinco e outra de dois anos, que estão sozinhas brincando de cozinhar e, ao mesmo tempo, de subir na árvore. Observei de longe que a menina cuidava direitinho do irmão pequeno,

enquanto que na sociedade não índia a criança não pode ficar sem a presença do adulto. Elas estão se preparando para enfrentar o mundo adulto desde pequenos; estão desenvolvendo seus conhecimentos e sabedoria que já trazem consigo ao nascer.

As crianças precisam entender o que acontece ao seu entorno: que ninguém é eterno, que as pessoas não irão virar sementes; por isso, desde pequenos eles devem ser preparados para enfrentar o mundo, se for possível sozinhos. É nessa concepção de dois mundos atravessado por muitos olhares diferentes que as identidades atuais são construídas socialmente, coletivamente e culturalmente. Essas culturas são profundamente dinâmicas, demonstrando enorme capacidade de construir respostas aos novos desafios voltados para construção de uma sociedade intercultural, bilíngue e diferenciado, onde o objetivo é aprender a todo o momento, no entanto buscando reconstruir relações interculturais para superar todas as exclusão e desigualdade, na busca pela autonomia do viver o ñandereko tee (jeito de viver).

Vivemos em uma comunidade/sociedade de um mundo perverso da modernidade, onde as desigualdades e as injustiças se reproduzem a todo momento, sabendo que as transformações são necessários para continuar a viver e mostrando que os indígenas fazem parte desse mundo, mesmo sofrendo preconceitos e discriminações estão vivas com suas diversidades, não estão homogeneizado, estão na busca de fortalecimento e entrelaçamento de sentido e ação social. Que não é uma tarefa fácil, a cada momento se conquista espaço de andar nas duas extremidades da ponte, esse é um novo conceito de viver e valorizar o diferente jeito de ser.

As crianças estão no meio dos adultos aprendendo com as pessoas com quem convive enquanto vai se adequando a vida adulta, são orientados desde muito cedo a observar os acontecimentos a sua volta, a esse critério de conhecimento chamamos de processos próprios de aprendizagens que vem do contexto familiar que vem em primeiro lugar a oralidade.

Por isso, as crianças reconstroem seus conceitos e percepções de mundo através de sabedoria ser específicas, que atendam a necessidade da comunidades Guarani/Kaiowá de acordo com a realidade, não esquecendo, reconhecendo a importância da relação com o desenvolvimento das crianças em todas as fases, que vai sendo um aprendizado constante é contínuo passado de geração a geração, com aconteciam no passado e agora no presente, uma interação de que engaja na sociedade/comunidade em ser uma construtora de conhecimento para construir uma

nova identidade de sobrevivência cultural que ressignificado continuará presente, perpassando todos os obstáculos que acultura dos dois mundo lhe trouxe..

Capítulo III

Processos próprios de aprendizagem no cotidiano infantil da Aldeia Amambai.

Ao longo de toda a vida as pessoas vão adquirindo muitos aprendizados, e esses aprendizados acontecem em diferentes momentos. As crianças indígenas Guarani/Kaiowá, como todo e qualquer ser humano, estão em constante processo de desenvolvimento, aprendendo dos mais diferentes jeitos e em vários momentos da vida. Eis alguns depoimentos dos entrevistados:

Ñande rekorã oje'e'akue ndaijapy'i moai, há'e ohota ikatu hapeve te'yikuéra ndive, opavave ndive jepe jaharõ anike ñande resarai tekojojarãgui, ñande mitãro guará.(ñandesy kaiowá, 90 anos)

Tradução: O conselho que nos foi dado jamais terá fim, ele te acompanhará por toda vida, por isso nunca esqueça disso, que foi entregue desde criança.

Esse depoimento mostra o que vim falando anteriormente: que as crianças são sujeitos de dominação culturais, transita sobre as culturas sem dificuldades, são educadas para respeitar os valores tradicionais indígenas e os valores não-indígenas, pois estamos no mundo cheio de ambiguidades, fazendo parte da sociedade envolvente. Não são povos desaparecidos por completo, carregando dentro de si aquilo que a natureza humana lhe encarregou de trazer. Eles precisam ser respeitados como sujeitos, criança-adulto também. Com isso, buscamos uma nova oportunidade de reavivar o modo de ser Guarani/Kaiowá, o ressurgir das cinzas, como cidadão adaptados, sem esquecer do passado, que também vive:

Os pais precisam ensinar as crianças o passado tão doloroso dos povos indígenas e transformar essa dor num novo caminho para o dia de

hoje. A meu ver as crianças estão muitos soltos. Os conhecimentos tradicionais estão sendo deixados para trás. Muitas coisas mudaram e estão mudando. Os conhecedores da tradição precisam voltar a ser valorizados pela comunidade indígena¹⁸.

Vemos no depoimento da “ñandesy” que os conhecimentos tradicionais ficaram um pouco esquecidos, por várias razões. Hoje aderiram a muitas outras espiritualidades nas aldeias. Mas, aos poucos, os conhecimentos vão sendo reavivados novamente das cinzas e dão embasamento de se viver com naturalidade. É esse conhecimento que vai abrindo caminho à reconstrução de significados e negociações de políticas sociais com as gerações presentes. A comunidade indígena e a sociedade envolvente precisam ter olhares diferentes sobre as crianças, que estão clamando para serem vistas como cidadãos em constante aprendizagem. Elas são os mensageiros enviados pelo “tupã”, para continuar a sua divindade e sua responsabilidade espiritual aqui na terra. Adquirem conhecimento primário, a primeira sabedoria que é obrigada a aprender desde que nascem no seio familiar. As pessoas do entorno, com os “ñanderu e ñandesy”, vão lhe ensinando o mundo no qual acabou de chegar. Este tem que ser ampliado para o horizonte mais longe. Vemos que o ritual tem que fazer parte do cotidiano do povo Guarani/Kaiowá. Segundo Nascimento:

As crianças aprendem olhando, observando toda a realidade, estão presentes em toda a parte na aldeia e nas áreas circundantes e quase não há punições. A criança tem liberdade, permissividade e autonomia, experimentando e participando da realidade concreta do dia a dia, seus conflitos e contradições, estão perfeitamente articuladas com aprendizagem e responsabilidades (NASCIMENTO, 2006, p. 8).

A atitude dos adultos é bastante favorável com as crianças, que vivem ao seu redor e no contexto da aldeia. São participante ativa de todas as atividades cotidianas, sem nenhuma restrição. Com isso, vão aprendendo e pondo em prática o trabalho por imitação, que já é uma iniciação ao trabalho real, sendo sempre através da observação que os adultos vão lhe ensinando e as crianças vão aprendendo através de brincadeiras colocando em prática a sua observação enquanto transita no meio de adulto. No passado não distante os trabalhos das crianças eram separados por gênero: menina era ensinada pela mãe ou pelas outras mulheres com quem estão convivendo de como cuidar de seus trabalhos domésticos quando fosse ter sua família e de como cuidar do seu marido e os

¹⁸ Ñandesy, liderança espiritual feminina, 92 anos.

meninos pelos pais e os outros homens que também faziam parte de sua educação para ser adulto responsável pelo seu ato e pela sua família que terá.

Atualmente esse conceito mudou bastante por causa das transformações que vão acontecendo ao nosso redor a cada dia. Por exemplo, a maioria das mulheres está trabalhando fora de casa, enquanto que os homens vão para as usinas por sessenta ou setenta dias trabalhando. Isso mudou o jeito que se ensinava as crianças, mas ainda tem família que mantém essa tradição. Vemos na foto abaixo que também as famílias se apropriaram de outras culturas e religião e esses interferem na condição de vida dos Guarani/Kaiowá.

Foto 24: reuniões de orações religiosas



Fonte: Aquino, 2010

Nesse momento as famílias estão se reunindo para fazer culto (louvar a Deus), grupo de Guarani/Kaiowá orando com várias pessoas e as crianças estão acompanhando no referenciar e outros estão brincando. Elas estão desenvolvendo capacidades intelectuais em viver e transitar na ponte da fronteira. As crianças compreendem o que está acontecendo a sua volta, porque são as realidades que vivem a cada dia na sua comunidade. Vão adquirindo ferramentas dos contextos diários, que lhes possibilitam

obter a assimilação dos conhecimentos acumulados pela humanidade, integrando-os aos conhecimentos construídos cotidianamente. Para Cohn (2002):

A aldeia e seus arredores são densamente povoados por crianças, que só se silenciam quando já estão dormindo, e apenas um ou outro choro pode ser ouvido nas casas. Na realidade, seus dias podem ser sempre diferentes: em um, acompanha a mãe à roça; em outro, fica em casa, na companhia das outras crianças; em outro ainda, pode acompanhar o pai em uma pescaria; e, se já for grande o suficiente, pode um dia fazer seu próprio programa, e sair com outras crianças pelos caminhos e capoeiras que rodeiam a aldeia, ou pelo rio, nas pedras ou, com uma canoa, pelas proximidade (COHN, 2002, p. 126).

Portanto, ensinar significa transmitir sabedoria de espíritos de solidariedade, de paz e conhecimentos de relações com os antepassados e conhecimento sempre presente, com os mais velhos, os Ñanderu, Ñandesy, caciques e outros, dentro do cotidiano da aldeia. Os “ñandesy e ñanderu” são os responsáveis pelo caminho sagrado que irá trilhar, caminho que será guiado através do batismo que é obrigatório para crianças Guarani/Kaiowá. Para tais missões elas precisam passar por várias rituais de iniciação, que tem significado importante para vida dos indivíduos que se tornarão adulto responsáveis, isso significa que cada criança tem seu protetor que o reconhece a sua origem, se o espírito veio do oriente ou do ocidente.

As crianças, desde pequenos, precisam ter ofício, para não ficar a toa. Se não ocupar a cabeça não saberão o porque estão no mundo, o que farão. Não sabe como manter a boa conduta na comunidade. Falo isso hoje as crianças estão muito soltos. Não está sendo educadas como deveriam. Os pais mais antigos tentam fazer como antigamente, mas estão vendo que não dá certo, ai deixa livre. Alguns não querem mais batismo, por interferência dos evangélicos. Isso prejudica nossa educação¹⁹.

Mãe e pai não estão mais interessados em mostrar o caminho certo pra criança que está nascendo. A criança ta solto, não tem mais guia. Eu como ÑANDESY, quero dizer que mãe e pai tem que voltar a cuidar de sua cria, não pode fazer o que quê, ensinem seu filho a ser um bom guerreiro novamente, mesmo que seja do jeito que os karai que, mas não esqueça da sua raízes²⁰.

Observei naquele mesmo dia na mesma família que estive conversando, as criança também não tinha indo a escola, a idade mais o menos oito e nove anos, perguntei o porque e ela me falou que não queria que o filho dela aprendesse coisa de karai(não índio) primeiro, mas sim aprender coisa da nossa comunidade, em caçar, pescar, cuidar do irmãozinho menor, aprender os afazeres doméstico, colher frutos, plantar e cuidar da roça, ser independente não viver debaixo da

¹⁹ Ñanderu, Kaiowá, 79 anos.

²⁰ Ñandesy, Guarani, 68 anos.

asa do pai, precisa compreender tudo isso primeiro pra depois ir aprender a outra coisa, que eu sei que é importante principalmente no momento que vivemos, mas agora que estão crescendo e já conhecem o que ser índio, vou matricula na escola, vou estar sempre de olho no comportamento do meu filho²¹.

As mães Guarani/Kaiowá não querem que os filhos vão pa ra escola muito pequenos, elas querem que o filho aprenda a defender em primeiro lugar a sua identidade que é mais importante do que os conhecimentos dos não índios. São mães bem tradicionais, enquanto que as outras crianças estão atravessadas pela interculturalidade, que traz na concepção muitas incertezas e confusão. Essas crianças que não foram ensinadas a compartilhar as ideias de sua autoafirmação, muitas delas vão optar de viver somente umas das identidade, como exemplo aquela que ensina seus filhos a valorizar o conhecimento dos karai, (dos não índios) e deixa de lado o seu ñandereko, as crianças que vão para escola da cidade ou são freqüentadores de religião não indígena muito rígida.

Digo que os dois conhecimentos se complementam. Os dois conhecimentos devem estar sempre vivendo juntos. As crianças precisam entender os conceitos de viver o além (Bhabha, 2007) e para isso precisam estar aptas a se reinventar constantemente. Diante de novos desafios que vão aparecendo durante a caminhada da vida, cada comunidade elabora suas próprias explicações a respeito do mundo, dos fenômenos da natureza, dos espíritos, dos seres sobrenaturais. As crianças, pouco a pouco, vão aprendendo os modos de agir, de pensar, e até os princípios que terão que seguir em cada fase da vida, aquilo que os levará a se tornar em pessoas adultas, conhecedoras e se relacionar entre os dois mundos, que produzirá uma outra concepção na resignificação de conceitos, que todas venham a ser participantes atuantes da centralidade da vida que os espera quando se tornarem adultos. É importante estar sempre atentas aos entornos onde vivem e aos trabalhos diários em cada época, que as encaminhará ao aprendizado e transmissão de conhecimentos. É necessário que se desenvolva pesquisa sobre a capacidade de relacionamento que as crianças têm com os mais velhos e a sua visão a respeito do mundo em que se encontram. Os conhecimentos que vão adquirindo durante a infância. É de suma importância para um bom desenvolvimento entre adultos e crianças, basta os adultos entendê-las.

²¹ Mãe, Guarani/Kaiowá, 45 anos.

Buscamos, constantemente, conhecimentos tradicionais, juntamente com os conhecimentos da sociedade nacional, bem como a valorização da sabedoria indígena. Aquilo que um dia quiseram apagar da convivência e da mente dos povos indígenas. Um dia queriam nos exterminar, mas não conseguiram. Tiveram que esconder o povo Guarani/Kaiowá preservando-o escondido: a sua cultura, o seu modo de ser, as suas tradições, sua língua e a sua crença, no intuito de se manterem como cidadãos e lutarem sempre pela sua sobrevivência. Segundo Hall (2009):

A não derrota B nem B não derrota A, cada um com seu caráter autossuficiente de “força genericamente reacionária e progressista”. Em vez disso, ambos estão envolvidos, nos tempos modernos, naquilo que Gramsci denomina “dialética(da) revolução/restauração”. Aqui a destruição tem que ser concebida não de forma mecânica, mas com um processo ativo: “destruição/reconstrução”.... A inserção da ambivalência e da ambiguidade “espaço” da metáfora condensadas de inversão e transcendentais é, ao meu ver, o fio condutor para deslocamentos incompletos que parecem ocorrer neste movimento dentro do discurso metafórico (HALL, 2009, p. 220).

As crianças da comunidade de Amambai vão aprendendo a se adaptar de diferentes maneiras e em vários momentos, desde o seu nascimento até a vida adulta, que nenhuma cultura é melhor ou pior que a outra. E a criança aprende isso sem questionar. Elas não sabem derrotar o A e nem o B, vão se adaptando com muita facilidade. Cohn(2005) diz que : “portanto, cada criança criará para si uma rede de relações que não está apenas dada, mas deverá ser colocada em prática e cultivada” (COHN, 2005, p.30).

Observei as crianças durante uma reunião de professores, onde todos estavam em silêncio a ouvir o que cada um falava. Elas, sem ninguém comentar do que se tratava, saíram dali e foram formar um grupo e discutiram entre si exatamente aquilo que os adultos estavam discutindo. Pude perceber que as crianças aprendem sem ninguém lhes mandar ou dar ordem a eles, eles por si só vão aprendendo com o olhar de aprender sempre e a cada momento, por isso desenvolvem raciocínio lógico muito rápido, mesmo com as constantes mudanças que sofrendo nos últimos tempos, não se conforma facilmente com essas transformações.

Foto 25: criança brincando sozinha.



Fonte, Aquino, 2012, Amambai

Como esse menino, é comum as crianças Guarani/Kaiowá brincarem de terra ou de qualquer outras sucata. Eles aprendem de diferentes maneiras, formas e jeitos; vão interferindo no conhecimento tradicional e como fazer essa relação de entrosamento com o conhecimento científico, vê os quantos às crianças estão presentes no cotidiano da aldeia.

O aprendizado infantil está no contexto da vida social, que se caracteriza pela necessidade de se respeitarem os conhecimentos essenciais que adquiriram para à vida adulta.

Dessa forma, desfrutam de todos os momentos da vida social, que encaram a vida. Portanto, aprendem e desenvolvem significados que dão sentido à vivencia do ser humano. Adquirem cotidianamente as atribuições de um ser ativo e possuidora de uma complexidade que só se constroem participando e imitando os afazeres que são atribuídos. São conhecimentos importantes que dão direção e rumo a caminhada por um caminho tortuoso enquanto viajantes aqui no mundo moderno.

O aprendizado acontece por meio de brincadeiras, imitação, observação e de diversas maneiras, uma escola informal sem regras, elas vão aprendendo e complementando para sanar suas necessidades, vai assimilando os jeitos reais de cada fase de sua vida, cumprindo os rituais de cada fases de passagens que cada povo tem. O mundo infantil e muito interessante, são mistérios que eles repassam aos adultos e preciso decodificar as mensagens que os pequenos nos dão.

Eis algumas ilustrações:

Foto - 26: crianças e adultos aprendendo juntos.







Fonte: Aquino, 2011, Amambai.

Essas são algumas cenas de como as crianças podem aprender e também ensinar aos seus irmãos, sem a presença dos adultos. Mas isso não quer dizer que elas fiquem sem cuidados. Podemos perceber que as crianças parecem que estão brincando, mas, na verdade, elas estão se preparando para a vida adulta. Uma menina carregando um irmãozinho, outro imitando a tia manicure, outro olhando atentamente o que a outra criança que está desenhando no chão, outro acompanhando o ritual. Os adultos estão por perto. Há aquela criança que sai só com os irmãos mais velhos para a cidade, para caçar, pescar, coletar e, por fim, buscar lenha nas fazendas próximas, mesmo que o dono não permita. A educação tradicional, própria dos Guarani/Kaiowá, está sempre presente em

todos os lugares, não só na escola, como a conhecemos hoje, mas nos arredores do entorno.

Os conhecimentos e aprendizagens tradicionais e não tradicionais, na atualidade são transmitidos durante as atividades do dia a dia e nos momentos especiais. Os processos próprios de aprendizagem Guarani/Kaiowá não acabam na vida adulta, nem tão pouco quando morre. Cada destino está ligado com o mundo espiritual de cada sujeito. É um processo de construção de conhecimento na divindade que depois de morrer ainda continuamos cuidando dos parentes que ficaram aqui. Todos sabem do objetivo de quem partiu por isso a morte para os Guarani/Kaiowá não é um fim, mas um começo de outra vida. As mães Guarani/Kaiowá dão liberdade aos seus filhos, para que eles aprendam a viver e a sobreviver, de acordo com o que lhes está sendo ensinado. As crianças são agitadas nas brincadeiras e tem habilidades nas caminhadas pelas trilhas das matas para correr, para caçar, para pescar e conhecer os vários tipos de animais. Gostam de descobrir coisas novas o tempo todo.

Conhecer a criança indígena significa conhecer o mundo em que ela está inserida e fazer parte do mundo dela. Segundo Bergamaschi (2011): “na cosmologia Guarani há um entendimento que as pessoas já vêm ao mundo com características que lhe são intrínsecas, por isso há um respeito profundo por cada um, desde pequena” p. 142. A criança no ventre materno já vem com rituais de preparação que lhe darão direção ao nascer; aprendam a ser adultos atuantes. Para isso, precisam passar por diferentes rituais desde a gestação. Essa realidade é confirmada por esse depoimento:

Hoje não se fazem como antigamente os rituais de cada fase da vida, por isso vemos as crianças sem rumo, tanta coisa acontecem no nosso dia, não se respeitam, vemos tantas coisas ruim acontecendo porque eles não tem desígnio dos espíritos bom para guia-lo na sua caminhada, precisa voltar a fazer isso mais rápido possível. Ela é muito importante na vida dos Guarani/Kaiowá. (Ñanderu Kaiowá)

E de como esse mundo é visto por ele e o que ele tem a dizer sobre isso: observando uma criança de dois anos de idade com a mãe, querendo imitar a mãe no descascar da mandioca, a mãe não queria que ele fizesse, mas ele insistia muito para imitá-la no trabalho, fazendo a mesma coisa. Percebemos que a criança sempre faz parte do mundo adulto, estão sempre na companhia deles. Isso demonstra que elas são as esperanças de mudança para um mundo melhor. A família é quem prepara os sujeitos para serem educados e a continuar a estrutura familiar. Ao realizar seu projeto de reprodução

social, a família participa do mesmo projeto global, referente à sociedade na qual está inserida. É por isso que ela também ensina a seus membros como se comportar fora das relações familiares em toda e qualquer situação.

A família é, pois, a formadora dos sujeitos cidadão, é nesse meio que acontece o tekorã (modo de vida futura), no caso do Kaiowá são pessoas que fazem parte no viver do laço de parentesco, as grandes família ou seja o núcleo familiar onde circula a educação das crianças.

A criança aprende a praticar os rituais, de acordo com a necessidade do momento, seja com o pai, com a mãe e com a própria comunidade. Alguns rituais só são praticados em determinados momentos: uns só podem ser praticados por mulheres, outros só pelos homens. Somente em alguns casos os dois devem estar presentes, tem ensinamentos separados um aprendizado para vida toda. Depois de se tornarem pai ou mãe se aprende a viver de maneira diferente, desde o ventre materno, passando pela infância, até chegar à vida adulta, na qual aprende a colocar em prática, com as pessoas do entorno, com os pais, com a comunidade e também com a sociedade envolvente.

Foto 27: criança imitando adulto.



Fonte, Aquino, 2011

Os pais dão conselhos aos seus filhos a conhecer e a respeitar a natureza, preservar os lagos e o meio ambiente. As mães ensinam as meninas a fazer artesanato. Iniciam rituais de preparação desde a gestação ao nascimento. Esses procedimentos preparam não só a criança como também a família que está aguardando-a. São conhecimentos que lhe darão condições de viver no mundo em paz, consigo mesmo e com os outros. Cumprindo a missão com alegria e não por obrigação, cumprindo sua responsabilidade para a qual foi enviada. Tendo esse ritual de preparação de nascimento, a criança já tem uma estrutura de como aprender os ofícios da comunidade, seja com os pais, com as pessoas do entorno, com os sábios e pessoas idosas, com os “ñanderu” e “ñandesy”; enfim, com as pessoas da comunidade local e com as outras crianças de fora que, muitas vezes, fazem parte do cotidiano dela, que lhe acompanharão nas atividades diárias.

A atitude dos adultos com as crianças que vivem ao seu redor é deixar que elas participem das atividades cotidianas sem nenhuma restrição. Isto é aprender a fazer, sempre na observação, onde o ensino vai acontecendo diariamente e a cada momento, não importando o lugar. Cada ambiente é um espaço de aprender sempre. Presenciei uma festa de aniversário onde as crianças não faziam o menor estranhamento. Parecia que tinham absorvido aquilo para o cotidiano da comunidade. Nunca passou pela minha cabeça que as crianças absorveria essa outra cultura sem nenhum constrangimento, parecia que eles estavam vivendo aquilo desde que nasceu, mas e uma mistura de cultura que foram se adaptando para o momento presente.

Foto 28: crianças participando de aniversários diferentes.



Foto: Aquino, 2010.

Para a criança não há problemas para se identificar e interagir com o meio, de como tem que ser, pois ela se identifica com o meio vivido na família e no grupo social, de onde recebeu o nome sagrado, para ser lutador e guerreiro. Tenho saudade dessa época quando os ñanderu estavam sempre prontos a fazer seus rituais para acalmar o mau espírito. Nascimento (2007) acrescenta que:

- - liberdade significa participar de todos os eventos indígenas porque todos esses momentos estão sendo vistos pelo nosso Pai *Nhanderu*.
- - uma criança Kaiowá e Guarani feliz é aquela que ocupa espaço na natureza. Quem desenvolve a criança é a natureza.
- Para enfrentar os desafios de aproximação na aprendizagem da criança Guarani/Kaiowá, compreendemos a necessidade de um olhar diferenciado no contexto da cultura local, histórico e social.

O território Guarani era muito amplo, sem fronteira de limite como há hoje. Por isso não havia nenhum problema viver no espaço onde pudessem. Os Guarani e os Kaiowá nunca foram de se juntar no mesmo grupo. Por isso viviam cada um no seu espaço e bem longe uma família da outra. Tinham livre acesso para serem felizes no espaço, sem divisas, podendo andar, passear, caçar, pescar e colher seus frutos

preferidos, seja no campo ou no mato, tudo se transformava em local de escola tradicional, local de aprendizagem, que hoje lhes é proibido.

A atual realidade em que se encontra a comunidade indígena e a sociedade não indígena requer uma discussão. Isso fica bem explícito no texto de Hall (2009):

Na realidade, o que vem ocorrendo frequentemente ao longo do tempo é a rápida destruição de estilos específicos de vida e sua transformação em algo novo. A “transformação cultural” é um eufemismo para o processo pelo qual algumas formas e práticas culturais são expulsas do centro da vida popular e ativamente marginalizadas (HALL, 2009, p. 232).

Propiciar uma interação de aprendizagem do cotidiano entre o conhecimento sistematizado requer uma discussão mais ampla, inserindo conhecimentos tradicionais com oportunidade de desenvolver capacidades que lhes permitam entender e lidar com o mundo moderno, adquirindo ferramentas que lhes possibilitem obter e assimilar conhecimentos acumulados pela humanidade, integrando-os aos conhecimentos construídos pelos antepassados. Bhabha (2007) argumenta que o passado recria o presente para traduzir a cultura:

O trabalho fronteiriço da cultura exige um encontro com “o novo” que não seja parte do continuum de passado e presente. Ele cria uma idéia do novo como ato insurgente de tradução cultural. Essa arte não apenas retoma o passado como causa social ou precedente estético; ela renova o passado, refigurando-o como um “entre-lugar” contingente, que inova e interrompe a atuação do presente. O “passado-presente” torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver (BHABHA, 2007, p. 27).

O trabalho da fronteira precisa ser discutido na comunidade e depois reformulado o conceito, renovar o significado do passado-presente para um encontro com “novo” que está sempre com um pé no espaço hibridizado.

Requer da sociedade/comunidade uma “revolução” verdadeiramente comunitária, igualitária e justa, uma integração dos indivíduos no coletivo. Índios e não - índios precisam entrar no acordo da coletividade, na participação da política do sistema vivido. Para encontrar novo rumo a sociedade individualista que leva as pessoa a ficar miserável com seu próximo, deu PAIKUARA deu pra todo mundo viver bem não a estar tão precário como hoje, TUPÃ não esta feliz com tanta maldade causados aos seus filhos²².

O processo de aprendizagem vai passando por momentos muito críticos em alguma fase da vida. Nem sempre o “novo” satisfaz o que está posto; é uma

²² Maria, 80 anos

reconfiguração do passado, tradução da cultura para o presente. As crianças indígenas Guarani/Kaiowá absorvem o conhecimento para si e, às vezes, não é tão puro como antigamente, mas uma reconstrução constante do conhecimento para a comunidade Guarani/Kaiowá.

Foto 29: crianças tomando bebida não indígena.



Foto: Aquino, 2011, Amambai.

O conhecimento sistemático ou tradicional, como em qualquer outra sociedade, vai re-elaborando os conceitos que foram discutidos entre os Guarani/Kaiowá que se transformam em ciência. Vai sofrendo modificações, se reinventando e adequando a todo o momento, em cada espaço. A comunidade indígena sempre estará se reinventando diante de novos desafios que vão aparecendo durante a caminhada da vida. Contudo, temos que reconhecer o poder da escola, no tempo atual, especialmente quando se trata de instaurar tempos e espaços únicos, igualmente.

A globalização altera as noções de tempo e de espaço, desaloja o sistema social e as estruturas fixas e possibilita o surgimento de uma pluralização dos centros de exercício do poder. Quanto ao descentramento dos sistemas de referências, Hall

(2009) considera seus efeitos nas identidades modernas, enfatizando as identidades nacionais, observando as formas e as conseqüências da crise dos paradigmas do final do século XX. Os Guarani/Kaiowá, diante da possibilidade de terem sua forma tradicional de educação fragilizada, desvalorizada e composta por um conjunto de preceitos e práticas responsáveis pela constituição da pessoa Guarani ou Kaiowá a qual pertence, preocupam-se com a imposição de saberes ocidentais como verdades absolutas.

Portanto, é necessário que se desenvolvam pesquisas com urgência sobre a capacidade de relacionamento que as crianças têm com os mais velhos e a sua visão a respeito do mundo em que se encontram, os conhecimentos que vão adquirindo durante a infância.

Refletir o passado é abrir caminho para uma nova reconstrução de significados e novas negociações com o mundo moderno com o mundo indígena e com as gerações que estão surgindo, uma troca de cultura e experiência para o viver tranquilo, o que vemos na foto:

Foto 30: comemoração de aniversário.



Fonte: Jaguapiré, Tacuru, 2009.

Silva (2000, p. 106-109), afirma que cada povo possui formas originais de educação, com suas particularidades no processo de socialização. Cada povo relaciona a educação tradicional às múltiplas dimensões da vida coletiva de cada sociedade.

Para Pereira (2002), antropólogo e pesquisador sobre criança Guarani/Kaiowá, afirma que:

A criança Kaiowá recebe uma educação que lhe permite grande liberdade para seguir as motivações de seu desejo de descobertas. Os Kaiowá acham natural que a criança seja curiosa, inquieta e interessada por tudo que representa novidade. Existe um provérbio que diz “*ñande mitãramo, opa rupi ñande jaikocujo*” significado é “*quando somos crianças, vivemos por toda parte*” (Pereira, apud Nascimento 2002, p.170).

Foto 31: meninas cuidando das plantações de remédio.



Fonte: Aquino, 2009, Amambai.

É dessa forma que cada povo indígena projeta para si sua autonomia, fortalecendo sua cultura e o seu modo de ser, como o de viver sempre em coletividade e de manter viva a sua língua materna. Cohn (2002) entende que:

O recente direcionamento das reflexões sobre a criança, o aprendizado e a socialização possibilita, cada vez mais, apreender e analisar o universo infantil no que lhe é específico. Do mesmo modo, o processo de educação e aprendizado próprios das sociedades analisadas podem

ser melhor apreendido, ao se abdicar da busca de realizações de um desenvolvimento cognitivo universal em favor de um análise de como essa sociedade concebem refletem sobre o processo. Tarefa mais afeita à preocupação da antropologia: se o mundo e os homens são os mesmos, interessa-nos saber como os homens de diferentes contextos socioculturais dão sentido ao mundo que vivenciam, e à sua experiência de humanidade (COHN, 2002, p. 234).

Dessa maneira, a educação escolar indígena leva o repensar os processos de produção e transmissão dos conhecimentos indígenas e não-indígenas por meio da escola, que tem um viés de espaço diferente, uma instituição que chegou com os colonizadores e se instalou pra ficar. É uma herança deixada pelos nossos antepassados, que se confronta com a educação tradicional Guarani/Kaiowá e a educação sistematizada, que a cada instante vai sobrepondo a outro e com certeza não será nada fácil essa caminhada na ponte fronteira que estão atravessando entre os dois mundos. Segundo Tassinari (2001):

É também um espaço de encontro entre dois mundos, duas formas de saber ou, ainda, múltiplas formas de conhecer e pensar o mundo: as tradições de pensamento ocidentais, que geraram o próprio processo educativo nos moldes escolares, e as tradições indígenas, que atualmente demandam a escola, como “fronteira”, o que poderá ser extremamente útil para compreender melhor seu funcionamento, suas dificuldades e os impasses provocados pelas propostas de “educação diferenciada” (TASSINARI, 2001, p.47).

O encontro desses mundos é muito diverso. Num dos elementos que está ajudando a entender as várias transformações dos processos sociais e culturais que atuam em nosso meio como um espaço de diversidade, que incluem compreender os processos próprios de aprendizagem de cada criança e povo indígena, onde o ator principal são as crianças, que desenvolvem as capacidades de aprender sempre, de acordo com sua educação primária adquirido na família e na própria comunidade local, para manter firme e consciente a sua identidade desde criança, diferenciando e dominando os conceitos do cotidiano vividos na comunidade e sociedade em que está inserida. As crianças precisam compreender que as várias culturas que existem não são unitária em si mesma, mas que fazem parte do mundo do Eu com o Outro do entorno, dar sentido ao espaço compartilhado, com todos. Isso começa já na infância, principalmente no mundo Guarani/Kaiowá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois de realizar minha pesquisa junto à comunidade a qual pertenço, digo que concluo em parte meu trabalho. Vejo que ainda preciso continuar a desenvolvê-lo, para poder dizer “conclusão final”. Sei que nunca terei uma pesquisa acabada, sempre terei que continuar respondendo várias perguntas como educadora e mulher indígena.

As discussões que tive com diversos autores dos Estudos Culturais e alguns depoimentos citados me levaram a um ponto de reflexão bastante profundo sobre o sentido de construção da auto-afirmação da identidade étnico-cultural que as crianças, que ainda não foram a escola, e aquelas da família tradicional, defendem muito bem o seu pertencimento no espaço. Elas aprendem a identificar as fronteiras do “além” e os atravessamentos vividos dentro de sua realidade.

Ao analisar o resultado pude perceber que os Guarani/Kaiowá não estão tranquilos por estarem vendo seus filhos seguindo caminhos que não lhes pertencem. Estão preocupados com a educação que foi herdada dos colonizadores, que permanece até o dia de hoje. Parece que a educação tradicional está sendo deixada para trás. Os “ñanderu e ñandesy” estão preocupados com isso, mas, para alegria deles, estão ressurgindo pessoas que estão conscientizando as crianças que ainda não foram moldadas pelo sistema de ensino, a ressurgirem do pó e fazer renascer aquela sabedoria que estava adormecida. As crianças sabem que precisam ressignificar no mundo moderno os conceitos antigos, fazer uma difusão de conhecimentos e sabedoria para poder continuar mantendo o “ñandereko tee yvyarigua” (nosso jeito de viver aqui no mundo).

As culturas e as tradições que mantemos precisam atravessar os limites das fronteiras onde esses conhecimentos e sabedoria Guarani/Kaiowá se atrapalham um pouco. É um paradigma que queremos desvendar hoje e como será no futuro, coisa que os indígenas nunca tentaram pensar, como dizia meu avô: o amanhã a deus pertence. Não se pode planejar uma coisa que amanhã deus não permitirá, tem que ser imediatista. Isso ficou na minha cabeça, no momento atual que se vive esse conceito precisa ser revisto: o amanhã, se não for pensado pelo menos, não chegará, e quando chegar, não estaremos preparados pra ele.

Esse pré-conceito precisa ser discutido por toda a comunidade, inclusive pelos jovens e crianças. Elas não são como um papel em branco: tem conhecimento adquirido desde que nasce, mesmo sendo inconsciente, mas o conhecimento já está lá, pronto para ser desenvolvido na hora certa e dentro da comunidade cotidiana. Os Guarani/Kaiowá precisam caminhar com os conhecimentos mediados entre as diversidades, a não valorizar somente uma, para não parar no primeiro obstáculo, dialogando sempre com a cultura do meio.

A família tem a responsabilidade de ensinar e educar, de acordo com a realidade vivida e o atual momento; não deixar seus filhos soltos. Mesmo não querendo, as crianças precisam entender o que é ser Guarani/Kaiowá no mundo da modernidade. É como viver os dois mundos, porque não se pode fugir desses dois caminhos. Sabemos que não é nada fácil e que precisamos de muita reflexão para concordar em viver dessa forma. A educação tradicional tem que andar lado a lado com educação escolar. Só assim é que estaremos construindo um mundo de educação que tenha respeito às diferenças. Essa educação terá que ser de acordo com os costumes “contemporâneos”, ao mesmo tempo em que deve continuar praticando tudo aquilo que quase foi perdido e esquecido.

A situação ainda é mais preocupante para os pais que não estão ensinando ou repassando a educação tradicional para os seus filhos. Acham que o mundo mudou e, por isso, precisam deixar de ser índios. Algumas famílias não têm interesse de fazer com que seus filhos pelo menos possam compreender o Guarani/Kaiowá no contexto atual acabam confundindo ainda mais a cabeças deles. Esse paradigma do passado tem que ser quebrado. Se continuar assim, não só a comunidade Guarani/Kaiowá está correndo risco de perder por completo, na próxima geração, aquilo que faz a comunidade Guarani/Kaiowá ser diferente. São valores que fará de cada indígena ser

lutador de ideais e soluções de vários problemas. Muitos pais comprometem a educação tradicional de seus filhos ao falar na língua da sociedade envolvente, desvalorizando a sua língua que está dando vida como sujeita. Sem a língua materna pereceremos. Ela é uma das bases fortalecedoras do ensinar e viver por completo a tradição.

Precisamos de um trabalho árduo de conscientização sobre o papel dos índios no século XXI. Sem a conscientização cultural, a cultura dos Guarani/Kaiowa irá desaparecer, e não é isso que queremos. Estou presenciando dia a dia a mudanças que estão ocorrendo nessa comunidade. O ser Guarani/Kaiowá no mundo moderno ficou meio difícil, mas para levarmos adiante a auto-afirmação de nossa cultura fomos capacitados muitos antes do nascimento. A comunidade precisa sair da dependência de viver à custa dos outros. Precisa mostrar às futuras gerações que esse não é o melhor caminho a seguir para termos autonomia. Se continuarmos assim, não vejo nenhuma perspectiva de futuro melhor para nossas crianças. O que vamos dizer a eles? Pelo que lutaremos? Temos que saber lidar com os dois mundos presentes em nossa vida. Não podemos amar um e odiar o outro. Os dois fazem parte de nós. As pessoas estão perdendo os valores que tem, porque não sabem qual caminho seguir, não estão mais valorizando a cultura, religião, mito, crença etc.

Os jovens e até as crianças só querem copiar a cultura do não-índio, achando que só essa tem valor e esquecem o seu verdadeiro “eu” e cidadania Guarani/Kaiowá, estão valorizando o mundo de fora. As crianças, e também os adultos querem imitar tudo o que vem de fora, mas fazem isso de forma errada. Como tudo isso é novo eles querem se apossar disso. Isso não está fora do nosso objetivo, mas tem que ser com diálogo, sabendo como adquirir sem ser prejudicial. A sociedade envolvente na qual estamos inseridos está indo para um caminho sem volta. Até mesmo quem está acostumado não sabe lidar, não sabe como lidar com a diferença existente no momento. Percebo que os indígenas que se perderam não estão se preocupando com o futuro. Aliás, nossos antepassados nunca se preocuparam com esse chamado futuro.

Para nós Kaiowá existe o agora, o amanhã pertence a deus. Hoje os indígenas devem lutar para recuperar seus territórios tradicionais, só assim estaremos seguros para continuar nossa sobrevivência.

Não adianta nada querermos uma vida diferente e negar a nós mesmos. Aos olhos dos não índios sempre seremos o “outro”, um intruso no meio deles, só podemos afirmar o que somos realmente. Os problemas que afetam as comunidades indígenas

Guarani/Kaiowá são muito sérios, como por exemplo: bebidas alcoólicas, drogas, prostituição, discriminação, preconceito, doenças, gravidez e casamento precoce, violências e violências domésticas, etc. No momento, temos problemas mais sérios para resolver, como a falta de terra, que é mais grave que temos. Sem esse espaço não temos como morar e viver felizes. A comunidade precisa tomar a bandeira de luta, para ajudar os outros povos que estão nessa luta.

O tal mundo globalizado está vivendo do nosso lado, mas ele complica a nossa vivencia. Não podemos dizer que ele é ruim e nem totalmente bom, vamos caminhar lado a lado com ele, com a sua riqueza e também valorizar o nosso jeito de ser, nossa cultura, religião, crença, mito. Nessa linha de tempo, o símbolo de construção vai perpassando cada vez mais os elementos de diferenciação social, onde aparece visível que a sociedade e a comunidade estão atravessadas por oposições de raça, cor, classe, étnica, de gênero e de crenças religiosas. Apreendemos conhecimentos para que façamos o caminho, mesmo que ela seja de pedras e espinhos desde a gestação. Para Hall (2006), “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento de nascimento” (Hall, 2006, p. 38).

Ao longo da vida desenvolvemos interações e identificações com diferentes pessoas e grupos, em meio a significados e conceitos. Como entender a participação na vida diária dentro de sua comunidade, como fazer com que os sujeitos indígenas continuem valorizando o conhecimento tradicional. Olhares para o horizonte aparecem nessa conclusão. Acredito que crianças que ainda não foram para escola também têm suas inteligências, seus saberes. Observando uma criança de dois anos de idade, percebi que a emoção fazia parte da vida dela. Algumas coisas que às vezes passavam despercebidas por mim.

Nunca pensei que uma criança ao assistir a TV pudesse assimilar sentimentos de emoção. Parecia que a criança era o ator naquele momento. Fiquei muito espantada ao ver isso: o personagem de uma novela de determinado canal chorava muito, e essa criança ficou parada na frente da TV e começou a chorar junto com o homem; mas chorava como se ela tivesse sentindo aquela dor, choro que vinha de dentro da alma, com muito soluço. Percebi então que as crianças apreendem para si aquilo que está na sua realidade do cotidiano, de acordo com a vivência, vão adquirindo para si mesmas

aquilo que vivencia no dia a dia, seja por imitação, no faz de conta, vai internalizando para si o modo de vida de sua comunidade local.

Por isso que a educação indígena é um tesouro guardado há século, que não pode ser esquecida, proposito de mudanças diante de obstáculos como rios que sabe contornar seus caminhos quando enfrentam dificuldades. E a criança traz para si o viver de muitas culturas. Eis ai um exemplo crianças feliz num mundo totalmente diferente:

Foto 32: criança vivendo numa casa de alvenaria.



Fonte: Aquino, 2008.

Tudo isso não deixa de ser um aprendizado na vida da criança que está se preparando para enfrentar um novo mundo que lhe aguarda. Com certeza, ela saberá vencer as barreiras com muita preparação, porque a vida é muito dura, com o atravessamento de duas culturas, sem deixar de ser ela mesma.

Estudar a sociedade não indígena e a comunidade indígena sem conhecer o modo de vida dos seus povos e de suas criança resulta em uma pesquisa inacabada. No meio delas está à cultura infantil, que às vezes é quase esquecida. Elas transitam e se expressam dentro dos limites e no espaço que lhes é próprio, incluindo o caminho da aprendizagem.

As transformações constantes de aprendizagem não acabam na vida adulta, nem mesmo quando se morre. São processos que vão acontecendo em conhecimento na sua forma diversa de aprendizagem. Tem que passar por todos os rituais de passagem. Esse é o caminho que os conduzirá durante o difícil caminhar.

A comunidade indígena continua lutando pelos seus ideais e sonhos de uma terra onde não existam maldades, a “terras sem males”. Essas correntes de avivamento de luta estão também nas crianças, “o renascer das cinzas como uma águia”. A comunidade precisa achar o seu lugar novamente, mesmo hibridizado, mas através da conscientização, com entrosamento, que vai acontecendo nos espaços de discussão, que vão se entrecruzando com as rotinas, até o amadurecimento.

O mundo da modernidade é estranho, muito ameaçador, mas será sempre um desafio para reorganização de significados para o mundo indígena no momento atual. Não se pode deixar de valorizar a cultura, as tradições e o modo de ser Guarani/Kaiowá para melhorar a identidade que lhe favorece viver em paz, o conhecimento dessas crianças redescobrirá a “política de uma auto-afirmação de identidade”.

A criança Guarani/Kaiowá sempre teve e terá um papel importante em sua comunidade, a partir da interação com outras crianças e pessoas transitando em outras culturas e estabelecendo formações de múltiplas identidades. São participantes e construtores de cultura. O novo horizonte é sempre mais difícil de entender, mas é preciso sempre sair do entre - lugares para apreender o momento que se vive e dele fazer um cruzamento a cada momento. Principalmente na chamada pós-modernidade, as culturas, as tradições precisam ser reconstruídas e ressignificados constantemente.

A forma e os procedimentos para a efetivação desse aprendizado podem e devem ser discutidos com a comunidade interna e externa da escola, para que ela não funcione como uma instituição imposta da vida social, mas que participe da comunidade de forma ativa e integrada, no mundo moderno. Na reconstrução de conceitos para a comunidade é preciso lembrar as raízes que sustentam as bases para ser um Guarani/Kaiowá eficiente; são os modos próprios de aprendizagem que vão sendo construídos na medida em que vai crescendo. Cada indivíduo tem um projeto de realização e a escola, em muitos casos, não considera como ponto de partida, mas impõe um projeto da instituição escolar, ao qual o aluno tem que se adaptar, com sacrifício, se homogeneizando para a tal fim, não levando em conta o objetivo de realização pessoal e coletivo.

É necessário buscar constantemente os conhecimentos tradicionais e a valorização da sabedoria indígena, aquilo que um dia quiseram apagar da convivência e da mente dos povos indígenas: a sua cultura, o seu modo de ser, as suas tradições, sua língua e a suas crenças, no intuito de se manterem como cidadãos e lutar sempre pela sua sobrevivência, a cada dia aprendendo a se adaptar às mudanças do mundo “moderno”.

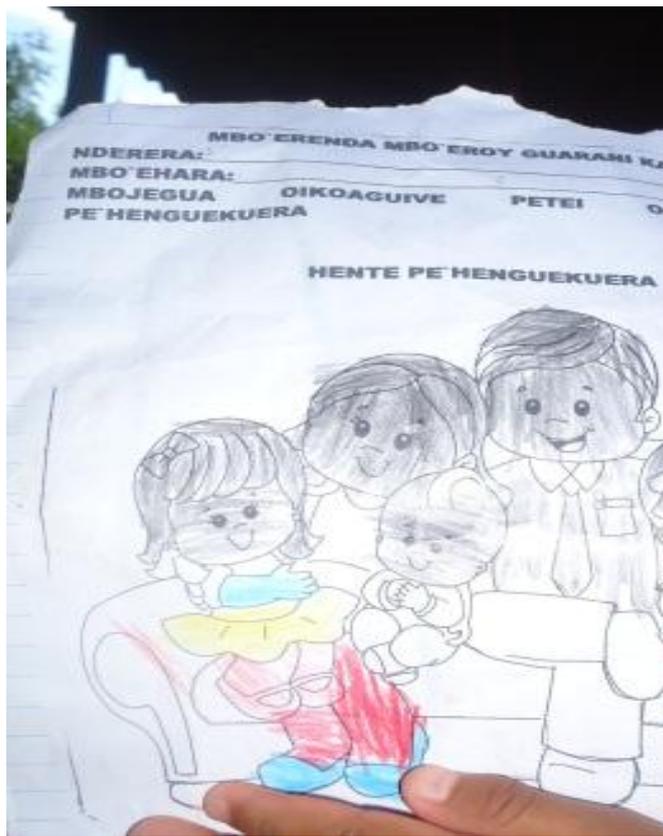
As crianças também aprendem a se adaptar de diferentes maneiras e em vários momentos, desde o seu nascimento até a vida adulta. Conforme Cohn (2005): “portanto, cada criança criará para si uma rede de relações que não está apenas dada, mas deverá ser colocada em prática e cultivada” (COHN, 2005, p.30).

Elas reforçam a negociação entre os dois mundo, de onde vivem atualmente, bem como o modo de aprender cotidianamente, seja na família, na comunidade, na reza, nas danças, na igreja, nas festas tradicionais e religiosas.

A escola dos Guarani/Kaiowá deveria incentivar as crianças a valorizar e conservar sua própria cultura, começando a trabalhar com os conhecimentos de sua realidade, aquilo que as manterá firmes no seu costume e tradição deixado pelos seus antepassados, mantendo sempre o uso da sua língua materna nas duas modalidades: oral e escrita. Vejo que nem sempre são levados em consideração os conhecimentos adquiridos na família. As crianças chegam pela primeira vez na escola encontram um mundo totalmente diferente, não uma continuidade daquilo que eles aprenderam no cotidiano do dia a dia, com seus pais, parentela do entorno, com os “ñanderu e ñandesy”.

Há uma fragmentação de ensino, me parece que o tradicional e deixado de lado. Tenho um exemplo de uma menina de cinco nos a qual presenciei chegando da escola e me mostrou uma atividade que a professora trabalhou na disciplina de Arte:

Foto - 33: atividade escolar.



Fonte: Aquino, 2012

Foto - 34: aluna e a sua atividade.



Fonte: Aquino, 2012

Isso me deixou muito revoltada por eu ser professora e sei que os objetivos da escola é trabalhar o diferente e nesse trabalho não vi nenhuma diferença, sendo que a professora é indígena numa escola indígena e está trabalhando totalmente fora do contexto da realidade da criança. Não deveria ser essa atividade e a partir da experiência de cada criança que o processo próprio de aprendizagem vai acontecendo. Isso tornará o trabalho e aprendizagem tanto do professor e da criança muito mais fácil o seu aprender sistematizado.

As crianças aprendem no cotidiano do próprio meio e também no entorno onde vivem. Os conteúdos no meio aprendido se transforma em uma ciência quando elas vão para escola, esses conteúdos não deveria ser fragmentado o ensino tradicional do ensino trabalhado na escola, já que se entende pelo nome de Educação Escolar Indígena. O ensino aconteceria de acordo com o processo próprio de aprendizagem, se fala no diferenciado, mas as escolas indígenas continuam obedecendo à educação de quinhentos e onze anos que veio de outro continente.

Se fosse trabalhado nesse conceito, a criança desde pequeno já assumiria a sua responsabilidade, conhecendo seus deveres e direitos como sujeitos cidadãos, sem as barreiras das fronteiras a lhes atrapalhar. Quando assumirem se como adultos, continuará sendo seus próprios produtores e criadores de suas histórias a partir de experiências vividas e com isso conquistar o novo e dando um novo significado ao conceito para a sua vivência do cotidiano.

A aprendizagem de todas as crianças requer das sociedades uma verdadeira revolução de ação conjunta em convivências na comunidade de forma comunitária, igualitária e justa a integrarem-se como sujeitos participativos, principalmente no transmitir o que sabe ao que está no entorno. Compartilhar a sabedoria e os conhecimentos como faziam os antepassados, os mais velhos, os “ñanderu e ñandesy”, caciques e outros. Mesmo que as transformações sejam doloridas, principalmente quando se fala dos povos indígenas, que as mudanças são difíceis, mas tem de se sujeitar a acompanhar para garantir e sobreviver na sociedade híbrida, que requer um jogo de cintura seja ela na educação ou fora dela.

O Guarani/Kaiowá precisa negociar o conteúdo sistematizado com o sistema tradicional de educação numa relação de ambigüidade auxiliando para o alcance do mesmo objetivo, acompanhando o “ñandereko” em todo momento. Se transformando a

cada dia e de acordo com o que o momento exige na modernidade atual, o necessário para viver a vida de agora e também do amanhã e assim preparando a nova geração para o futuro incerto, com mais tranquilidade tanto na alma e no espírito como todo.

Os “ñanderu e ñandesy” são os responsáveis pelo caminho sagrado que cada criança irá trilhar, caminho guiado através do batismo espiritual, um ritual obrigatório para crianças Guarani/Kaiowá ao nascer. Eles (ñanderu e ñandesy) reconhecem a alma dos sujeitos (guyrakuéra) de cada criança e a sua origem, se veio do oriente ou do ocidente, qual o significado de sua vida e vinda na terra. Cada criança é um ser humano que está em aprendizagem constante. Ela conta com a ajuda dos líderes espirituais e precisa de uma busca constante de conhecimento sagrado que também o ajudará a não cometer erros graves que possam entristecer seu deus. Isso requer aprendizagem nova em cada momento e fase da vida. Para os jovens e crianças ficam os conselhos de semear a semente que brotará em seus corações, e os espíritos sagrados os designarão seus filhos durante a caminhada em busca da terra sem males, que manterá viva a tradição, seja ela sistematizada ou não.

O modo de aprender e com quem se aprende são dos mais diversos. É a família quem tem responsabilidade de cuidar, educá-las e desenvolver princípios para ser um bom Guarani/Kaiowá. Nessa fase se aprende com muita facilidade sem reclamar. É na infância que se aprende a construir significados sociais fundamentais para a fase adulta. É na convivência e tendo um bom relacionamento com os mais velhos e conhecedores da realidade em que se vive que as crianças aprendem a descrever seu aprendizado do dia a dia, o jeito certo de ser em cada momento da vida e de acordo com seus costumes. Dessa maneira, vão compreendendo a função que exercem na comunidade em que estão inseridas.

As crianças nas concepções Guarani/Kaiowá, são seres históricos, sociais, étnicos, culturais, políticos, portadoras e reprodutoras de conhecimentos com trajetórias que buscam uma construção de sobreviver, do seu jeito, com mudanças, sem esquecer as regras da sociedade, como sujeitos em desenvolvimento, mas que quando forem adultos serão os mensageiros do deus “tupã”.

O “novo” será sempre um além, que está numa fronteira, que é um ponto de partida, que precisa atravessar os entre - lugares, fazendo as negociações das diferenças existentes na pós-modernidade entre indígenas e não-indígena, com as outras raças,

ressignificando aquilo que parecia impossível ser transformada. Talvez se chegue a um consenso no uso das palavras interculturalidade e diferenciado, com mesmos significados, mas nunca iguais. O ser diferente precisa ser respeitado e valorizado como tal e para isso é preciso entender que não existe cultura melhor e nem pior, todas se complementam. E a escola, com a comunidade local, terá o dever de dialogar cotidianamente com tais culturas e reconhecer o pluralismo cultural brasileiro, não importando com quem, ou para quem.

A educação estará terá que viver e caminhar juntos de maneira vinculada entre o tradicional e o sistematizado, com aquilo que se busca realmente para viver num mundo melhor e justo, um mundo sem maldade. A nossa comunidade, que é o seio onde se desenvolve o direcionamento das reflexões da educação de todos os sujeitos e principalmente das crianças pequenas que ainda não foram à escola, está em constante construção de processos próprios de seu aprendizado, aquilo que trará uma verdadeira mediação entre os dois mundos, daquilo que aprendeu juntando os conhecimentos indígenas e não indígena, mas do seu jeito. Isso facilitará a aprendizagem, apesar de estarem caminhando com outro conhecimento do entorno, que também faz parte da realidade vivida. Essa aprendizagem vai acontecendo cotidianamente não importando os momentos e nem os lugares.

Tudo se torna um espaço de aprender sempre, vai ultrapassando as fronteiras, os entre - lugares e afirmando sua identidade, buscando o seu pertencimento nos lugares adequados, aprendendo a conviver com mundos diferentes, respeitando as diferenças culturais existentes em cada povo dentro de suas particularidades.

Referências Bibliográficas

- ACOSTA, F. Idosa, Kaiowá. Amambai-MS
- AQUINO, João. Kaiowá, Anciões e avô, Amambai-MS
- BHABHA, Homi K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- BAUMAN, Zygmunt. *A comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BARTH, Frederik. *O guru, o iniciador – e outras variações antropológicas*. Tradução de John Cunha Comeford. Rio de Janeiro: Contra Livraria, 2000.
- BRAND, A. J. *O confinamento e seu impacto sobre os Pai-Kaiowá*. Porto Alegre. Dissertação (mestrado) Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 1993.
- BERGAMASCHI, M. A . Educação escolar indígena: um modo próprio de recriar a escola nas aldeias Guarani. Cadernos do CEDES (UNICAMP), v. 27, p. 01-20, 2007.
- CANCLINI, Nestor G. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CASTELÃO, L. Mãe evangélica, Amambai-MS
- COHN, Clarice. *Antropologia da criança*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- FELICIANO, Martins. Ñanderu Guarani, Amambai-MS.
- FLEURI, Reinaldo M. (org.). *Educação intercultural: mediações necessárias*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

LANDA, Beatriz S. *Os Nandeva-Guarani e o uso do espaço na Terra Indígena Porto Lindo/Jakarey, município de Japorã/MS*. Porto Alegre: PUCRS, 2005. Tese de Doutorado em História.

LOPES, Maria. Ñandesy e mães Guarani, Amambai-MS.

LOPE, Aparecida. Família tradicional. Amambai-MS.

LOPES DA SILVA, A; MACEDO, A. V. L. da SILVA; NUNES, A. (orgs.). *Crianças indígenas: Ensaio Antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

MELIÁ, B. *Educação indígena e alfabetização*. São Paulo: Loyola, 1979.

MARTINS, Severina, Ñandesy, mães e avós Guarani/Kaiowá. Amambai-MS

NASCIMENTO, Adir Casaro. *Escola indígena: palco das diferenças*. Campo Grande: UCDB, 2004.

_____. *Escola Indígena Guarani/Kaiowá no Mato Grosso do Sul: as conquistas e o discurso dos professores - índios*. Revista Tellus/ Núcleo de Estudos e pesquisas das Populações Indígenas – NEPI. Campo Grande: UCDB – Periódicos, out. 2003.

PEREIRA, L. M. No mundo dos parentes: a socialização das crianças adotadas entre os Kaiowá. In: LOPES DA SILVA, A; MACEDO, A. V. L. da SILVA; NUNES, A. (orgs.). *Crianças indígenas: Ensaio Antropológicos*. São Paulo: Global, 2002.

PROJETO Ára Verá – Espaço – Tempo Iluminado. Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, 1999.

PROJETO DE PESQUISA – Núcleo Local (Submetido ao Edital 001/2009-CAPES/DEB/SECAD/INEP - Observatório de Educação Escolar Indígena). Formação de Professores Indígenas Guarani e Kaiowá em Mato Grosso do Sul: relações entre territorialidade, processos próprios de aprendizagem e educação escolar.

SÉRIE ESTUDOS: Periódicos do Mestrado em Educação da UCDB. *Dossiê Diversidade Cultural e Educação Indígena*. Campo Grande: Editora UCDB Nº 15, jan./jun. 2003.

OLIVEIRA, L. Idoso. Guarani/Kaiowá. Amambai-MS

SAVALA, N. Ñandesy e Anciões Kaiowá, Amambai-MS

VILHALVA, Mauro. Ñanderu Kaiowá, Amambai-MS.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz. Escola indígena: novos horizontes teóricos, novas fronteiras de educação. In: SILVA, Aracy Lopes da, FERREIRA, Mariana Kawall Leal (Orgs.). *Antropologia, História e educação: A questão indígena e a escola*. São Paulo: Global, 2001. p. 29-43.